

Lourdes M. G. Conde Feitosa

Amor e sexualidade no popular pompeiano:

uma análise de gênero em inscrições parietais

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

Este exemplar corresponde à redação
final da tese defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 30/10/02.

BANCA

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

Prof.^a. Dr.^a. Maria Isabel D'Agostino Fleming

Prof.^a. Dr.^a. Norma Musco Mendes

Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese

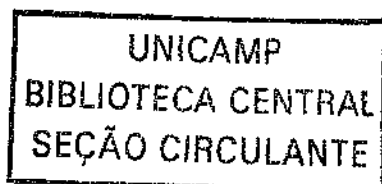
Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Prof.^a. Dr.^a. Elaine Hirata

Prof. Dr. Leandro Karnal

Outubro/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	TIUNICAMP F 329 a
V	EX
TOMBO BC/	51651
PROC.	16-837-02
C	☐
D	☒
PREÇO	2811,00
DATA	06-12-02
Nº CPD	

CM00176248-4

BIBID - 275672

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

F 329 a Feitosa, Lourdes Madalena Gazarini Conde
Amor e sexualidade no popular pompeiano: uma análise de gênero em inscrições parietais / Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa . - - Campinas, SP: [s. n.], 2002.

**Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Civilização antiga. 2. Cultura material. 3. Amor.
4. Sexo (Psicologia). 5. Pompéia (Itália) – História. I. Funari,
Pedro Paulo Abreu. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

Lourdes M. G. Conde Feitosa

Amor e sexualidade no popular pompeiano:
uma análise de gênero em inscrições parietais

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

Resumo:

Até recentemente, nos trabalhos históricos, pouca atenção era destinada às minorias, classes populares e outros grupos periféricos. Este aspecto é especialmente evidenciado para períodos mais distantes, o que é ainda dificultado pelo limite e fragmentação das fontes que possibilitam algum tipo de reconstrução.

Felizmente, Pompéia se coloca como um fato raro relativo ao Império Romano, e um olhar aguçado sobre os grafites, escritos por populares, pode conduzir a novas interpretações sobre conceitos que vêm sendo canonizados pelas poucas leituras sobre aqueles grupos populares e momento, usualmente, avaliados pelo crivo do conhecimento erudito e aristocrático.

Assim, dados os novos ventos oriundos da antiga Pompéia Romana, este trabalho sugere algumas concepções distintas para conceitos como feminino e masculino, analisados em uma perspectiva de gênero. Emerge, dessa análise, um outro olhar sobre o papel sexo-social de populares pompeianos do I Século a. C., o que permite um confronto dessa leitura com discursos acadêmicos sobre o assunto.

Abstract:

Until recently, scholarly studies paid little attention to minorities, popular strata and other subordinate groups. This is particularly the case of ancient history, given our limited access to ordinary people and the scarcity of historical sources. It is thus difficult to produce interpretive frameworks to understand those strata.

Fortunately Pompeii is an exception, as the city has produced popular evidence, particularly graffiti inscriptions, enabling us to interpret gender relations in the Roman Empire. Several studies on the subject restricted themselves to academic and aristocratic viewpoints.

In this context, considering the evidence from Pompeii, this study uses gender analysis to understand the construction of female and male roles in popular strata at the first century AD. The results are then compared to established scholarly discourses on the subject.

A Hércules, Daniel e Mateus
pelo carinho, amor e
compreensão.

Aos meus pais João e Adelaide
que sempre amaram as letras,
mas que pouco puderam
trilhar por elas.

Agradecimentos:

Quero registrar os meus sinceros agradecimentos:

A todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Ao Professor Pedro Paulo Funari, por sua valorosa orientação, apoio e estímulo de muitos anos.

A FAPESP, pela bolsa de doutorado, pelos recursos concedidos para a aquisição de materiais, livros e documentos, pelo apoio na participação em congressos e eventos do gênero e, ainda, pelo suporte financeiro destinado às viagens de pesquisa a Pompéia, Roma e Barcelona.

À Professora Margarete Rago, pela alegria e seriedade com que discutiu as questões de Teoria da História e de Gênero, essenciais para a realização desse estudo.

Aos Professores André Leornado Chevitarese e Eliane Moura, pela leitura e sugestões apresentadas no exame de qualificação.

Ao Padre Boaventura Barrón pelo carinho, disposição e auxílio com o Latim.

Ao CPA (Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico, Helenístico e sua posterioridade histórica) do IFCH/Unicamp, pelo espaço de diálogo, troca de experiências e discussões sobre a Antigüidade.

Ao Professor José Remesal Rodríguez, catedrático da Universidade de Barcelona, pela acolhida em terras espanholas e por ter facilitado o meu acesso às bibliotecas e arquivos da Espanha, assim como da Itália.

Ao Professor Victor Revilla, também da Universidade de Barcelona, e aos

membros do CEIPAC (Centro para el Estudio de la Interdependencia en la Antigüedad Clásica), em particular, a Antonio A. Martín, Rosario R. Guardiola, Lluís P. Pujol e a Pablo O. Gil, pelas discussões sobre história romana, envio de textos e acolhida quando das minhas estadas em Barcelona.

Ao Professor Antonio Varone, diretor da Superintendência Arqueológica de Pompéia, pela cessão de texto ainda inédito.

Aos meus colegas Andrés Zarankin, Renata Beleboni, Glaydson da Silva, Marina Cavicchioli, Fábio Hering, Solange Nunes, Nanci de Oliveira, Maria Augusta Pimentel, Fábio Faversoni, Claudiomar R. Gonçalves, pelas discussões e carinho de todos os momentos. Deixo um agradecimento especial a Dione Bandeira, pelas calorosas acolhidas, e a Renata S. Garraffoni, que acompanhou as diferentes etapas dessa pesquisa com alegria, disposição e comentários fundamentais para melhor organização do texto.

Agradeço, ainda, a Silvana Suaiden, que me recebeu com tanto carinho em Campinas e a amiga de longa data Márcia Regina Sierra, pela força e ânimo.

Deixo uma menção especial a minha família: ao Hércules, por tantas sugestões a esse estudo, serenidade e ajuda inestimável; às minhas irmãs Maria Inez e Iveti, presenças constantes e apoio carinhoso e aos meus pais, pelo amor de sempre.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, por ter me dado força, inspiração e coragem para levar adiante esse projeto.

Índice

Introdução	01
1. Gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos	11
1.1 Reflexões teóricas	12
1.2 Relações de gênero: uma definição	16
1.3 Gênero e estudo das Mulheres	34
2. Representação do amor e da sexualidade na literatura acadêmica ...	39
2.1 Tratamento das fontes romanas com imagens "eróticas"	40
2.2 Investigando o amor e a sexualidade romana	46
3. Pompéia: edificações de um cenário histórico	57
3.1 Uma chuva sobre Pompéia	58
3.2 Sobre as inscrições romanas	65
3.3 Estiletos e pincéis em ação	70
3.4 Economia romana: debates e vertentes	75
3.5 Identificando uma economia para Pompéia	80
4. A expressão popular nos grafites	87
4.1 A cultura popular	88
4.2 Grafite: o (di)verso popular	94
4.3 Pensando no popular de Pompéia	104

5. Amor e sexualidade em inscrições parietais	117
5.1 Sexualidade masculina na historiografia	118
5.1.1 Representações de futuere: mais do que uma ação masculina	124
5.2 Sexualidade Feminina na historiografia	129
5.2.1 Cunnum lingere: marca de lassidão?	132
5.3 Sexualidade popular em uma articulação de gênero	136
Considerações Finais	157
Referências Bibliográficas	161
Índice dos Grafites Analisados	185

Introdução

As pesquisas em História têm, tradicionalmente, os seus enfoque centrado nas questões econômicas e políticas. Contudo, em tempos mais recentes, particularmente nas últimas décadas do século XX, uma ampla variedade de temas até então pouco comuns nas pesquisas históricas passaram a atrair a atenção. São temas diversos como a família, a mulher, o marginal, o imaginário, a sexualidade, a criança e o amor, dentre muitos outros. Essas novas abordagens, de uma maneira ou de outra, são marcadas por questionamentos sociais e culturais desenvolvidos, nesse período, em diversos lugares do mundo e que impulsionaram alterações nas relações de trabalho, na participação política, nas questões ambientais, nas disputas raciais, na atuação feminina e, de maneira marcante, nos valores morais e sexuais.

Com o declínio do colonialismo, em certos pontos do globo, e resistências com relação à modernidade, em algumas situações, muitas vozes passaram a denunciar as desigualdades sociais, as diferenças injustificadas de cunho sexual e racial e as formas de dominação originadas pelas sociedades capitalistas, baseadas na exploração predatória do homem e da natureza, e na promessa de um progresso, na prática, não acessível à grande maioria dos seres humanos.

Nesse ambiente, tornaram-se mais freqüentes as lutas contra as diferenças sociais, étnicas, religiosas e sexuais, entre outras, as quais propiciaram a organização de movimentos feministas, de operários, de negros, de imigrantes, de homossexuais e de outros grupos marginalizados pelas estruturas insti-

tuídas.

Todos esses movimentos influenciaram de modo decisivo as Ciências e, em especial, a História. Assim, os paradigmas da história tradicional passaram a receber críticas de diversas origens acadêmicas, com outras propostas teóricas e epistemológicas de se conceber e escrever a História. Podemos mencionar como formuladores de tais oposições a Escola dos *Annales*, a Teoria Crítica Marxista, as Epistemologias Feministas, a Psicanálise, a Corrente do Desconstrutivismo e o Pós-Modernismo. Essas incursões conduziram a novas abordagens sobre o conhecimento histórico e influenciaram tanto na escolha do tema, como na forma de se organizar e desenvolver as pesquisas históricas.

Dentre essas abordagens e debates estão os estudos feministas e, mais recentemente, as propostas de análises baseadas em questões de gênero. Os movimentos feministas se caracterizam como opositores às desigualdades entre homens e mulheres, nas sociedades contemporâneas, e denunciadores da exclusão feminina na análise histórica. Como encaminhamento de tais reflexões, adeptos do movimento passaram a investigar as suas atuações ao longo da História. E as propostas de gênero, desabrochadas no interior desse movimento, buscam novas visões para se entender os significados dados aos conceitos "mulher" e "homem" e os papéis a eles atribuídos em tempos, espaços e culturas diversas.

Essas reflexões de gênero têm se oposto aos modelos rígidos e estereotipados construídos de feminilidade e de masculinidade, que tanto inibem as relações pessoais. Questiona-se a imposição de práticas sexuais e condutas amorosas pré-estabelecidas como aquelas legítimas e esperadas de "uma mulher" ou de "um homem" e é rejeitada a noção de que as motivações sexuais humanas sejam "instintivas" ou "naturais", embora essas idéias ainda estejam

arraigadas no senso comum. Também discutem-se as justificativas dadas para a ocupação dos lugares sociais a partir desses modelos comportamentais estabelecidos. Assim, parafraseando Rimbaud¹, "o amor está por ser reinventado", o mesmo pode ser dito da sexualidade e da influência de ambos nas composições dos femininos e dos masculinos.

Convencida de que um entendimento sobre o sentido de ser mulher e de ser homem depende das relações estabelecidas entre eles, e em função dos elementos culturais partilhados e das posições sociais ocupadas, desenvolvo esta pesquisa com o objetivo de refletir sobre a questão de gênero, particularmente nas relações sexo-afetivas, entre os grupos populares pompeianos. Certamente esta é uma busca inovadora pois, como mencionado acima, a área de pesquisa é razoavelmente recente, poucos são os trabalhos, neste contexto, tratando da Antigüidade e ainda mais remotos são os estudos sobre grupos populares romanos internalizados nessa tradição.

Esse interesse surgiu com a minha trajetória de pesquisadora que há algum tempo vem investigando o mundo romano, com ênfase nas acepções de homens e mulheres, por meio das relações amorosas. Em minha pesquisa de mestrado nomeada *Homens e Mulheres Romanos: o corpo, o amor e a moral*, segundo a literatura amorosa romana (Ovídio e Petrônio)², pude analisar os atributos físicos e comportamentos éticos e amorosos conferidos às mulheres e aos homens do século primeiro, através de obras de Ovídio e de Petrônio. Como os autores integravam as elites romanas do Século I d. C., inferiu-se tratar de informações preciosas sobre as representações de masculino e de feminino, mas a partir do mundo em que viviam, ou seja, sob o prisma de suas concepções aristocráticas,

¹ Apud G. Lipovetsky, 2000: 27.

mais do que a mentalidade de outros estratos sociais a que se referiam.

Este estudo persuadiu-me da não-existência de uma única cosmovisão de beleza e valores amorosos na referida sociedade, nem mesmo entre a aristocracia romana. E mais, que os aspectos afetivos e éticos descritos pelos poetas iam além da imaginação literária, mas vislumbravam mudanças pelas quais passava a sociedade daquele período.

Certos paradigmas interpretativos salientados pela historiografia contemporânea, em particular textos de Veyne e Foucault, apresentaram-se conflitantes aos descritos nas fontes literárias ao reduzir os papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens a modelos rígidos e generalizantes. Por exemplo, os ideais de virgindade, castidade e fidelidade, realçados pelos autores modernos, foram postos em questão pelos diversos comportamentos apresentados pelos personagens femininos destacados nas obras literárias; bem como as imagens de sobriedade, austeridade e racionalidade atribuídas aos homens. Dessa maneira, os papéis sociais conferidos à mulher – submissão – e ao homem – comando – , enfatizados pela historiografia analisada, perdiam a sua rigidez ao serem estudados no âmbito da afetividade já que, mesmo dentre as elites, aduziam-se campos de ação femininos e masculinos contraditórios. Dessa maneira, concluí que se fazia necessário levantar novas visões sobre a temática amorosa, em particular como esta operava entre grupos que não pertenciam às elites romanas, porém usando registros deixados por esses mesmos populares.

Dando prosseguimento às minhas leituras sobre o tema, pude verificar o esforço de pesquisadores, principalmente os de língua inglesa, em analisar a documentação de cunho sexo-afetivo considerando outras perspectivas além

² Cf. L. Feitosa, 1994.

das correntes da literatura. Reflexões que têm favorecido análises com novas interpretações sobre as mentalidades, sexualidade e as concepções de feminino e de masculino, em sociedades passadas, e como estas são usualmente apresentadas em discursos historiográficos contemporâneos. Com elas, pude confirmar que a articulação sexo/gênero apresentada para a sociedade romana do Século I d. C. estavam centralizadas nas elites e que tal análise ainda precisa ser desenvolvida para os grupos periféricos, como disse Skinner: *further research on the rhetoric of sexuality is in order, with special attention to finding evidence of how marginal populations – women, slaves, noncitizens – designate themselves in respect to the conjunction of class and gender* (Skinner, 1997: 25).

Devo salientar que muito dos estudos publicados sobre essa questão ou mantém abordagens preconceituosas e baseadas em noções de senso-comum, com relação a esses grupos populares; ou generaliza a questão para um amplo universo denominado “povo romano”, em que conceitos gerais de “homem e mulher romanos” não permitem vislumbrar sobre quem se está falando e quais as relações estabelecidas entre esses indivíduos.

Assim, parece-me ainda mais desafiadora a proposta inicial de desenvolver uma análise amorosa sob a perspectiva de gênero para populares, acreditando que este estudo possa contribuir para o avanço de sua compreensão. As minhas escolhas recaíram sobre o entendimento de elementos culturais da vida dos grupos populares, através das fontes produzidas por pessoas que não pertenciam as elites romanas.

A dificuldade central repousa no fato de que muitos dos documentos escritos, iconográficos ou arqueológicos perderam-se pela ação do tempo, dos homens ou mesmo por sua depreciação pelos estudiosos. As fontes materiais de

Pompéia, cidade coberta pela erupção do Vesúvio no ano de 79 d. C. e redescoberta apenas no século XVIII, é uma exceção a essa regra. Grande parte de sua documentação tem sido preservada, dentre elas os grafites, nunca antes encontrados em tamanho número em um mesmo local. Essa escrita registrada em paredes da cidade é fonte crucial para as minhas buscas. A ênfase maior é sobre aspectos de cunho sexual, sentimental e amoroso presentes naquelas inscrições, que estão catalogados e publicados no volume IV do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL).

Ao trabalhar com esses registros, solidifiquei minha intenção de pensar a concepção amorosa para mulheres e homens populares, na medida que essa é uma temática corrente entre eles. Não se trata de um estudo filológico dessas inscrições, mas de se fazer uma leitura histórica e cultural que favoreça pensar a composição do feminino e do masculino nesse meio, em um confronto com discursos historiográficos contemporâneos.

Algumas dificuldades colocam-se para o manuseio dessa documentação como a interpretação do latim popular, o entendimento do texto, a fragmentação da escrita e a intervenção das muitas reconstituições modernas sobre ela. Assim, tem-se claro que a análise das inscrições não resgata os sentidos que continham ao serem escritas, mas como os significados a elas atribuídos são frutos de interpretações que podem variar de um momento histórico a outro. Por isso, é fundamental destacar que, neste trabalho, assumo a concepção de que o conhecimento histórico é uma construção discursiva e tal ótica norteia o desenvolvimento deste texto, a começar pelo próprio manuseio e leitura dos grafites. Nesse caminho, são apontados os significados para algumas das expressões utilizadas como inscrições parietais, cultura popular e grupos popula-

res pompeianos; também mostro evidências de que algumas concepções ou tradições historiográficas não são apropriadas para os grupos periféricos do mundo romano.

Para a leitura desta pesquisa, seguem algumas considerações e esclarecimentos que facilitarão o seu entendimento.

A primeira observação diz respeito aos grafites. Todas as letras das inscrições latinas apresentadas que estiverem entre parênteses e/ou com uma interrogação na frente não constam do original e são sugestões de estudiosos para as palavras ou frases incompletas. Por exemplo:

Glove dicet Symp(h)ore (?)

Vale Naev(os) male periat

O

CIL, IV, 4430

As traduções dos trechos literários e das inscrições em latim aqui mencionadas foram todas discutidas com Pedro Paulo A. Funari e, algumas delas, com outros estudiosos, embora a responsabilidade última recaia apenas sobre mim. Em diversas delas sigo as propostas de outros pesquisadores, indicadas em notas de rodapé. Como os grafites são interpretados como a expressão popular dos habitantes de Pompéia, a transliteração de seu latim para o português mantém uma linguagem que acredito ser a mais próxima do uso popular. As menções de cunho sexual também seguem essa conotação.

A segunda nota vem destacar que para a análise de amor e sexualidade na esfera popular pompeiana, estabeleci um diálogo entre história econômica, história social e de gênero, a fim de possibilitar um melhor desenvolvimento da questão. Isso porque considero importante analisar as possíveis atividades e-

conômicas desenvolvidas em Pompéia e quais seriam as pessoas, suas origens, suas ocupações e estatutos, que poderiam receber a denominação de "populares". Em função dessas preocupações, organizei o texto da maneira seguinte:

No capítulo primeiro, apresento o posicionamento teórico-metodológico considerado para o desenvolvimento desta pesquisa e, em particular, os elementos que priorizo para a sua aplicação no estudo da Antigüidade Romana. Nele, o leitor também encontrará uma breve análise dos estudos feministas e de sua ligação com os estudos de gênero.

O capítulo seguinte é dedicado a uma análise sobre as concepções de amor e sexualidade apresentadas na literatura acadêmica. Inicialmente teço comentários de como a documentação com referências sexuais da Antigüidade Romana foi, até recentemente, considerada e tratada, e as diferentes leituras propostas por estudos revisionistas sobre a sexualidade. Segue, então, a avaliação das obras historiográficas de temas amorosos aqui utilizadas.

Nos capítulos seguintes, o enfoque é sobre o universo pompeiano.

No terceiro capítulo, mostro como a antiga Pompéia Romana tem sido constituída enquanto tema histórico e o valor das inscrições para essa análise. Destaco aspectos gerais sobre essa documentação, suas características e particularidades e a composição do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, v. IV, com as inscrições da região vesuviana. Na seqüência, é apresentada uma série de versões acadêmicas sobre a trajetória histórica da cidade, com destaque para a atividade econômica, e como essa análise contribui para a compreensão do significado de "popular" em Pompéia.

Humildes, populares, modestos, são vocábulos utilizados para caracterizar aqueles que não pertenciam às elites. Quem seriam eles, em Pompéia, e o que podemos inferir de suas concepções por meio da análise parietal? No capí-

tulo quarto analiso essas questões. Apresento uma discussão conceitual sobre “cultura popular” e como os grafites podem ser considerados um veículo específico de seus valores e concepções. Termino com o exame de uma série de elementos que possibilitam pensar sobre a composição social desses grupos populares e questionar determinados modelos analíticos.

No último capítulo está uma busca, em grafites pompeianos, de informações sobre os aspectos de gênero norteadores desta pesquisa: sexo, relações sentimentais e os amores. A partir dessa análise, é estabelecido um cotejamento com aquilo que a literatura tem indicado sobre o tema. Como consequência derradeira, proponho alguns novos significados para esses conceitos, a partir de uma leitura da própria escrita popular.

Assim, faço o convite, para juntos, trilharmos por estas páginas e nos adentrarmos no ambiente do amor e da sexualidade popular da antiga Pompéia romana.

Capítulo 1

Gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos

○ passado nunca conhece o seu lugar.

○ passado está sempre no presente.

[Mário Quintana]

Os temas do amor e da sexualidade tornaram-se mais frequentes no campo histórico ao longo das últimas décadas do século XX, momento em que se aprofundam e intensificam os debates a respeito dos métodos e da escrita da História e a inserção de temáticas até então desconsideradas em sua análise. O interesse em compreender as inúmeras nuances que envolvem a vida dos seres humanos tem estimulado o desenvolvimento de análises interessadas nas variações culturais e históricas da constituição do corpo, das relações afetivas e das maneiras de instituir e gerir a sexualidade.

Nos temas históricos, as reflexões sobre essas abordagens passaram a refletir o anseio de pesquisadores preocupados em questionar enraizados pressupostos, e buscar outros suportes teóricos que permitissem inserir, em sua área de conhecimento, a história daqueles até então dela excluídos e rever antigos conceitos. A classificação dos indivíduos entre mulher e homem, segundo suas características físicas e com desempenhos e parceiros sexuais específicos, fixados por uma tradição moral baseada em relações heterossexuais, passou a ser incessantemente debatida. Essas discussões refletiram-se no campo teórico com análises preocupadas nas variedades que

teórico com análises preocupadas nas variedades que os comportamentos pessoais, as relações afetivas e sexuais, e os valores morais adquiriram ao longo da História.

Alguns aspectos desses questionamentos sociais e culturais e sua influência sobre o surgimento de novas propostas teóricas, bem como posturas metodológicas sobre o conhecimento e a escrita da História, são considerados neste primeiro capítulo. Nesse caminho, delimito o posicionamento teórico adotado, principalmente no que diz respeito ao estudo de gênero, utilizado como referência para a análise das concepções de feminino e de masculino no universo popular pompeiano. Por ser um tema de análise muito recente, envolto em um efervescente e amplo debate, faço um breve histórico de sua convergência com os estudos feministas e estabeleço os elementos de sua abordagem utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.1 Reflexões teóricas

O que é História? De que maneira é produzido o conhecimento histórico? Questionamentos como esses têm freqüentemente acompanhado os historiadores na análise histórica e, nas últimas décadas, pode-se perceber que propostas apresentadas tanto por historiadores, como filósofos, sociólogos, antropólogos e literatos têm contribuído para se fazer mais claro um entendimento sobre eles.

Gostaria de iniciar essa discussão com estas duas questões postas por Foucault: Quem somos nós hoje? O que significa pensar a nossa atualidade? Foucault, em *Q'est-ce que les Lumières?* (1984), procura refletir sobre essas

questões já levantados em um texto, de mesmo título, publicado por Kant em 1784. Considerado por Foucault como o texto inaugural da modernidade, inovador em sua reflexão histórica naquele período, Kant esboça uma resposta ao que definia como Modernidade ou Período das Luzes. Define-a como uma atitude mais do que um período da história, sendo esta identificada em uma maneira diferente de pensar, de sentir, de agir e de se conduzir em relação ao homem do passado (Foucault, 1984: 568). O espírito da modernidade permitiria o uso livre e público da razão pela humanidade, a conquista de sua maioridade por meio da racionalidade e sua autonomia em relação à superstição e à dependência religiosa (Foucault, 1984: 562, 568, 571). Por meio dessa interpretação, o saber histórico passava a envolver concepções absolutamente centralizadas em explicações racionais e objetivas da realidade, ocasionando a sua redução a conceitos rígidos e padronizados, a verdade.

Como fez Kant no final do século XVIII, nas últimas décadas, muitos historiadores e filósofos têm se dedicado a repensar o momento presente, a realizar inúmeros questionamentos e propor ampla crítica cultural, teórica e epistemológica à elaboração, à escrita e ao discurso do modelo iluminista.

Originadas em *loci* diversos e com enunciados diferenciadas, tais análises chamam a atenção para o uso do método histórico como representante de uma ótica capitalista e industrial, fundamentada na imagem de progresso e da superioridade dessas sociedades. O saber histórico aparece como o resultado dessa visão, propagada por meio de idéias universais dadas pelo resgate de contextos históricos; a existência de sujeitos universais como "a mulher", "o homem", "o povo"; além da crença na objetividade do discurso científico e na onisciência do

narrador, projetando uma imagem de autoridade à análise como se fosse a própria recuperação do passado¹.

Nele, as sociedades anteriores eram vistas como etapas de uma evolução programada e destinada a gerar o homem moderno. Não todo e qualquer homem, mas aqueles que "verdadeiramente" faziam e ocupavam o espaço definido como o da história (social e, por extensão, acadêmica), ou seja, o político e o econômico, portanto, os imperadores, os militares e os grupos dominantes, considerados os detentores do poder e definidores do curso da História. Um dos aspectos salientados por interpretações críticas é como esses estudos sobre o passado e dos aspectos enaltecidos como as guerras, os expansionismos territoriais, os conceitos de cultura dominante e dominada e de superioridade das elites masculinas caracterizam não o seu resgate, mas olhares e versões sobre ele a partir de enfoques e perspectivas que garantem às sociedades ocidentais capitalistas a manutenção de seu *status quo*.

Os inúmeros questionamentos e discussões realizados em torno do conhecimento histórico e a grande profusão de métodos e propostas teóricas alternativas acabaram gerando tempos de incertezas e crises epistemológicas na Ciência Histórica, como disse Chartier nos anos setenta (1994: 100). Desde então, não se tem um conceito único do que seja História, nem as direções definidas para fazê-la, e uma multiplicidade de estudos passou a realçar outras maneiras de se conceber o conhecimento e a escrita da História.

Diversos aspectos desses novos questionamentos e de suas implicações teórico-metodológicas orientam os rumos deste estudo. Partilho da idéia de

¹ Há uma ampla bibliografia crítica às formulações teóricas da narrativa tradicional e do repensar historiográfico, dentre a qual menciono: Thompson, 1981; Veyne, 1982; Castoriades, 1982; Foucault, 1984; White, 1997; J. Schmitt, 1990; R. Chartier, 1994; P. Joyce, 1995; M. Certeau, 1999; D. Fowler, 2000 e M. Rago, R. Gimenes, 2000.

que os fatos históricos não estão prontos para serem descobertos e revelados em uma sequência contínua, mas que são definidos segundo uma formulação do historiador e interpretados por ele (Veyne, 1982: 53; Chartier, 1990: 79; Barthes, 1988: 156; Joyce, 1995). Como o "fato" histórico não é concebido como um acontecimento, a ser encontrado em algum lugar do passado, também não é possível dizer "o que realmente aconteceu", na medida que é o historiador quem elege o seu tema e constrói as suas verdades parciais. O objetivo não é produzir um conhecimento absoluto, verdadeiro e definitivo do assunto proposto, mas oferecer interpretações que sejam utilizadas como chaves de uma caixa de ferramentas (Ewald, 1993: 26), que auxiliem as análises dos temas investigados por meio de seus pontos em comum ou de seus embates.

Nesta pesquisa, não tenho a intenção de fazer uma meta-história, nem a preocupação em compreender objetivamente "toda" a realidade social analisada. Caminho para a microhistória, cuja proposta é penetrar as tensões sociais por meio da história de uma pessoa, de um grupo ou de algum acontecimento, e destacar o heterogêneo, o local e o específico. Estou em sintonia com o conceito de conhecimento histórico como um discurso subjetivo, histórico e político².

Subjetivo e histórico porque os valores e as experiências que me identificam enquanto ser humano e pesquisadora interferem na escrita do texto que produzo; e político, porquanto a escolha do tema pesquisado não é aleatório, mas visa a questionar uma dada situação. A aceitação da História como um discurso abre a possibilidade de se questionarem os motivos que levaram à construção de diversas acepções de passado. Trata-se de um olhar sobre povos que já viveram, que não tenha um fim em si mesmo, ou seja, que não se restrinja a

² Cf. Jones, 1997 e Funari, Hall, Jones, 1999. Como escreve Saffioti, "aceitou-se o engajamento do historiador em sua contemporaneidade e a relativização de sua objetividade" (1992: 45).

saber "o que aconteceu", mas que ofereça perspectivas para pensar o nosso momento e questionar as razões que induziram as conotações construídas sobre o passado (White, 1994: 62). Uma História vista pelo ângulo proposto por David Harlan:

que não diga respeito a autores mortos, mas a livros vivos, não a um retorno de escritores antigos a seus contextos históricos, não à reconstrução do passado, mas fornecendo um meio crítico pelo qual os trabalhos valiosos do passado possam sobreviver a seu passado de modo a falar-nos sobre nosso presente (Harlan, 2000: 62).

Sim, olhar para o passado a partir de reflexões do presente. Sob a influência de diversos questionamentos pelos quais tem passado a ciência histórica, dos quais alguns aspectos mais diretamente relacionados a esta pesquisa estão sendo apresentados. Parto de uma preocupação em confrontar discursos historiográficos contemporâneos sobre a sexualidade de populares romanos, com dados advindos de interpretações dos grafites pompeianos. As indicações parietais sexo-amorosas, além da comparação acima mencionada, permitem sugerir outras referências de feminino e de masculino para aquele universo. A seção seguinte introduz a uma discussão de gênero necessária para fundamentar idéias desenvolvidas posteriormente.

1.2 Relações de gênero: uma definição

A abordagem do sistema sexo/gênero, que trata da apreensão das rela-

ções de gênero por meio de estudos sobre comportamento ou representações da sexualidade, ainda é muito recente na pesquisa histórica, como enfatiza Skinner (1997: 3). No estudo da Antigüidade, a questão tem sido tratada principalmente pela historiografia americana e anglo-saxônica, cuja análise vincula discursos sobre sexualidade, articulação de gênero e o lugar social³. A própria análise de gênero utilizada para os estudos de sociedades antigas ganha maior destaque a partir dos anos de 1990, mas é ainda muito discutida e ambígua para aqueles que desejam enveredar por essa área⁴. A idéia de gênero surgiu durante a década de 1980, no bojo das epistemologias feministas, e tem perpassado diversas áreas do conhecimento como a Psicanálise, a História, a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, dentre outras, com extensas perspectivas de análises.

Já as abordagens feministas, amplamente discutidas nas últimas três décadas, colocaram em debate o papel das mulheres na História, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. Até os anos sessenta, grande parte da historiografia e, de maneira geral, a que tratava da Antigüidade, pouca atenção foi destinada às mulheres, pois o interesse corrente estava nas cenas de guerras e nas disputas políticas, espaços nos quais "elas" pouco apareciam (Perrot, 1989: 9-18). As exceções dão-se em alguns estudos relacionados às mulheres chamadas célebres como, por exemplo, a história de Messalina, de Cleópatra, de Livia ou

³ O livro organizado por Hallett e Skinner sobre *Sexualidades Romanas* é um bom exemplo desse tipo de análise. Por meio de discursos como os da medicina, das leis e da literatura, os autores apresentam variados ângulos da construção da imagem de masculino e de feminino a partir de posturas sexuais estabelecidas entre as elites romanas do início do Império. Cf. Hallett e Skinner, 1997.

⁴ Sobre eles ver Costa, Bruschini, 1992; Rabinowitz, Richlin, 1993; Scott, 1995; Pedro, Grossi, 1998.

Penélope, cujo interesse está na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham (Lopez, 1994: 37-40).

Essas discussões feministas vieram acompanhadas de uma recolocação dos princípios teóricos das Ciências Humanas, até então pouco atentos às experiências femininas. Alargou-se o conceito de documento histórico e, além dos tradicionais escritos oficiais, também ganharam valor documental a iconografia, a numismática e muitos outros vestígios arqueológicos permitindo, desde então, "trazer para a História" a experiência e o olhar feminino. Sobre a História Antiga Romana, esses estudos têm permitido rever as áreas de atuação tradicionalmente atribuídas às mulheres, bem como repensar conceitos como "público" e "privado", formas de atuação política e os fundamentos, composição e participação dos grupos sociais nas diversas esferas da organização social.

É possível perceber, nos estudos sobre mulheres, publicados no período de 1960 até 1980, o forte objetivo de trazer à luz quem eram e quais as atividades e papéis sociais desempenhados por elas na sociedade em que viviam, juntamente com discussões mais particularizadas sobre a sua influência e participação nas esferas de poder. Ampliaram-se os estudos sobre as mulheres romanas, principalmente daquelas pertencentes a grupos aristocráticos. Um número significativo de documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias passaram a ser utilizados como evidências da participação de muitas delas no meio público.

Estudo mais específico sobre mulheres não aristocráticas, que merece especial atenção nesta pesquisa, é o trabalho de Michele D'Avino intitulado *Donna a Pompei* (D'Avino, 1964). A obra é baseada em evidências epigráficas, inscrições e grafites encontrados na cidade de Pompéia, oferecendo informações gerais sobre a participação de mulheres pompeianas na vida pública da

cidade. A sua valiosa contribuição está na apresentação de atividades desempenhadas por aquelas das "classes baixas" – plebéias, livres e escravas – em suas atividades de trabalho e na política local, apoiando candidatos em escrutínios locais.

Das diversas pesquisas sobre mulheres trabalhadoras romanas, publicadas a partir daquele momento, destacam-se as análises inovadoras de LeGall (1970) e Treggiari (1975 e 1976), cuja proposta era reunir informações sobre os ofícios desempenhados com o *status* social e familiar dessas trabalhadoras. Em 1981, Natalie Kampen publica *Image and status: Roman working women in Ostia*. A autora utiliza imagens de mulheres trabalhadoras esculpidas em relevos de Óstia, para examinar concepções apresentadas a respeito delas, em uma discussão inicial de classe e gênero. Ainda nos anos 80, Bernstein publicou *The public role of Pompeian Women*, em que destacou a participação de mulheres, de diferentes estratos sociais, na vida pública e social de Pompéia. Desenvolve o trabalho apoiado em documentos epigráficos e arqueológicos, que são particularmente importantes para o conhecimento do mundo do trabalho urbano no âmbito popular feminino.

O movimento feminista impulsionou os estudos sobre as mulheres nos diversos períodos históricos, mas é com a análise das relações de gênero que a questão feminina passa a ser discutida em confronto à masculina. Com a influência das reflexões pós-modernista e pós-estruturalista, e a valorização do diverso e do heterogêneo no interior das sociedades, as discussões das epistemologias femininas ganharam complexidade e a idéia de uma essência feminina ou masculina tornou-se insuficiente para justificar os diferentes interesses e comportamentos femininos e masculinos de grupos sócio-culturais diversos.

Passou-se a questionar, dessa maneira, o uso dos termos "homem" e "mulher" como categorias fixas e de sentidos universais estabelecidos estritamente por uma determinação física. Como escreve Saffioti:

os fatos biológicos nus da sexualidade não falam por si próprios; eles devem ser expressos socialmente. Sente-se o sexo como individual ou, pelo menos, privado, mas estes sentimentos sempre incorporam papéis, definições, símbolos e significados dos mundos nos quais eles são construídos (Saffioti, 1992: 187).

Não que a questão seja simples ou fácil de optar entre uma inclinação "biologizante", na qual os conceitos de mulher e homem são dados pelas características físicas, ou "culturalista", analisados em função de cada sociedade. Os avanços nas pesquisas biomédicas permitem perceber, por exemplo, que determinadas doenças acometem com mais frequência o corpo feminino, enquanto outras, o masculino; ou ainda, que determinados medicamentos, testados e aperfeiçoados no físico de homens, não surtem os mesmos efeitos em mulheres, deixando em evidência o quanto é discutível a interferência, ou não, do aspecto fisiológico na caracterização de cada um deles. Certamente esse princípio dual, configurado pelos órgãos genitais, existe e é a primeira referência de classificação, como foi indicado anteriormente. Entretanto, ainda que resguardadas as devidas especificidades físicas, as contribuições de gênero são importantes na medida que vêm conferir à diferença sexual não apenas um parâmetro exclusivo e natural da distinção entre masculino e feminino. Para além das essências, os estudos de gênero abordam os variados significados que conceitos como "homem" e "mulher" adquirem quando considerados o momento histórico, os grupos

sociais e os valores culturais em que formulados.

Isso tem sentido na medida que, em diferentes tradições culturais, as noções das identidades – homens ou mulheres – são variadas e podem, ou não, estar relacionadas ao aspecto físico⁵. Há sociedades que constróem o significado de gênero em uma associação direta com o sexo biológico, como até pouco tempo aceito, sem discussão, em diversas sociedades contemporâneas, embora ainda fortemente presente em seu imaginário, como é o caso da nossa. Mas os atributos que definem o masculino e o feminino não são, nem foram, sempre idênticos (Sena, 1992: 31).

É notório que as reflexões de gênero são permeadas pela perspectiva do olhar crítico feminista (Machado, 1992: 9), feroz combatente das desigualdades sociais entre masculino e feminino das sociedades contemporâneas, mas se distancia dela quanto à aceitação deste modelo social binário – homem e mulher. As análises de gênero ampliaram o campo da discussão e acirraram os debates em torno da construção dos conceitos de "feminino" e "masculino", apresentando diferentes e mesmo divergentes abordagens e trajetórias pelas quais os estudos de gênero têm sido formulados e, polemicamente, utilizados em diversas áreas do conhecimento⁶.

Sem a intenção de resumir ou simplificar em demasia esse intrincado debate, aqui são apresentados os pressupostos de gênero que estão sendo considerados nesta pesquisa. O primeiro deles trata da constituição histórica do

⁵ Sobre diferentes construções culturais entre sexualidade e gênero em sociedades contemporâneas, conferir os instigantes artigos que estão em Caplan, 1996.

⁶ Como exemplo, pode-se citar Costa e Bruschini, 1992; Pedro e Grossi, 1998 e Bessa, 1998, onde diversas áreas apresentam a complexidade e diversidade de posicionamentos, tanto no Brasil como no exterior.

que seja característico à feminilidade e à masculinidade⁷, possibilitando compreender como os comportamentos que os distinguem são influenciados pelas relações culturais articuladas entre eles. Por essa razão, os variados grupos sociais, baseados em seus valores, conceitos e visões de mundo, formulam diferentes vínculos e interpretações para o que seja característico a cada um deles.

Uma outra dimensão está na atenção sobre as construções discursivas constituídas no interior das sociedades com o propósito de justificarem as diferenças sexuais. Formuladas entre os grupos sociais, as representações de si e do outro são alicerçadas em discursos que evidenciam marcas das tensões, dos conflitos e das contradições originadas nas relações sociais em que são articuladas (Scott, 1995: 86-87, Heilborn, 1992: 93, Montserrat, 2000: 164). Isso significa que as palavras homem e mulher, em si mesmas, não permitem antever as condutas e os papéis vivenciados por cada um deles se não identificados os valores culturais e as relações que lhes dão sentido, assim como as divergências e os embates sociais e discursivos estabelecidos entre os grupos sociais.

Dessa maneira, com a proposta de analisar os significados de feminino e masculino caracterizados em relações sociais específicas, faz-se importante refletir sobre dois aspectos fundamentais: primeiro, a idéia de imposição do poder do homem sobre a mulher, defendida pelo feminismo; segundo, se as relações de gênero devem, necessariamente, ser fundamentadas nas relações de poder.

⁷ Exemplos da teorização sobre as questões de gênero podem ser vistos em Scott, 1988/ 1995; Tilly, 1990; Costa, Bruschini, 1992 e Rago, 1988.

Com a influência das reflexões pós-modernistas nos estudos feministas e de gênero, a aceitação de diversos perfis de feminilidade e de masculinidade coloca em discussão a idéia da supremacia do poder do "homem" sobre a "mulher", na medida que a noção generalizante de imposição masculina não pode dar respostas satisfatórias à diversidade de comportamentos atribuídos tanto a um como ao outro. Como aceitar o domínio do "homem" sobre a "mulher" em uma sociedade com diferenças estatutárias e regionais marcantes como a romana? Com relação a essa questão, considero pertinente a observação de Lia Machado (1992: 35) sobre a escolha que os estudiosos de gênero podem fazer entre adotar uma postura que estabeleça a dominação masculina e obscureça a percepção de diferentes poderes, muitas vezes instalados no feminino e não no masculino, ou definir que as relações de gênero podem ser relações de poder mas, também, relações complementares, recíprocas ou de prestígio.

Essa observação é particularmente significativa para a análise do mundo romano. No Século I d. C, o vasto território que compunha a sociedade romana circundava todo o mar Mediterrâneo e integrava inúmeras regiões, com povos diversos, anexadas ao longo do processo de conquista, como pode ser observado no mapa seguinte:

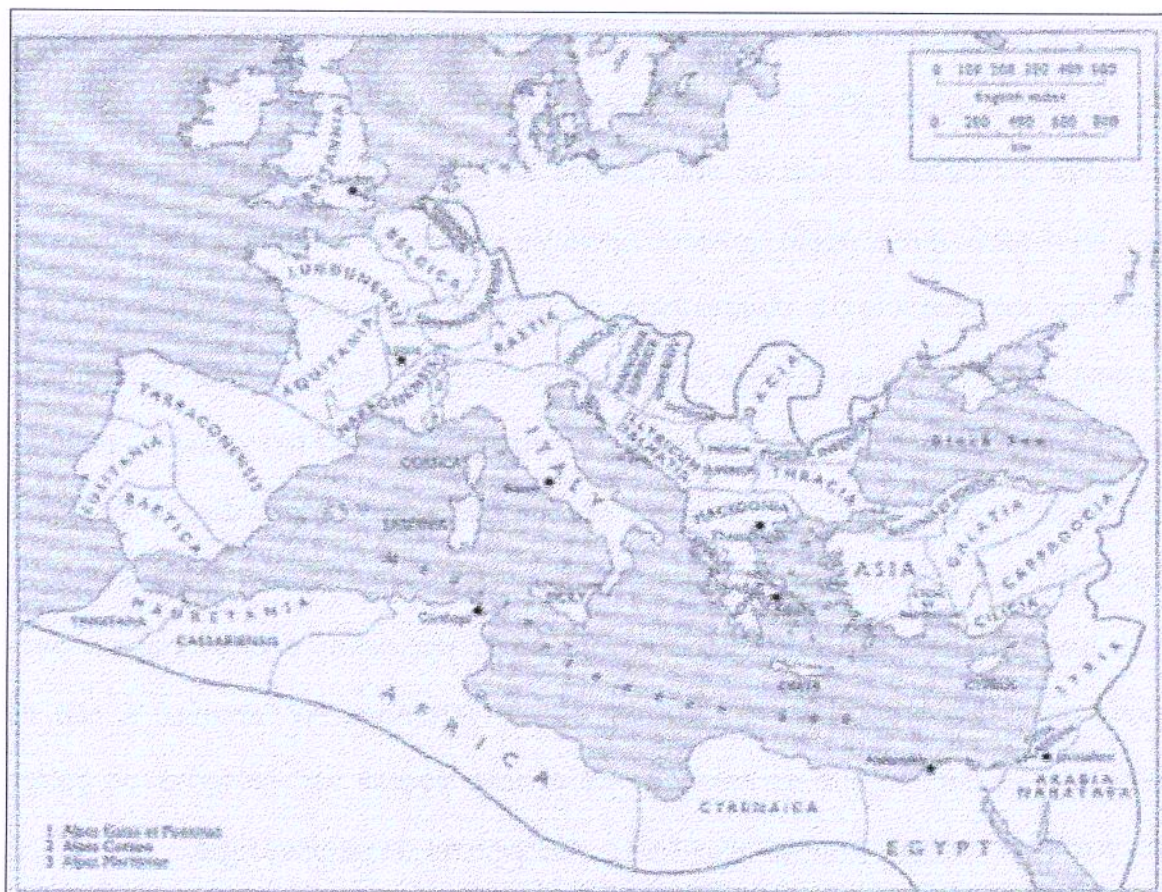


Figura 1.1: Províncias do Império romano no início do Século II d. C. (Huskinson: 2000: xi)

A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, dácios, gregos, denotam diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão "povo romano". Variedades que interferiam no lugar social ocupado pelos diferentes indivíduos e que são elementos importantes a serem considerados pelo pesquisador interessado em uma análise de gênero e de poder (Funari, 1995: 180; Skinner, 1997: 13; Montserrat, 2000: 165). Isso não significa desconsiderar o caráter patriarcal da sociedade romana e o monopólio das relações públicas e dos cargos políticos por determinados homens, mas é preciso cuidado em não transferir, para o passado, sentidos a-

tuais formulados para os diferentes conceitos. Essa transposição e a conclusão de uma inferioridade e opressão social feminina romana, tomada como "natural" em uma sociedade "falocêntrica", há anos vem sendo questionada.

A releitura de obras literárias e o uso de outras evidências históricas como as fontes epigráficas, arqueológicas e iconográficas, têm possibilitado alterar essa transposição de valores e situações atuais para a Antigüidade e refletir sobre os significados que conceitos como, por exemplo, *pater familias*, política, espaço público e privado poderiam ter adquirido na sociedade romana.

Autores como Thomas (1990: 136) e Grimal (1991: 62) analisaram a situação jurídica de mulheres livres, filhas ou esposas de cidadãos e defendem como a menoridade civil feminina romana e a sua subordinação à autoridade do pai não se restringiam apenas às mulheres. Em uma família, tanto elas quanto os seus irmãos estariam submetidos ao poder do pai, pois o cidadão romano adquiria personalidade civil autônoma, deixando o seu estado de dependência legal somente ao ser designado o responsável pela família, título conquistado após a morte do patriarca. Mas quais seriam os níveis dessa autoridade paterna denominada, em latim, de *patria potestas*? A análise de fontes literárias e jurídicas romanas apresentada por Treggiari expõe como nós criamos uma imagem rígida e absoluta do poder paterno de um cidadão romano sobre os seus filhos e filhas, que não é consensual nem mesmo entre autores romanos (Treggiari, s/d: 96). As profundas mudanças pelas quais teria passado a sociedade romana com a transição da República para o Império, a participação de filhos(as) nos negócios do pai, a possibilidade destes recusarem o esposo(a) escolhidos pelo pai quando este desconsiderava o estatuto de cidadania ou a condição moral

dos eleitos, o tipo de casamento efetuado, entre outros, seriam alguns dos aspectos que influenciavam as relações entre pais e filhos.

Outro aspecto a ser considerado é a atenção dada às variações ocorridas segundo o momento histórico em que se constituíam. Alterações nas leis durante o final da República e início do Império atestam mudanças na condição feminina. O próprio Augusto efetuou uma série de revisões nas leis matrimoniais promulgadas em 18 a. C. (*lex Julia de adulteriis coercendis* e *lex Julia de maritandis ordinibus*), dentre elas as com implicações na maternidade e na paternidade. Com elas ficou estabelecido que a romana livre, casada ou não, que passasse por três gestações (para as libertas ou livres itálicas, quatro, e para as provinciais, cinco), tendo os filhos sobrevividos ou não; além da isenção do controle dos agnados sobre elas. Legalmente, essas mulheres deixavam de estar sob o poder paterno e passavam, elas próprias, a gerir o seu patrimônio, situação que se estendeu posteriormente a todas as outras, com exceção do dote, administrado pelo esposo enquanto estivesse a mulher casada⁸.

Quanto à idéia do confinamento feminino ao lar, dedicada a fiar a lã e administrar a casa e, portanto, distante da vida pública e do centro das decisões políticas e de poder, pesquisas recentes ajudam a repensar a questão. Essa imagem atribuída a uma mulher da alta sociedade, casada (*matrona*), apresentada na literatura e de acordo com a tradição do *mos maiorum*, idealizada durante a República, manteve-se em nível discursivo embora já convivendo com uma redefinição dos papéis sociais femininos. Dois argumentos podem ser mencionados.

⁸ Sobre essa questão ver Suetônio, *Divus Augustus*, 34, em *Vite dei Cesari*. Cf., também, Cohen, s/d: 109-10.

O primeiro deles diz respeito à caracterização da casa romana como um espaço privado, destinado ao descanso e restrito à convivência familiar, agora discutida sob um ponto de vista arqueológico⁹. Wallace-Hadrill (1994: 5 e 10), por exemplo, considera que no interior dessas casas aristocráticas desenvolviam-se articulações políticas e relações de clientelismo com pessoas de diferentes estratos sociais, recebidos em espaços específicos de acordo com a sua posição social. Com isso, o próprio âmbito da casa integraria as duas extensões e levam a supor que mulheres estavam mais próximas de discussões políticas do que o imaginado.

A separação entre as esferas pública e privada seria também inapropriada para as casas menores de Pompéia. Segundo Laurence (1994: 131), era comum as pessoas trabalharem e morarem no mesmo local, o que fazia com que homens e mulheres permanecessem juntos grande parte do tempo, constituindo outros tipos de relações que não correspondem à divisão tradicionalmente estabelecida. Esse estudo de Laurence nos faz pensar que, ou esses homens que não participavam das discussões políticas tanto quanto as mulheres que habitavam e trabalhavam ali, ou que o modelo de análise precisa ser revisto para poder compreender situações que não se enquadram no molde formulado.

O outro elemento está relacionado às mulheres que participavam do denominado espaço público. Lopéz aduz que pertencer a um grupo familiar era fundamental para poder integrar-se à vida da cidade (Lopéz, 1994: 45). A participação de mulheres abastadas, identificadas pelo nome de sua família, é atestada na sociedade romana por meio da política de benefícios e de constru-

⁹ Cândida Lopéz, em seu estudo sobre as mulheres no mundo antigo, considera que se convencionou, na historiografia romana moderna, estabelecer a casa como símbolo da esfera privada e o fórum como o espaço da política, do poder e da vida pública. Este seria o lugar da palavra, da

ções públicas; no apoio financeiro a jogos e na distribuição de alimentos; nas relações pessoais, desenvolvidas por meio do sistema de clientela e de amicitia; no patrocínio a corporações de ofício e no gerenciamento de propriedades particulares e de negócios familiares¹⁰.

A cidade de Pompéia guarda inúmeras evidências materiais da participação feminina de diferentes estratos sociais na economia, na vida social e no apoio a candidatos em escrutínios locais (Tanzer, 1939; LeGall, 1970; Treggiari, 1981; Savunen, 1995). Uma das mais notáveis de que se tem registro é Eumachia, mencionada em uma inscrição celebrativa e em uma estátua honorífica encontradas na entrada do grandioso edifício dos *fullones*¹¹, sede de uma das maiores corporações de Pompéia, da qual era patrona.

reflexão e do uso da razão entre os "iguais" e como as mulheres não ocupavam os cargos políticos públicos, consideravam-nas marginalizadas a esse meio. Cf. López, 1994: 35-77.

¹⁰ Cf., entre outros, S. Pomeroy, 1978; A. Cameron, A. Kuhrt, 1983; Boatwright, 1991: 248-272; B. Rawson, 1995; H. Franco, 1998: 1269-1278; E. Cantarella, 1999a e 1999b; C. Mossé, 1999; S. Morretta, 1999; A. Dimopoulou, 1999; Hemelrijk, 1999; H. Franco, 2000.

¹¹ Segundo de Franciscis (s/d: 91) este edifício seria usado para depósito e venda de lã e de tecidos, tese com a qual Étienne concorda, embora saliente que a suntuosidade do edifício e a notoriedade dos personagens representados nas estátuas ali encontradas, parecem-lhe indicar uma certa similaridade com o ambiente do Foro Imperial, espaço público destinado ao culto. Como a inscrição informa sobre a participação de Eumachia em sua construção, portanto, de seu caráter privado, a exuberância deste edifício parece-lhe um sinal evidente da riqueza desta pompeiana, cuja ostentação também foi manifestada no mausoléu que construiu para si mesma e para sua família (Étienne, 1971: 155).

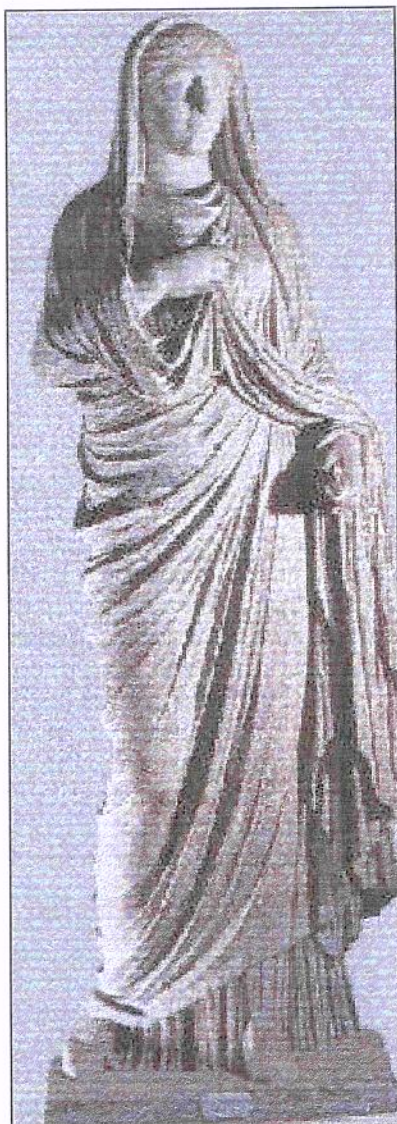


Figura 1.2: Imagem de Eumachia preservada no Museu Nacional de Nápoles
(de Franciscis, s/d: 91)

A representação de Eumachia com o manto sobre o corpo, a divisão dos cabelos, o rosto harmoniosamente ovalado e sua expressão indefinida, com os olhos profundos e sonhadores é, segundo Étienne e de Franciscis, inspirada em modelos statuários gregos do século IV, comumente retratados em estátuas romanas (Franciscis, s/d: 91; Étienne, 1971: 153).

Autores como D'Avino e Étienne consideram que Eumachia, da gens dos Eumachii, deveria ser uma ativa e afortunada senhora de uma família proprietária de vinhedos e de indústria de ladrilhos, da qual se tem referência de outros membros como Lucius Eumachius Fuscus (candidato a edil em 32 d.C.), Lucius Eumachius Erotus e um Lucius Eumachius (D'Avino, 1964: 33 e Étienne, 1971: 153).

Logo nas colunas de entrada do edifício encontra-se a inscrição que explicita a sua condição de sacerdotisa pública e patrona da associação dos fullo-nes, com a qual contribuiu financeiramente para a construção do edifício:

EUMACHIA L F SACERD PUBL NOMINE SUO ET M
NUMISTRI FRONTONIS FILI CHALCIDICUM CRYPT-
TAM PORTICUS CONCORDIAE AUGUSTAE PIE-
TATI SUA PECUNIA FECIT EADEMQUE DEDICA-
VIT (CIL, X, 810)

Eumachia, filha de Lúcio, sacerdotisa pública, em seu nome e de seu filho M Numistro Fronto, fez, com sua pecúnia, um salão nobre da basílica, um criptopórtico e um pórtico em honra à Concórdia Augusta e à Piedade (Augusta).

Étienne apresenta uma interessante leitura sobre a escolha das palavras utilizadas nesta inscrição: Pietas Augusta faria alusão aos sentimentos de Tibério para com sua mãe Livia, depois de sua enfermidade no ano de 22 d. C. e Concordia celebraria a união sentimental do filho com a sua mãe. Para esse au-

tor, não há dúvidas de que Eumachia teria se inspirado naquele modelo de sentimento familiar, associando ao seu filho a dedicatória do monumento. Além disso, como sacerdotisa pública, também deveria render culto a Livia (Étienne, 1971: 153). O caso de Eumachia é um dos exemplos da participação de mulheres abastadas na vida pública da cidade, atestada por meio desse conjunto de fontes materiais – inscrição, estátua e mausoléu – que não são perceptíveis na literatura.

E essa dedicação à *res publica*, segundo Nicolet, constituía-se em uma das atribuições essenciais da cidadania romana (1992: 24-30). Essas mulheres participariam, de uma maneira mais ou menos direta, das decisões comuns da comunidade, sendo razoável considerar que a sua participação na organização do espaço comunitário em que viviam sinalizava uma integração política nas esferas do poder local.

A atuação feminina também pode ser observada em outra esfera que, até alguns anos atrás, era considerada como essencialmente masculina: campanhas políticas. Em Pompéia, foram encontrados cartazes de propaganda eleitorais, denominados *programmata*¹², que indicam a presença feminina no apoio e indicação de candidatos¹³.

Nessas inscrições verificam-se apoios de familiares como o caso Tédia Secunda pedindo votos para seu neto L. Popídio Segundo (CIL, IV, 7469), como de mulheres de diferentes ocupações e condições jurídicas e sociais.

¹² Inscrições eleitorais pintadas – *tituli picti*. Ver no terceiro capítulo detalhes sobre as diferenças entre as inscrições.

¹³ A análise das inscrições eleitorais citadas segue, com algumas variações, as idéias apresentadas no artigo *Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia* (Revista Pyrene, Barcelona, no prelo), que escrevi em parceria com Fábio Faversani.

Cássia e seu marido, Ceriales, pedem seu voto a A. Trébio Valens em uma mesma inscrição (CIL, IV, 7669). A menção dos dois nomes parece indicar que Cássia tinha independência para apoiar um candidato diferente daquele escolhido por seu marido. Não fosse assim, para que seu nome seria explicitado? Mesmo porque, se o apoio da esposa necessariamente acompanhasse o do marido, não precisaria ser mencionado.

Aselina, considerada como a chefe de um grupo de prostitutas por D'Avino (1964: 49) deixou registrado, juntamente com outras garotas, suas indicações aos pleitos locais. Aselina teria a seu cargo Egle (grega), Maria (judia), Esmirna ("exótica"). Ainda há outras, como Palmira ("oriental"), por exemplo, mas esta a serviço de Hermes. Aselina apóia dois candidatos a *duumviro*; Esmirna, também (CIL, IV, 7863, 7864 e 7873)¹⁴. Um deles coincide e elas fazem uma única inscrição para manifestar sua preferência por C. Lolio Fusco. Quanto ao outro candidato, há divisão. Aselina prefere L. Ceio Segundo e Esmirna, C. I. Políbio. Mas nenhuma das duas tem candidato à edilidade. Nesta casa, o apoio a edis ficou por conta de Maria e Egle. Cada uma delas, como fica claro, tinha independência para escolher seus candidatos.

Como estas, também deixaram as suas menções trabalhadoras de tabernas como Polia, que apoiou Cn. Cerino Vátia à edilidade (CIL, IV, 368;) e Ferusa, que preferiu L. Popídio Segundo (CIL, IV, 7749). Da mesma maneira fizeram outras mulheres¹⁵.

¹⁴ Para Della Corte, em comentários apresentados abaixo das inscrições, estes nomes estariam associados às mulheres de condição servil. Mas a condição de cada uma delas só pode ser identificada quando mencionado na própria inscrição. Reflexões sobre o *status* social a partir da indicação do nome podem ser conferidas no quarto capítulo.

¹⁵ Cf., entre outros exemplos, Júnia (CIL, IV, 1168), Epídia (CIL, IV, 6610) e Sutória Primigênia (CIL, IV, 7464), na campanha de 79; Cornélia (CIL, IV, 3479), em 77; Caprásia (CIL, IV, 171), em 76; e Víbia (CIL, IV, 3746), cujo candidato não foi possível discernir.

E o que justificaria essa participação em campanhas eleitorais se não há indícios da possibilidade de votarem ou serem votadas? Procurando analisar algumas razões que levariam mulheres a apoiarem publicamente candidatos, uma justificativa poderia estar na possibilidade de elas exercerem poder político por meio da *amicitia* e *clientela*. Mas essa não é a única possibilidade pois, como foi visto anteriormente, dentre as assinaturas presentes nos cartazes encontravam-se nomes de mulheres de diferentes *status* sociais, incluindo libertas e escravas, teoricamente sem possibilidades financeiras para trocas políticas.

Então, como compreender essa participação de mulheres ricas ou não na vida política do município? Autores como Savunen (1995) e Will (1979) sugerem que os *programmata* podem ser vistos como uma atividade coletiva da qual mulheres faziam parte como membros ativos, dando suas opiniões, discutindo política, apoiando e indicando candidatos e que, talvez, essa participação na organização da comunidade fosse mais importante do que as eleições em si mesmas.

É certo que em um universo de, aproximadamente, 2500 cartazes encontrados em Pompéia, apenas 750 possuem o nome da pessoa que está apoiando e, dentre esses, somente 52 apresentam nomes de mulheres (Bernstein, 1987: 180 e Savunen, 1995: 195). Seriam números inexpressivos em uma população de cerca de 10.000 habitantes? Alguns dirão que sim, entretanto, a importância não está no número, mas no fato de esses cartazes indicarem possibilidade de participação feminina jamais imaginada tempos atrás.

Esses registros históricos certificam possibilidades financeiras e de participação de mulheres pompeianas na organização da cidade e, ainda, a necessidade de releituras de seu papel na sociedade romana. Assim, mais do que a

aprovação irrestrita de um domínio do "homem", é importante estar atento aos variados exemplos de atuação social e de papéis desempenhados pelos "masculinos" e os "femininos", o que propicia uma abertura para o conhecimento do heterogêneo, do diverso e da complexidade que envolviam as relações sociais e históricas romanas.

Dessa maneira, como diz López:

es fundamental considerar la existencia de sociedades donde los roles sociales no se corresponden en su atribución sexual a los modelos de dominio o sumisión con los que se identifica en los tiempos modernos, e incluso, en sociedades definidas claramente como patriarcales pueden existir perfiles no tan definidos en su atribución como nos imaginamos desde nuestra perspectiva actual (López, 1994: 44).

1. 3 Gênero e estudos das mulheres

É tênue o limiar entre os estudos de gênero e os estudos das mulheres desenvolvidos para a Antigüidade romana. Logo no início da década de 1990, foi publicada uma coleção de grande prestígio, inclusive no Brasil, chamada *Histoire de la Femme*¹⁶, cujo primeiro volume foi dedicado à Antigüidade. Sob a influência da Escola dos *Annales*, e com o objetivo de fugir das representações universais sobre as mulheres, Georges Duby e Michelle Perrot propõem uma investigação de diferentes aspectos da vida feminina no mundo ocidental, a par-

¹⁶ Publicação italiana de Duby e Perrot (Orgs.), *Storia delle Donne*, 1990. Logo após três anos saiu a tradução portuguesa *História das Mulheres no Ocidente. A Antigüidade*.

tir do contexto de uma história relacional, preocupada com a sociedade como um todo e, portanto, também com os homens. Destaca-se a busca pela diversidade de papéis e poderes femininos e, no último capítulo, Pauline Pantel apresenta uma série de reflexões geradas pela História das Mulheres e uma rápida trajetória de uma história do gênero. Considera esse caminho como categoria analítica útil para as necessidades de formulações teóricas geradas com a propagação dos estudos de casos, quando bem especificado o sentido dado ao termo gênero, na grande maioria das vezes, empregado de forma geral e vaga para designar simplesmente o fato de existirem homens e mulheres. O que lhe confere apenas um sentido descritivo, neutro e consensual (Pantel, 1993: 595-6).

Em 1993, foi publicado *Feminist theory and the classics*¹⁷, contemplando aspectos mais teóricos e apresentando severas críticas aos métodos de pesquisa ainda predominantes sobre o Mundo Antigo:

The fact is that classics has, with few exceptions, been anti-theory in general and anti-feminist in particular. ... certain questions tend not to be asked, for example, questions about social class, gender, ethnicity, the relationship between author and audience, or outside influences on the author (Rabinowitz, 1993: 1 e 5).

Importantes reflexões teóricas são apresentadas e uma preocupação central permeia os textos, a busca pelos diversos femininos. Assim, há uma mudança de enfoque – da mulher para as mulheres – e o destaque para as diferenças existentes entre elas, marcadas pela percepção de classes, races, ethnicities and sexualities (Rabinowitz, 1993: 11). Embora haja o realce para as relações

de gênero como uma das categorias de análise, ainda não é perceptível uma clara articulação entre masculino e feminino nos estudos aí apresentados.

Nessa mesma linha segue o Primeiro Congresso Internacional sobre Mulheres na Antigüidade (*Women in Antiquity*), realizado em Oxford, também em 1993¹⁸. Consistentes críticas teóricas são apresentadas aos métodos tradicionais de interpretação histórica e à utilização de outras fontes que não as literárias, e são indicadas como importantes para impulsionar estudos de diferentes temas sobre o universo feminino. Com exceção do artigo de Lin Foxhall, que parece mais próximo de uma discussão de gênero, os demais estão centralizados na esfera da mulher. Mesmo assim, os editores do livro Hawley e Levick enfatizam como as discussões desenvolvidas em torno da temática feminina teriam levado a um amadurecimento das questões de gênero:

The theme of the conference “Women in Antiquity” – New Assessments – had two sources: the changes that a theme naturally undergoes when it is treated over a number of years, and our own awareness that the emphasis of the seminar was also changing, and rightly, away from “women” towards “gender studies” (Hawley e Levick, 1995: xiii).

Ainda no campo das representações dos femininos, no ano de 1998, Sandra Joshel e Sheila Murnaghan editam o livro *Women & slaves in Greco-Roman culture*. Um aspecto inovador dessa obra é o número de reflexões em torno da condição de mulheres escravas, representadas sob variados ângulos em obras

¹⁷ Rabinowitz e Richlin (1993).

¹⁸ Os textos apresentados foram publicados posteriormente por Hawley e Levick.

da literatura greco-romana. Em direção às discussões de gênero, dois artigos apresentam a questão em análises sobre a construção da identidade na oratória romana (Connolly, 1998) e em símbolos de gênero e *status* na casa romana (Saller, 1998).

Concepções do feminino e relações de gênero, nos estudos da Antigüidade, são questões que ainda caminham muito próximas e esse aspecto também pode ser observado aqui no Brasil. Apresento dois exemplos sobre isso: o primeiro deles é o dossiê Gênero e História apresentado na revista História: questões e debates, no qual se verifica um predomínio das discussões na questão da representação do feminino ou do masculino, mas com pouca articulação entre eles, o que seria peculiar da análise de gênero. O mesmo acontece no volume Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino organizado por Funari, Silva e Feitosa (Campinas: Ed. Unicamp, 2000). O nosso objetivo inicial era o de publicar um livro no qual se vislumbresse articulações entre os femininos e os masculinos em diversas sociedades da Antigüidade, por meio das discussões de gênero, mas o número de textos apresentados com destaque para as representações do feminino fez com que o título do livro fosse adequado para contemplar, também, esse enfoque.

Assim, a observação feita por Pantel, anos atrás, sobre a importância de se especificar a função de gênero no conjunto das relações sociais e as contribuições de seu estudo para o conhecimento histórico, ainda é um grande desafio aos historiadores interessados nesse tipo de análise. Entretanto, ainda que muito ligado ao exame do feminino, são perceptíveis, tanto no Brasil como no exterior, avanços nas caracterizações de feminino e de masculino para a Antigüidade, sob o ângulo de gênero e em acordo com as posições sociais ocupadas.

Capítulo 2

Representação do amor e da sexualidade na literatura acadêmica

A única obrigação que temos para
com a História é a de reescrevê-la.
[Oscar Wilde]

A palavra "amor" e outras próximas como desejo, paixão, ternura, ciúmes, têm instigado os homens desde a Antigüidade e muito já se refletiu e escreveu sobre elas. No vocabulário latino, termos como amor, affectus, dilectio, caritas, eros, possuem significados que se interseccionam entre amizade, afeição, amor, paixão, desejo e ternura, representando "amor por um amigo", "amor por um namorado", "amor como desejo sexual" ou "amor como um ato de solidariedade". Desse conjunto de significados, pode-se inferir, segundo critérios atuais, a complexidade dos significados que envolvem a palavra "amor", aplicada tanto às emoções como à vida sexual ou ao desejo puramente sexual o que, segundo Jorge de Sena, admitir-se que esse desejo possa existir, sem "amor", implica já certa concepção deste (Sena, 1992: 25).

O tema amoroso, subentendendo-se os dois significados citados acima, é um dos mais correntes em grafites pompeianos e foi expresso por meio da escrita e de desenhos. Mas essas representações pompeianas não são exclusivas.

Povos de diferentes culturas e tempos históricos deixaram representações de tipo sexual. Imagens de órgãos genitais; relações vaginal e anal; cunilíngua, feção, masturbação; práticas individuais, em grupo ou envolvendo figuras míticas, trazem o grande desafio de serem avaliadas por pesquisadores contemporâneos, que se encontram distantes, temporal e culturalmente, dos valores em que foram originadas. Assim, como olhar para elas?

Neste capítulo, apresento um breve histórico de como essa documentação romana de cunho sexual, em particular as da região vesuviana, foi considerada e tratada pelos estudiosos da Antigüidade, e as propostas de novas abordagens para o seu trato. Segue uma apreciação mais detalhada de interpretações historiográficas modernas sobre o conceito de amor, para a sociedade romana, e os comportamentos sexuais considerados lícitos para os seus habitantes, principalmente aqueles atribuídos aos populares e as conotações sociais apresentadas aos diferentes grupos sociais oriundas dessas imagens.

2.1 Tratamento das fontes romanas com imagens "eróticas"

Como foi mencionado anteriormente, com as inúmeras discussões ocorridas nas últimas décadas em torno do tema da sexualidade, há um posicionamento a favor de uma releitura desse tema e a termos a ele relacionados como amor, erotismo e desejo. Com mais frequência tem-se enfatizado a importância de leituras criteriosas e atentas dos diferentes sentidos que esses conceitos adquirem em momentos históricos específicos, e segundo os grupos sociais em que são formulados, de acordo com suas tradição, costumes, valores religiosos

e morais¹. Não que o objetivo seja o de resgatar esses valores, o que é impossível de ser feito; a idéia é a de buscar apreender outras conotações do que é ou seria erótico em sociedades diferentes, sem a transposição *ipsis litteris* de nossos conceitos para sociedades com outras culturas, sejam atuais ou do passado. Compreender as nuances que envolvem a sexualidade humana põe-se como um grande desafio.

Embora a expressão *sexualidade* tenha sido empregada somente a partir do século XIX e, portanto, sem valor epistemológico para sociedades anteriores, a sua aplicação é apropriada por considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos, de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos².

Esse repensar sobre referências do passado com conotações sexuais é ainda é algo muito recente e só há pouco tempo mostrou ter surtido efeito em seu tratamento, como notório no caso da documentação material romana. No estudo sobre essas representações, a imposição do olhar ético e moral moderno sobre a literatura, inscrições e imagens romanas infligiu ao conjunto documental, até pouco tempo, um enorme ostracismo acadêmico. Durante os séculos XVIII e XIX, as pinturas, esculturas e mosaicos eram guardadas em seções reservadas de museus, de acesso restrito, sem a indicação de proveniência.

¹ Cf. Kampen, 1996; Larmour, Miller, Platter, 1998 e Schmidt, Voss, 2000.

² Ver, dentre outros, Caplan, 1996: introdução; Foucault, 1990: 11; Skinner, 1997: 3; Alberti, 1999: 57, Varone, 2000: 9.

Todo material encontrado em Pompéia, Herculano e Stábia foi guardado no denominado Gabinete de Objetos Obscenos, criado em 1819, onde só era permitido o ingresso de pessoas di matura età e di conosciuta morale (Jacobelli, 1995: 10; Anderson, 1990: 96). Apenas em 1860 foi providenciada a catalogação de todo o repertório e a alteração de seu nome para Coleção Pornográfica, denominação que não diferia muito da anterior, mas que é mantida ainda hoje para essa seção secreta do Museu Nacional de Nápoles. Com as novas perspectivas do trato da sexualidade, essa coleção finalmente pôde ser aberta ao público, o que aconteceu apenas no ano de 2000, não sem o protesto do Vaticano, que divulgou uma nota opondo-se a essa exposição por considerá-la "erótica" e ofensiva aos valores morais dos dias atuais, não importando o significado que tiveram entre os romanos (Wassermann, Luz, 2000: 71)

Quanto às inscrições, quando Enrique Cartelle publicou, em 1981, a tradução de uma série de grafites amorosos de Pompéia, inicialmente pediu a seu público compreensão:

primero, porque la temática de estos grafitos, siempre evitada por pudor o tabú, nos servirá para llegar a un aspecto del mundo antiguo generalmente desconocido, mal comprendido o evitado por falsos prejuicios ... Segundo, porque estamos ante la lengua de la calle, de personas generalmente sin gran instrucción, que escriben como hablan, sin tabujos, pero que, en otros casos, tratan de expresar líricamente sus sentimientos (Cartelle, 1981: 93).

De maneira semelhante, o italiano Michele D'Avino justifica nas páginas

iniciais de seu livro *Pompei Proibita*, publicado em 1993: *questa breve rassegna della parte proibida di Pompei non vuol essere un libro pornografico ma un testo di informazione nato da serietà di propositi* (D'Avino, 1993: 9). E veja-se que essa justificativa foi apresentada há menos de dez anos! Como pesquisadora da área, também percebo em minhas apresentações um misto de espanto e sorrisos disfarçados, mesmo entre o público acadêmico, mais familiarizados com releituras sobre a sexualidade, ao ouvir detalhes de um tema ainda considerado curioso e não muito "comum" de ser estudado. E isso faz com que eu também tenha a preocupação em explicitar a seriedade da análise que proponho.

Esses exemplos elucidam como os valores morais nos quais está inserido o estudioso exercem forte influência sobre a escolha de seu tema de pesquisa e as discussões realizadas. Apesar desses aspectos, tem-se tornado notório os esforços de pesquisadores em compreender essa documentação, procurando inseri-la no universo mental, moral e cultural em que foi produzida, o que tem estimulado um novo espaço de conhecimento sobre as mentalidades, os costumes e a esfera da sexualidade na cultura romana antiga. Agora contesta-se que todos os objetos de representação sexual romano fossem reservados a circunstâncias exclusivamente "eróticas" e coloca-se a possibilidade de estarem relacionados, também, a conotações religiosas, satíricas, humorísticas ou apenas mostrar-se como um agradável elemento da vida cotidiana³.

Mas qual sentido poderia ser atribuído ao termo "erótico"? Antônio Varone, em seu estudo sobre o erotismo em Pompéia, destaca como a conotação do que é erótico varia muito de uma sociedade a outra. Rejeitando a sua ligação com uma ação puramente sexual, Varone identifica o erotismo como:

³Cf. Richlin, 1983; Johns, 1982; Jacobelli, 1995; Funari, 1995 e Varone, 2000.

L'erotismo è sottile magia. È un luogo indistinto, tra spirito e sensi, in cui l'emozione si confonde con la tentazione. Nonostante esso sia legato imprescindibilmente al sesso, si trova in realtà agli antipodi della sessualità cruda. L'erotismo ha infatti una dimensione spiccatamente culturale, molto sofisticata peraltro, che ha particolarmente nella trasgressione uno dei più potenti alleati al suo determinarsi (Varone, 2000: 9).

Por meio dessas palavras, o autor destaca como o fator cultural interfere, fundamentalmente, para que a sensação entre "a emoção e a tentação" ocorra ao se olhar um objeto ou uma situação com representação sexual. São esses valores culturais que estabelecem significados para a leitura dessas cenas. A representação do falo é um dos elementos mais evidentes dessa influência cultural. Diferente da menção pudorosa a ele destinada em sociedades contemporâneas, influenciadas por valores religiosos que atribuem conotações negativas ao sexo e aos elementos a ele associados, a representação do falo era frequente na sociedade romana.

Como mencionado, há diferentes propostas de leituras para o significado que essas representações poderiam adquirir na sociedade romana, dentre elas a de um sentido apotropaico, ou seja, um símbolo com dois atributos principais: proteger dos riscos e maus-olhados e trazer sorte e proteção, devido a sua associação com a fertilidade e a vida. O Museu Arqueológico de Nápoles (MAN) conserva exemplos de sua presença em diversas situações, como em lucernas, em insígnia de comércios, em sinetes, fontes e outras.

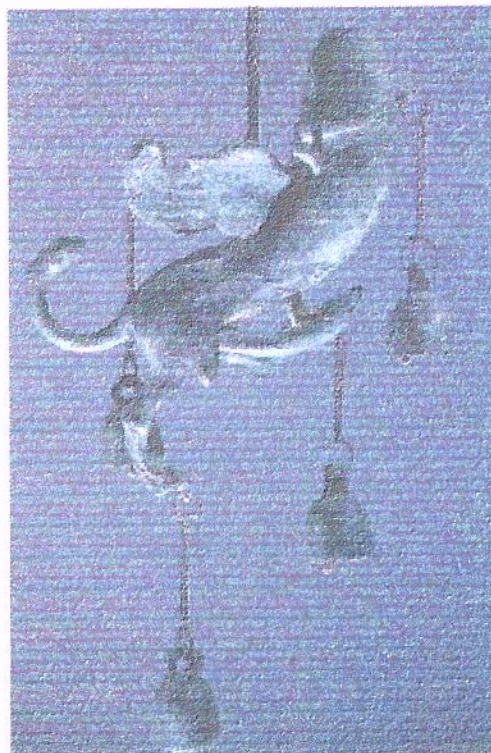


Figura 2.1 Tintinnabulum (sineta) de bronze. De Herculano. MAN (Cantarella, 1998: 104)



Figura 2.2 Lucerna de terracota com a representação de um falo em relevo (Varone, 2000: 21)

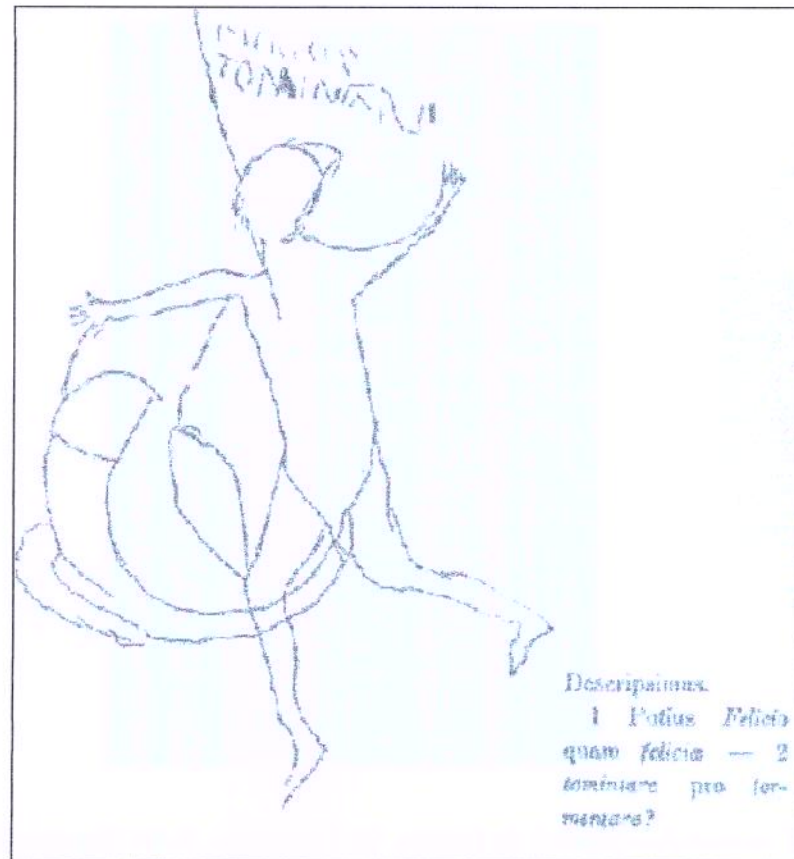


Figura 2.3 CIL, IV, 4566

A partir dessas observações, segue uma análise de como os temas do amor e da sexualidade têm sido apresentados em obras historiográficas contemporâneas sobre o mundo romano. O objetivo dessa explanação é identificar os significados gerais apresentados a esses conceitos na historiografia analisada, para uma posterior confronto entre eles e o que se pode inferir através dos grafites para os populares pompeianos.

2.2 Investigando o amor e a sexualidade romana

○ amor em Roma; | piaceri a Roma; Eros romano; Sexual life in Ancient Ro-

me, *Le sexe et l'effroi*, entre muitos similares, são títulos freqüentes utilizados por pesquisadores que discutem concepções sexo-amorosas para o mundo romano. Conotações diversas e até mesmo antagônicas são apresentadas, como pode ser observado a seguir.

Na interpretação de Juan Galán, o amor é considerado como consubstancial ao homem, sendo comprovado na Antigüidade por meio de obras literárias, cartas e inscrições funerárias (Galán, 1960: 16-17). Entretanto, para a sociedade romana, os testemunhos de amor seriam muito isolados, na medida que los romanos, tan impúdicos para revelarnos sus pasiones sensuales, no creyeron materia de literatura la introspección en el sentimiento amoroso... (Galán, 1996: 18). Posição distinta sobre o amor defende Robert, autor de dois livros sobre o tema: *Piacere a Roma* e *Eros romano*. De acordo com este, para um romano lo anormal era tener que aguantar la pasión. La moral antigua ignoraba el amor (Robert, 1999: 130). Contudo, os prazeres... restano fra le maggiori preoccupazioni dell'uomo romano, defende Robert (1994: 44). Tese semelhante defende Quignard: tout homme actif et non sentimental est honnête. Toute jouissance mise au service de l'autre est servile et de la part d'un homme constitue un signe de manque de vertu, de manque de virilité, donc d'impotencia (Quignard, 1994: 23).

Dentre esses autores, é nítida a distinção entre sentimento amoroso e prática sexual. A diferença é que enquanto Galán reconhece o amor como um sentimento vivenciado entre os homens romanos, para Robert e Quignard a afetividade, mais do que inapropriada, seria abominável para os latinos.

Esses autores inserem-se em uma tradição historiográfica que analisa a sociedade romana dividindo-a em três grandes momentos, cada qual com postu-

ra sexo-moral diferenciada: a Roma arcaica – aldeã, pobre, austera e virtuosa; a Roma expansionista – conquistadora, rica e caminhando para a perversão e, por fim, a Roma imperial – do vício e do desenfreno (Galán, 1996: 27, 68, 74; Robert, 1994: 21-30; Tannahill, 1994: 96 -124).

A expansão do império, o aumento do fluxo de dinheiro e do luxo, a influência da cultura helenística e a liberação feminina estariam entre as causas da desmoralização dos costumes romanos do final da República e início do Império (Quignard, 1994: 21; Galán, 1996: 74; Robert, 1994: 39; Tannahill, 1994: 102; Kiefer, 2000: 53). Roma transformara-se na capital da festa e do prazer, ocasionando o aumento dos divórcios e dos adultérios. Nesse processo, a mulher aristocrática tornara-se mais liberada e desejosa de sua satisfação sexual o que, em conjunto com os demais acontecimentos, provocara reflexos "negativos" sobre o matrimônio. Argumenta Robert que nessa união es distinta a falta del amor... lo que estaba en juego eram el dinero y el poder. La riqueza liberó a la mujer en las clases altas de la sociedad y le procuró una independencia hasta entonces desconocida (Robert, 1999: 100-1).

Nos aspectos gerais, essas teses apóiam-se em uma concepção weberiana da sociedade romana, na qual os comportamentos são definidos e avaliados a partir de norma considerada válida para todos os indivíduos da sociedade. São utilizadas noções gerais de "homem" e "mulher", e a aceitação de um modelo homogêneo de cultura baseado em textos aristocráticos romanos e/ou em conceitos morais atuais. Justificam o uso de expressões como ato sexual "normal", "decadência moral", "permissividade", "imoralidade". Fundamentados em tais princípios, esses autores reputam que o fim dessa "degradação" e a correção e moralização dos costumes sexuais romanos teria ocorrido com a influência do

estoicismo e, posteriormente, com o cristianismo (Galán, 1994: 261, Robert, 1994: 288, Tannahill, 1994: 147; Kiefer, 2000: 380).

Contudo, essa idéia de "devassidão" dos costumes romanos, após a expansão pelo Mediterrâneo, é totalmente repudiada por outros pesquisadores. Ao contrário de uma liberalidade sexual, Foucault defende que o homem livre, cidadão e aristocrático, responsável pelo comando e organização da sociedade, teria desenvolvido para si uma prática de temperança e austeridade sexual que marcaria a sua relação de poder sobre si mesmo e sobre os outros. Com o ideal do autocontrole sexual, o homem aristocrático greco-romano deveria manter-se distante do ímpeto e da irracionalidade provocados pela paixão:

a linha que demarca um homem viril é a sua atitude em relação aos prazeres; os signos tradicionais da feminilidade – preguiça, indolência, recusa das atividades duras do esporte, gosto pelos perfumes, lassidão ... designarão aquele que se deixa levar pelos prazeres que o atraem: ele é submetido aos próprios apetites, assim como aos dos outros (Foucault, 1990: 79).

Se esse modelo de virilidade e autocontrole emocional e sexual está associado ao homem aristocrático, porque a ele cabe a função do comando social, pode-se deduzir que aos seus "comandados" era "natural" a função de passividade, falta de controle e de submissão, tanto no plano social como sexual.

O comportamento austero do aristocrático acabara por refletir-se em uma nova gestão matrimonial situada numa arte do vínculo conjugal, numa doutrina do monopólio sexual e, finalmente, numa estética dos prazeres compartilhados (Foucault, 1985: 151). Mesmo sendo cauteloso ao afirmar que os textos usados não

poderiam representar a integridade do que foi a prática do casamento nos primeiros séculos da nossa era, Foucault considera que é possível perceber, ainda que por fragmentos, o esboço de um "modelo forte" da existência conjugal entre as elites romanas (Foucault, 1985: 164). O processo de autodomínio do homem aristocrático o teria levado a restringir suas práticas sexuais à esfera conjugal e, ao contrário de um esfacelamento das relações matrimoniais, argumenta a favor da união e da fidelidade entre os esposos.

Paul Veyne acata essa tese de Foucault de um ideal greco-romano de "domínio sobre si mesmo", vinculado ao seu papel de poder sobre a vida pública, afinal: ninguém é digno de governar se não sabe se governar (!) [Exclamação da autora] (Veyne, 1990: 48). O mesmo faz em relação ao casamento, argüindo que:

na velha moral, a esposa era apenas um instrumento da função de cidadã e chefe de família; fazia filhos e aumentava o patrimônio. Na segunda moral, a mulher é uma amiga; torna-se 'a companheira de toda uma vida'. Só lhe resta continuar racional; quer dizer, reconhecendo sua inferioridade natural, obedecer... (Veyne, 1990: 49).

E por fim, em relação à paixão amorosa enfatiza, com mais veemência que Foucault, que esta era extremamente "temível" para a elite, na medida que lhe tornava moralmente escravo e que tais excessos tinham a negra magnificência da vergonha... (Veyne, 1990: 198). Por isso Roma teria recusado a tradição do amor cortês.

Quando Foucault e Veyne defendem o ideal aristocrático do autodomínio e do controle social, necessariamente têm que distanciar o amor, a paixão e a

volúpia de seu perfil a fim de sustentarem o argumento que apresentam. Dessa maneira, o desatino das emoções era mais ajustado aos não aristocráticos e às mulheres, ou seja, àqueles que não tinham em suas mãos o seu controle pessoal e social. É certo que Foucault salienta a construção discursiva do papel sexual aristocrático masculino como uma imposição de poder, mas apresenta-a de maneira exclusiva, como se não houvesse diferentes concepções em diálogo e/ou no confronto a ele⁴. Outras fontes, além da literatura aristocrática utilizada por Foucault, podem auxiliar na composição de variados discursos. Afinal, não é possível aceitar a imagem de uma "inferioridade natural" e de "indolência e lassidão" destinadas às mulheres e aos demais "homens" que não pertenciam à elite. E ainda, essa posição de apresentar um único padrão do que seria o discurso do "homem aristocrático" em uma sociedade diversa como a romana, é muito complicada.

Mesmo com a opção de analisar apenas fontes literárias, Foucault encontraria inúmeras outras referências que possibilitariam enriquecer esse debate. Por exemplo, através de textos como os de Ovídio e Petrônio é possível questionar o ideal de submissão e fidelidade atribuído às mulheres, e o de austeridade e comando relacionado aos homens, quando analisados no âmbito da afetividade, já que evidenciam, mesmo para as elites, campos de ação feminino e masculino diversificados e até mesmo contraditórios. É certo que a análise discursiva da documentação proposta pelo autor trouxe consideráveis contribuições para o estudo histórico e também podem ser percebidas nesta pesquisa. Entretanto, a maneira como foi aplicada por Foucault no estudo das sociedades greco-romana tem recebido duras críticas e merece dos pesquisadores da Antigüidade uma análise crite-

⁴ Análises críticas sobre o uso do modelo teórico foucaultiano para a sociedade romana podem ser vistas em Page du Bois e Amy Richilin, textos publicados em 1998.

riosa⁵.

Pierre Grimal realça como as relações matrimoniais fundamentadas em interesses econômicos e políticos do período republicano sofreriam alterações no Império, mas diferentemente de Foucault e Veyne, considera que o amor fazia parte desse relacionamento: parece que os romanos conseguiram conciliar o que parecia inconciliável: a independência das mulheres e sua docilidade, a situação social e o afeto, os direitos do coração e os imperativos da razão. É um quadro idílico, porém lúcido (Grimal, 1991: 267). Contesta a idéia de devassidão dos costumes romanos no final da República e início do Império, considerando que mesmo que as fontes literárias pesquisadas apresentem como raridades os casamentos longos, com trinta ou quarenta anos, uma sociedade que conseguia entender essa linguagem não poderia ser considerada como irremediavelmente "perdida e decadente" (Grimal, 1991: 167).

O autor é um dos poucos a enfatizar o caráter específico do amor em acordo com o grupo social em que se constituía. Em relação ao "povo", parece-lhe que a liberdade de costumes aumenta: as mulheres têm menos a perder, os homens têm menos dinheiro e não encontram em casa o que lhes satisfaça os sentidos. Então correm atrás de aventuras e as paredes de Pompéia conservaram a lembrança desses amores (Grimal, 1991: 326). Essas palavras sinalizam que a maioria das referências parietais pompeianas estaria vinculada ao tipo de amor furtivo, descompromissado e de satisfação imediata. Ainda assim parece-lhe que até essas criaturas simples refletiram que o prazer não perdura... e que este é apenas o primeiro mo-

⁵ Maiores detalhes podem ser encontrados em Feitosa, 1994.

mento da união das almas. Por isso, seria difícil pensar que mesmo os mais humildes da Campânia não colocassem alguma espiritualidade em seus amores (Grimal, 1991: 326, 327).

Grimal expõe o seu conceito idealizado de relação conjugal, baseado na fidelidade e na longa duração, como o modelo em vigor na sociedade romana, e a partir dele interpreta os demais tipos de relações, daí as suas observações em relação aos populares. É importante considerar que as suas observações sobre a questão amorosa para os não aristocráticos de Pompéia não foram baseadas em uma análise direta das inscrições, mas na leitura de uma obra de Della Corte com citações delas (Grimal, 1991: 326). Como as referências sexuais foram analisadas segundo valores morais contemporâneos e encontravam-se distantes do modelo proposto, Grimal pressupôs que seria difícil imaginar que essas pessoas não colocassem algum sentimento em seus amores (interpretado como a prática sexual).

É certo que as abordagens de Grimal, assim como as de Foucault e de Veyne, representam avanços em relação à imagem de imoralidade sexual e afetiva atribuída aos "romanos" por outros estudiosos. Contudo, o enfoque de reflexões teórico-metodológico aqui privilegiado, destaca a importância de leituras variadas, atentas às diversidades construídas por uma sociedade dinâmica e complexa como a romana do século primeiro. Por isso, a sua redução a um modelo rígido e globalizante de comportamento amoroso e o predomínio de teorias limitadoras dos papéis sociais, atribuídos às mulheres e aos homens, são aspectos presentes nessa historiografia contemporânea que merecem o cuidado do historiador da Antigüidade.

Uma ressalva deve ser feita à obra de Foucault, que foi inovadora na

percepção de discursos sobre a sexualidade como uma forma de controle social, vislumbrando a formação de variadas esferas de poder organizadas em uma sociedade. Essa idéia tem influenciado inúmeros estudos críticos em relação aos comportamentos sociais, contudo, a aplicação dessa teoria na sua análise da sociedade romana apresenta diversos dos problemas elencados acima, por isso, os mesmos comentários também lhes são pertinentes.

Ainda é importante destacar o estudo de Eva Cantarella, o mais específico e recente sobre o tema do amor em Pompéia e em Roma, mas que em diversos aspectos mantém-se herdeiro das posições anteriormente apresentadas. A autora utiliza documentos literários e grafites para fazer a análise do comportamento amoroso do "povo romano", considerando os valores aristocráticos sexo-afetivos como os padrões sociais aceitos pela "população romana". Apresenta a divisão estatutária – livre, liberto e escravo – como a diferenciadora entre os indivíduos, embora utilize um protótipo geral para os comportamentos e valores éticos e amorosos. A referência atribuída à palavra amor caracteriza tanto aspectos sentimentais quanto físicos. Ao tratar do sentimento entre esposos durante o primeiro século, por exemplo, a autora considera propícia a existência de uma *più profonda affezione* (Cantarella, 1999b: 55), entretanto, neste caso, *l'amour passion* abitava fuori del matrimonio, e era reservado às relações clandestinas, ou seja, extra-conjugais (Cantarella, 1999b: 52, 140). Diferente de autores que analisam as práticas sexuais idealizadas pelas elites como uma insígnia de autoridade e poder, Cantarella apresenta-a como um modelo legítimo e aceito pela sociedade romana, sendo as exceções desvios a essa norma predominante, como preconiza o modelo weberiano.

Em linhas gerais, essas são as idéias sobre amor e sexualidade para a sociedade romana considerada pela historiografia analisada. Por meio dessa apresentação, é possível identificar os tipos de abordagens e o predomínio de suas referências para as elites. O comportamento amoroso dos populares, nas raras análises, explícito ou implicitamente, é tido como portador de algumas idéias correntes como "indolência", "submissão", "liberdade de costumes", "imoralidade", entre vários outros.

A partir desse quadro, inicia-se a investigação de outras possibilidades de acepções amorosas para essas pessoas. Os próximos capítulos indicam o caminho escolhido para o desenvolvimento e uma explicação sobre o significado conferido a alguns conceitos necessários para o elucidar do caminho proposto.

Capítulo 3

Pompéia: edificações de um cenário histórico

You can find out who lived in many a house in Pompeii by the carved stone door-plates affixed to them: and in the same way you can tell who they were that occupy the tombs. Everywhere around are things that reveal to you the customs and history of this forgotten people.

[Mark Twain,
The Innocents Abroad, 1867]

Este capítulo é dedicado à antiga Pompéia Romana. As cartas de Tácito, apresentadas abaixo, relatam o momento da erupção do Vesúvio que soterrou a cidade e preservou, por séculos, lembranças sobre o estilo de vida das pessoas que ali viveram. A leitura de seu relato permite que nós, mulheres e homens do século XXI, possamos imaginar a angústia vivida por aqueles pompeianos durante as horas de erupção em que o vulcão insistia em cobrir tudo.

Mas os vestígios materiais não nos reportam apenas aos momentos de tristeza. O sítio arqueológico da antiga cidade, chamado em italiano de Pompei Scavi, forma um grande museu a céu aberto ao lado da atual Pompéia e permite que nos adentremos em sua história. Caminhar por suas pedras, fazer os mesmos trajetos dos antigos pompeianos, "entrar" em suas bodegas, casas e prostíbulos e encontrar as suas inscrições é uma experiência singular, como o é poder sentar-se nas arquibancadas do anfiteatro e de seus teatros e permitir-

nos reportar no tempo, de maneira que os sentidos possam viajar e ouvir os antigos espetáculos e o clamor vibrante da platéia.

Circulando entre as ruínas das construções, surge a indagação: qual teria sido a dinâmica econômica e social dessa cidade? Como viviam aqueles pompeianos e o que podem nos dizer os grafites a respeito de suas idéias e sentimentos? Essas questões motivaram a escrita deste capítulo. O objetivo é discutir a importância das inscrições, com particular atenção para os grafites pompeianos, na reconstrução da cidade enquanto tema de análise histórica. Assim, exponho noções gerais sobre essa documentação, suas características e particularidades. Na sequência está uma apresentação das propostas historiográficas sobre a sua trajetória e, em específico, de sua estrutura econômica e como esse caminho contribui para a reflexão do conceito de “popular” desenvolvida no quarto capítulo.

3.1 Uma chuva sobre Pompéia

A pequena e atual cidade de Pompéia, localizada na Campânia italiana, tem se reorganizado, enquanto centro urbano, a partir das escavações arqueológicas do século XVIII. Hoje conhecida em todo o mundo, não foi tão notória na Antigüidade. A descoberta de Pompei Scavi chamou a atenção por sua documentação material e epigráfica e, desde então, tem recebido uma ampla estrutura de apoio governamental, responsável por sua preservação e restauração. Destaca-se como significativa fonte para pesquisadores sobre o mundo romano e é atração para milhões de visitantes a cada ano.

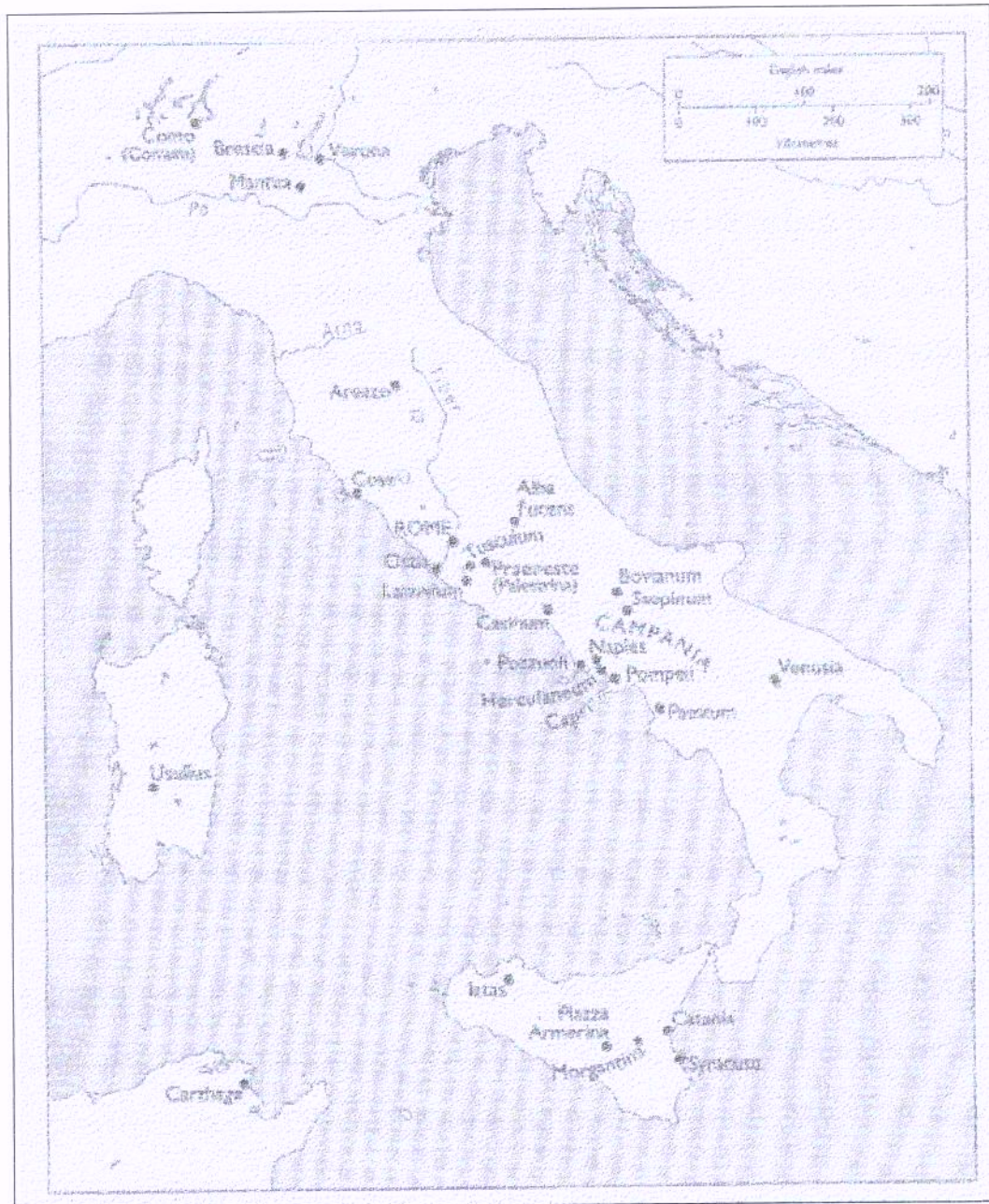


Figura 3.1: Mapa da Itália com a cidade de Pompéia (Huskinson, 2000: xiii)

Isso estimulou o desenvolvimento de uma economia local voltada ao turismo; em seu comércio encontram-se belos e diversificados artefatos de pedras, cerâmicas e vidros confeccionados, primordialmente, ao gosto de seus antepassados e muito apreciados pelos turistas interessados em levar da cidade objetos relacionados à cultura pompeiana antiga. Se a reprodução dessas

peças é um dos elementos de conexão entre os pompeianos de outrora e os de hoje, talvez o elo mais forte entre ambos seja o temor e a incerteza em relação ao Vesúvio. Um misto de amor e ódio. No momento, de amor, porque ele dorme e os habitantes da região beneficiam-se do bom clima e das terras fertilizadas em erupções anteriores; em outros momentos, de ódio, porque se sentem impotentes diante desse gigante que, tal como em 79 d. C., pode novamente soterrar a região.

Antes da redescoberta de Pompéia, as informações sobre ela resumiam-se a poucas referências, dentre as quais as de Tácito¹. Pompéia, assim como Herculano, Estábia e Oplontis, foi coberta por uma erupção do Vesúvio na noite de 24 para 25 de agosto de 79 d. C. Em poucas horas lavas, cinzas e gases venenosos cobriram e mataram centenas de pessoas. A descrição desses momentos chegou até nós por meio das cartas de Tácito, que registrou os relatos recebidos de Plínio, o Jovem, que presenciara o acontecimento ao visitar seu tio Plínio, o Velho, uma das vítimas do gás venenoso².

As Cartas de Tácito revelam detalhes dos acontecimentos ocasionados pelo terremoto e dos momentos de dor e desespero vivenciados pelas pessoas que viviam na região, dos quais destaco alguns aspectos, como o início do terremoto:

Tinha precedido por muitos dias um tremor de terra, não muito terrível porque em Campânia isso era habitual; mas naquela noite o tremor cresceu de tal maneira que parecia não mexer as coisas,

¹ Dion Cássio também registrou esta explosão vesuviana. Cf. D. Cássio, LXVI 21-23.

² Sobre a confrontação do relato da erupção apresentada nas Cartas de Tácito com vestígios arqueológicos e análises geológicas cf. Varone e Marturano, 1997.

mas girá-las... (Carta VI, 20)³. Uma nuvem se formava, mas observada a distância não se sabia ao certo de qual monte (posteriormente soube ser do Vesúvio), cujo aspecto e forma nenhuma árvore reproduzia melhor do que um pino (Carta VI, 16)⁴.

A sua descrição sobre o instante da explosão do Vesúvio:

Naquele momento, do monte Vesúvio reluziam amplas e elevadas chamas, cujo fulgor e claridade eram ainda mais intensos na noite escura. ... Caía cinza... Caíam pomes e pedras escuras, ardentes e trituradas, tanto mais quente e densa quanto mais se aproximavam (Carta VI, 16)⁵.

E a apresentação do cenário desolador com o qual se depara na manhã do dia 25, momento em que Plínio resolve sair da região com sua mãe:

Ainda caía cinza, mas agora menos densa. Pelas costas nos ameaçava uma profunda escuridão que nos perseguia como se fosse uma torrente de água que se precipita sobre a terra... Dificilmente podíamos ver as coisas, parecia noite, não como quando desa-

³ Praecesserat per multos dies tremor terrae minus formidolosus, quia Campaniae solitus; illa vero nocte ita invaluit, ut non moveri omnia ...

⁴ Nubes, incertum procul intuentibus, ex quo monte (Vesuvium fuisse postea cognitum est), oriebatur, cuius similitudinem et formam non alia magis arbor quam pinus espresserit Interim e Vesúvio monte pluribus latissimae flammae altaque incendia relucebant, quorum fulgor et claritas tenebris noctis excitabatur.

⁵ Interim e Vesúvio monte pluribus locis latissimae flammae altaque incendia relucebant, quorum fulgor et claritas tenebris noctis excitabatur. ... cinis incidebat, quo propius accederent, calidior et densior, iam pumices etiam nigrique et ambusti et fracti igne lapides...

parece a lua ou fica nublado, mas como em um lugar fechado e sem luz. Ouvíamos as lamentações das mulheres, os gritos de socorro das crianças, os clamores dos homens: uns procuram os pais, outros os filhos, outros, ainda, os esposos. Procuravam reconhecê-los pelas vozes, uns lamentavam a sua desgraça, outros a de seus entes queridos; havia alguns que invocavam a morte por medo de morrer, muitos levantavam as mãos aos deuses, muitos interpretavam que já não existiam mais os deuses e que aquela era a última e eterna noite do mundo e não faltou ainda quem aumentasse os perigos reais com terrores e fictícios imaginários (Carta, VI, 20)⁶.



Figura 3.2: Mapa da região do Vesúvio (de Franciscis, s/d: 5)

⁶ Iam cinis, adhuc tamen rarus. Respicio: densa caligo tergis imminebat, quae nos torrentis modo infusa terrae sequebatur... vix consideramus, et nox, non qualis in lunis aut nubila, sed qualis in locis clausis lumine extincto. audires ululatus feminarum, infantum quiritatus, clamores virorum; alii parentes, alii liberos, alii coniuges vocibus requirebant, vocibus noscitant; hi suum casum, illi suorum miserabantur; erant, qui metu mortis mortem precarentur; multi ad deos manus tollere, plures nusquam iam deos ullos aeternamque illam et novissimam noctem mundo interpretabantur. nec defuerunt, qui fictis mentitisque terroribus vera pericula augerent.

Soterradas por material vulcânico, cidades como Herculano e Pompéia, as maiores dentre as quatro soterradas, guardaram consigo ricos detalhes do cotidiano de seus habitantes, reservando para a posterioridade aspectos da vida romana e das particularidades regionais construídas nesses locais. Entretanto, com o passar dos séculos já não era mais possível precisar os montes nos quais elas estariam localizadas.

As primeiras escavações na região vesuviana ocorreram no início do século XVIII e o ano de 1738 é considerado como data oficial da primeira descoberta na região, a cidade de Herculano. Dez anos mais tarde, uma inscrição com as palavras *Civitas Pompeianorum* revela a localização da antiga Pompéia (Conticello, 1990: 2)⁷. A partir daí, iniciou-se o mapeamento da região e as escavações arqueológicas que prosseguem pelo século XXI, com cerca de um terço da cidade ainda a ser escavado, como se pode perceber nas regiões I, III, IV, V e IX (espaços em branco) do mapa de escavação:

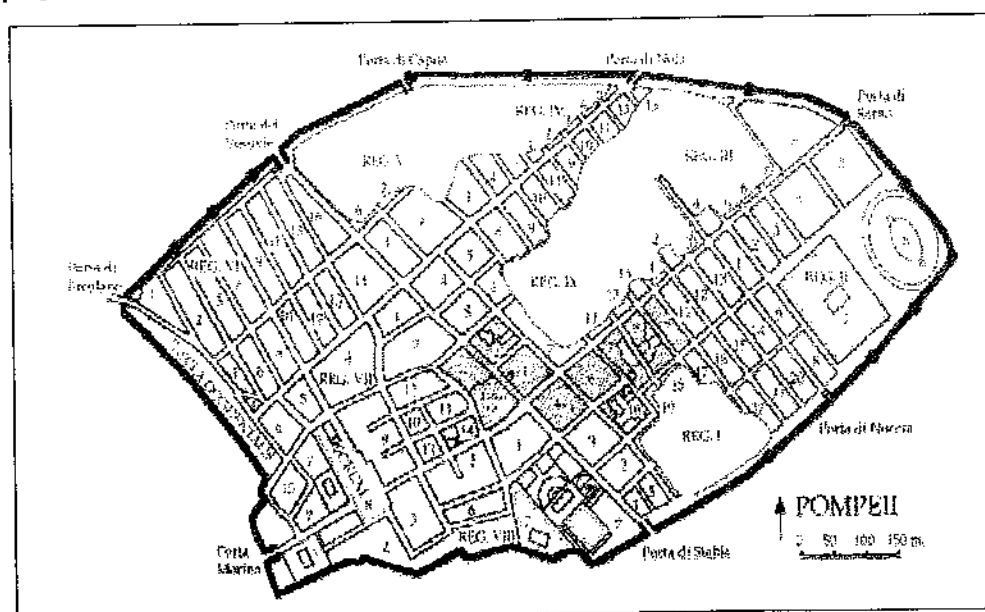


Figura 3.3: Mapa da região arqueológica da Pompéia Romana (Foss, 1997: 196)

⁷ Stabia e Oplontes foram descobertas apenas no século XX.

Após a descoberta de Pompéia e Herculano, a região passou a ser propriedade do reino de Nápoles, sob a dinastia Bourbon, que investiu em escavações arqueológicas com o propósito de encontrar obras de arte de testemunhos excepcionais da vida cotidiana, utilizada para decorar o palácio real (Guzzo, 1997: 7). Somente em 1811 as terras dessas regiões tornaram-se propriedade pública (De Carolis, 1999: 24) e é a partir desse século que os registros de escavações passaram a ser apresentados com maior assiduidade. *Bullettino dell' Istituto*, *Bullettino Archeologico Napolitano*, *Giornale degli Scavi di Pompei* e a *Rivista di Studi Pompeiani*, entre outras publicações, são exemplos de informes sobre as atividades de escavação, catalogação e restauro de artefatos e registros de escritos encontrados ao longo desses 250 anos de trabalho na região vesuviana.

Inúmeros problemas de ordem política, econômica e de manuseio das evidências têm envolvido os trabalhos na região. Como o interesse central dos pesquisadores do século XIX era com a arte e a arquitetura pompeiana, muitos artefatos foram perdidos, dispersos ou destruídos. Percebe-se a não-catalogação de todos os objetos encontrados, a falta de informação sobre a proveniência de muitos deles, bem como a mistura de peças de lugares diferentes (Berry, 1997: 186-187; Guzzo, 1997: 7; Laurence, 1994: 3), o que dificulta a análise de muitos aspectos do funcionamento dessas cidades.

Seguramente, a descoberta desses sítios impulsionou o desenvolvimento do estudo da História da Arte Clássica devido à grande quantidade de pinturas, esculturas e peças ornamentais encontradas (Conticello, 1990: 6). Entretanto, como considera Laurence, apesar de todo esse tempo de escavação e conservação, o impacto das descobertas ainda é relativamente pequeno sobre a Arqueologia e a História Antiga (Laurence, 1994: 1).

Ainda assim, o número e a diversidade de estátuas, pinturas, mosaicos e inscrições parietais, além de valorosas peças ornamentais, instrumentos cirúrgicos, utensílios domésticos, moedas e muitos outros objetos, formam um conjunto raro de fontes que estimulam o desenvolvimento de estudos sobre a história pompeiana, bem como de aspectos diversos da própria organização da sociedade romana. Essa documentação material é valiosa e alternativa às informações expressas em fontes literárias, permitindo ampliar ou questionar muitos dados destas últimas. Para a realização dessa pesquisa, a inscrição parietal é essencial para que sejam avaliadas as construções historiográficas contemporâneas, basicamente alicerçadas em fontes literárias aristocráticas, sobre a concepção sexo-amorosa de populares romanos. São esses registros que propiciam reflexões em torno das composições de "feminino" e "masculino" nesse meio social, a partir de uma documentação específica e produzida por eles. Aspectos gerais sobre esse tipo de fonte material são os apresentados na próxima seção.

3.2 Sobre as inscrições romanas

Ao longo do século XX intensificou-se, em diferentes campos das Ciências Humanas, a utilização de variadas fontes, além da usual documentação literária, com o intuito de ampliar as informações sobre a organização social de sociedades passadas. A própria releitura de fontes literárias, agora analisada como uma representação específica das elites, e o uso de outras evidências históricas como as fontes epigráficas, arqueológicas, iconográficas, entre outras, têm trazido valiosas contribuições para esse processo de revisão e ampli-

ação das temáticas discutidas pela História.

A Epigrafia pode ser caracterizada como parte da Paleografia que estuda as inscrições, incluindo sua decifração, datação e interpretação. A palavra "inscrição" tem origem na expressão latina *inscriptio* – ação de escrever sobre – e é utilizada, em tempos modernos, para caracterizar um texto entalhado, gravado, traçado ou, de outra maneira, estampado sobre uma superfície durável como pedras, metais, cerâmicas, telhas, vidros, reboco de muros, mosaicos *tes-serae* (Ireland, 1983: 220; Keppie, 1991: 10; Bodel, 2001: 2).

Dentre as inscrições romanas encontradas, há de distinguir-se dois tipos:

- as **monumentais**, gravadas com letras capitais ou maiúsculas, esculpidas em monumentos, tumbas funerárias, edifícios públicos e outras, usadas, principalmente, para divulgação de decretos oficiais, datas comemorativas e fins honoríficas, como pode ser visto nesta coluna construída em homenagem ao imperador Antonínus Pio (161-80 d. C.):

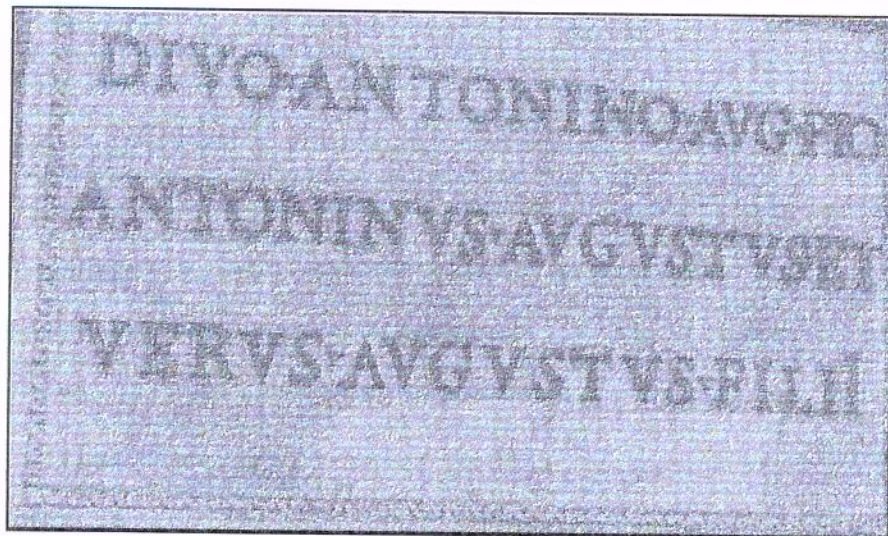


Figura 3.4: Coluna de Antonino Pio. Roma, 161-169 d. C. (bronze) (Keppie, 1991: 26)

• as **comuns**, escritas em letras cursivas, utilizadas pelo povo para registros de fatos do cotidiano. Anúncios, recados, insultos, sátiras a políticos, declarações e querelas amorosas estão entre os temas freqüentemente registrados.

Essas inscrições em letras comuns são chamadas de *grafites*, derivada de *graphium*, instrumento utilizado para o seu desenho. Esse objeto possuía a ponta dura, permitindo que as pessoas delineassem, com alguma facilidade, o sulco no formato das letras desejadas. Esse traçado sobre as paredes, chamado em latim de *graphio inscripta*, era a maneira mais comum e freqüente de as pessoas se expressarem.

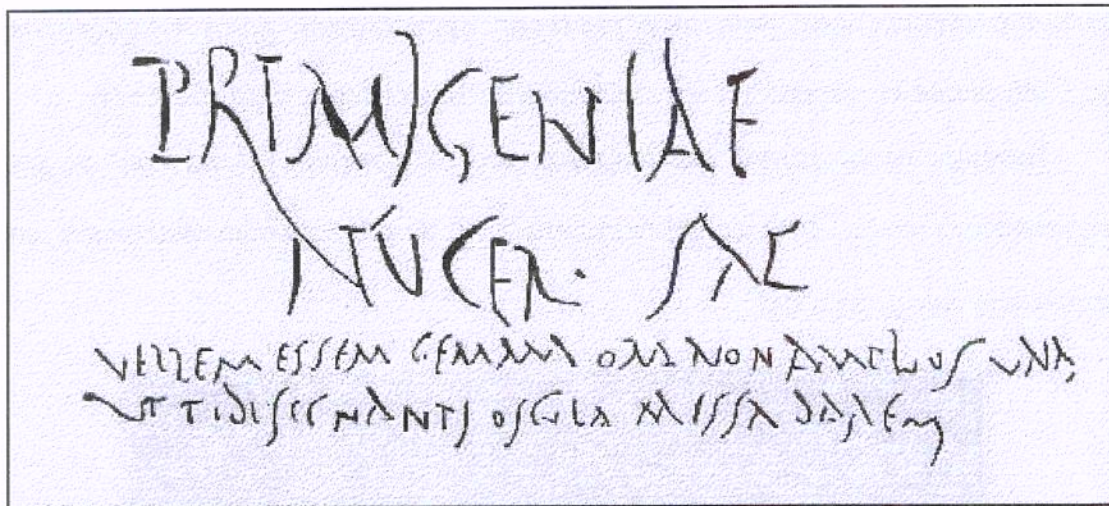


Figura 3.5: CIL, IV, 10241

Algumas importantes considerações devem ser enfatizadas quanto a esse tipo de documentação e de sua leitura. No *Corpus Inscriptionum Latinarum* os grafites são apresentados da maneira como estavam escritos na parede, como é o caso da representação acima, mas a grande maioria é mencionada apenas com a versão feita pelos paleógrafos, com interpretações e comentários considerados para as palavras que estão incompletas ou abreviadas. Assim, logo após a imagem dessa inscrição 10241, encontra-se a leitura:

a imagem dessa inscrição 10241, encontra-se a leitura:

Primigeniae Nuc(er)inae sal(utem).

Vellem essem gemma (h)ora(m?) non amplius una(m?),

Ut tibi signanti oscula missa darem.

Nota-se que as letras entre parênteses não estão no original e são baseadas em palavras com grafias aproximadas a outras contidas no *Corpus*, ou ainda em sugestões dos estudiosos. Toda a pontuação adotada também é feita a partir de critérios atuais, como pode ser visto na escrita corrida e sem intervalos contida no texto original. Isso significa que a própria transcrição desses grafites é influenciada pela interpretação apresentada pelos paleógrafos, e este é um primeiro aspecto a ser relevado no trato desse tipo de fonte.

Também eram usados em Pompéia, mas com menos frequência, os grafites pintados – *tituli picti*, para anúncios em lojas ou propagandas eleitorais, como o observado nesta parede:

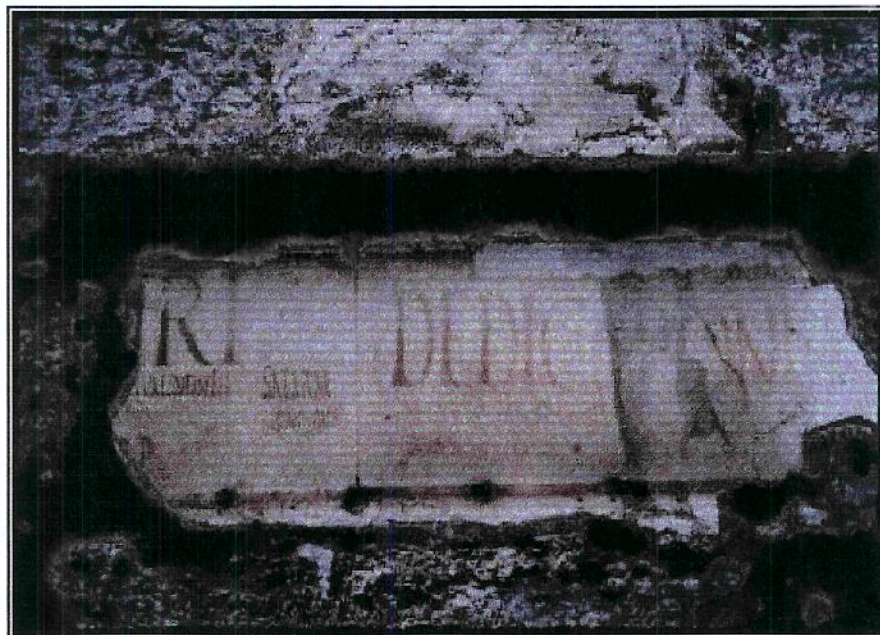


Figura 3.6: Grafites em uma das paredes de Pompéia (foto da autora)

As inscrições passaram a ser abundantemente encontradas com o desenvolvimento das escavações arqueológicas, a partir do século XVIII, estimulando o ritmo das escavações e a própria consolidação da Arqueologia como uma área da Ciência. A grande quantidade dessa documentação obtida em diferentes extensões do mundo romano instigou a organização de um grupo de estudiosos dirigido pelo alemão Theodor Mommsen, em 1847, preocupado em organizar e publicar as inscrições latinas de todas as partes desse império (Keppie, 1991:36). Assim, foi instituído o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, mais comumente conhecido por CIL.

O critério geográfico foi o estabelecido para a organização desse conjunto documental, atribuindo-se números para as diferentes regiões como, por exemplo, CIL II – Espanha, CIL VI – Roma. Fogem a esse critério regional os volumes I (inscrições sobre a morte de César), IV (inscrições parietais de Pompéia, Herculano e de outras cidades da região vesuviana), XV (para aquelas registradas em instrumentos domésticos de Roma), XVI (inscrições militares), XVII (às que lembram não apenas a distância, mas os nomes dos oficiais responsáveis pela construção de estradas) e XVIII (*carmina epigraphica*) (Bodel, 2001: 7, 159). Grande parte dos volumes do CIL foi publicada entre os anos de 1870 e 1890, muitos dos quais revisados e complementados por meio de suplementos posteriores. Trabalho esse que continua a ser realizado e agora com versões eletrônicas disponibilizadas em páginas da *webmail* como:

<http://www.bbaw.de/vh/cil/index.html> OU <http://www.uni-heidelberg.de/institute/sonst/adw/edh>.

As inscrições da região vesuviana de particular interesse para esta pesquisa estão elencadas no volume IV: até o momento estão disponíveis três Suplementos divididos em fascículos. No Suplemento I, publicado por Carolus

Zangemeister, são apresentadas as inscrições feitas em tabuletas de cera – *tabulae ceratae* – correspondendo às cartas de empréstimos e pagamentos feitos pelo banqueiro C. Caecilius Iucundus⁸. Um novo Suplemento foi publicado por Augusto Mau em 1909, com inscrições parietais e em cerâmica, e Mateo Della Corte foi o editor de outros quatro fascículos do terceiro Suplemento, publicados em 1952, 1955, 1963 e 1970. Entretanto, com sua morte, o último fascículo ficou a cargo de Weber e Ciprotti. Ainda desse terceiro Suplemento sairá um quinto fascículo, em preparação, com adendos e correções de todos os textos já publicados. O quarto Suplemento, que será disponibilizado na *webma-ii*, está sendo organizado pelo pompeianista Antonio Varone, com novos grafites e um índice de palavras com todas as inscrições contidas no CIL IV (Bodel, 2001: 161).

3.3 Estiletes e pincéis em ação

Essas inscrições comuns de Pompéia chamam a atenção pela grande quantidade em que foram encontradas em muros, paredes externas e internas de edifícios públicos, tabernas, locais de trabalho, habitações, ou seja, praticamente em todos os espaços disponíveis nas paredes da cidade. Até o último Suplemento do CIL foram publicados 10.913 grafites. Diversos outros, descobertos desde então, foram publicados em boletins de escavações, mas todos estarão compilados no IV suplemento preparado por Varone, como mencionado aci-

⁸ Estas compõem um total de 155 tabuletas de cera das quais 64 têm registrado a data de sua redação, a maioria entre os anos de 52 e 62, com exceção dos números I e II que são dos anos 15 a 27, e o III, facultativamente atribuídos a 52 ou 33. Cf. Väänänen, 1937: 18.

ma, e com data de publicação prevista para 2004 ou 2005⁹.

Como sugere Cartelle (1981: 81), parece razoável não terem sido encontrados livros nas cidades vesuvianas, na medida que estes não poderiam suportar as altas temperaturas, as cinzas e os lapilli ardentes que os teriam coberto. Situação semelhante aos livros parece ter ocorrido com as tabuletas de cera, via usual de escrita e leitura, das quais se pode ter uma idéia por meio daquelas encontradas em um cofre de madeira pertencente ao banqueiro Lucundus. A cera estava derretida, mas como a ponta do *graphium* havia alcançado a madeira que ficava atrás, foi possível reconstruir boa parte das informações, publicadas no CIL, Suplemento I¹⁰. Entretanto, o volume de grafites e os diferentes graus de conhecimento do latim expressos em sua grafia são evidências da prática de escrita, leitura e de difusão do alfabetismo em Pompéia¹¹.

Alguns aspectos ajudam a estabelecer o período em que esses grafites foram escritos. Como Pompéia foi soterrada no ano de 79 d. C., esta é a data limite para a sua realização. Porém, muitas inscrições foram destruídas desde que a cidade sofrera um forte abalo sísmico, no ano de 62; somando-se a isso a usual limpeza nas áreas de publicidade e a interferência climática na preservação¹², pode-se estimar que a grande maioria desses ícones tenha sido escrita nos últimos vinte anos da cidade. Essa possibilidade de precisar o período em

⁹ Data prevista pelo próprio autor em conversa que tivemos em Barcelona, no Simpósio *La Imagen del Sexo en la Antigüedad*, em março de 2002.

¹⁰ Menção sobre o uso também pode ser vista no grafite CIL, IV, 1796.

¹¹ Sobre esta questão conferir Väänänen, 1937: 15; Gigante, 1979: 37 e 41; Funari, 1989: 28; Franklin, 1991: 82; Varone, 1994: 9; Cavallo, 1995: 517-536.

¹² A ação atmosférica sobre os grafites tem sido verificada nas regiões escavadas, exigindo cuidados especiais para que não desapareçam. Algumas medidas têm sido tomadas para preservar essa documentação, como retirá-la com o reboco da parede e mantê-la no Museu Arqueológico de Nápoles ou protegê-la com vidro, como pode ser visto na figura anteriormente apresentada sobre os *tituli picti*.

que foram escritas é um aspecto diferenciador entre estas inscrições de outras poucas do mesmo gênero, encontradas em diversas partes do mundo romano, e que são, em geral, muito difíceis de serem datadas (Väänänen, 1937: 19).

Essas inscrições eram registros comuns e freqüentes nas paredes da cidade. A ação dos "grafiteiros" era tão intensa que, mesmo com a atuação dos *dealbatores*, trabalhadores que tinham por finalidade a limpeza das paredes, um grande número delas foram encontradas nas escavações, como mencionado anteriormente. O *dealbator* era encarregado de apagar velhas notícias, mensagens indesejáveis ou mesmo de deixar as paredes limpas. Parte desses novos espaços era utilizado com recados "oficiais", ou seja, anúncios de venda de produtos, de espetáculos ou cartazes eleitorais, por exemplo, escritos, via encomenda, por trabalhadores pagos para isso – os *scriptores*¹³. Contudo, de todas as inscrições catalogadas, a imensa maioria corresponde àquelas registradas de próprio punho pelo autor.

Esses grafites têm suscitado grande interesse paleográfico, lingüístico e literário, em diversos aspectos: por representarem uma das raras escritas cursivas da Antigüidade¹⁴; por permitirem analisar os processos de transformações ocorridos entre o latim popular e o erudito (Väänänen, 1937: 17; Cartelle, 1981: 83) e pela difusão da cultura literária fora dos círculos das elites¹⁵. Entretanto, nesta pesquisa, o interesse é fundamentalmente em seu caráter his-

¹³ Menções a esses trabalhadores podem ser vistas em grafites como CIL, IV 222, 230, 1190 e 3529.

¹⁴ Outros exemplos de letras cursivas são encontrados nas escritas hierática e demótica egípcia, nas tabuletas de cera pompeianas e em registros esparsos descobertos na região do império romano.

¹⁵ Por meio da análise de Gigante é possível verificar o grande número de referências da literatura épica, elegíaca e dramática de autores romanos, mas também de gregos e helenísticos, nos

tórico cultural.

A preservação da estrutura da cidade e de seus objetos de uso cotidiano permite vislumbrar aspectos da vida e dos costumes desses pompeianos, e os grafites completam esses dados com informações que revelam opiniões, desejos, experiências e sentimentos que saem diretamente da alma das pessoas para os muros da cidade. Assim, a possibilidade de junção desses documentos arqueológicos com os epigráficos faz de Pompéia uma fonte ímpar para estudos diversos sobre a organização da cidade, de seus habitantes e, em particular, sobre os homens e as mulheres populares.

Entre os pesquisadores que se dedicaram, ou ainda o fazem, aos estudos dessa região vesuviana soterrada, convencionou-se distinguir os italianos, principalmente os da Campânia, pela denominação *Pompeianista*. Dessa tradição, um nome representativo é o de Matteo Della Corte, considerado por Amedeo Maiuri, outro pompeianista, il più pompeiano dei pompeianisti (Maiuri, 1954: ix). Foi ele o primeiro italiano a assumir a organização e publicação das inscrições do CIL IV, a partir do terceiro Suplemento, como já mencionado.

O objetivo dos estudiosos pompeianistas, enfatizado há cinquenta anos atrás por Maiuri e ainda hoje almejado, é o de compor um grande centro de informações com todos os dados descobertos na região vesuviana, desde a epigrafia à pintura, e das peças mais rústica às obras de arte (Maiuri, 1954: ix). Desse esforço, pode-se mencionar os trabalhos realizados por Della Corte, Gigante e Varone de catalogação, leitura e interpretação de inscrições, especialmente as de cunho eleitoral, literário e amoroso, privilegiadas nas análises de-

grafites, confirmando a afinidade dos populares pompeianos com a leitura e a escrita. Cf. Gigante, 1979: 26.

envolvidas, respectivamente, por cada um deles (Della Corte, 1954; Gigante, 1979; Varone, 1994). Já Maiuri dedicou-se à catalogação e à classificação de documentos iconográficos, principalmente as pinturas parietais (Maiuri, 1953). Atualmente Varone dedica-se à organização de um novo número do CIL, com inscrições encontradas nos últimos anos de todos os temas.

São as análises desse conjunto de evidências materiais vesuvianas que têm estimulado estudos sobre as variadas etapas históricas pelas quais passou a cidade, bem como de suas características sócio, político e econômica. É por meio delas que Pesando remonta ao início da formação de Pompéia, embora reconheça os reduzidos conhecimentos ainda existentes sobre a ocupação osca na região. Propõe como o princípio de sua organização urbana o século VI a. C., organizada sob a influência cultural de inúmeros povos que ocuparam a região ao longo dos séculos. De pequeno vilarejo de pescadores e camponeses, Pompéia teria se transformado em um centro urbano, testemunhado por vestígios arquitetônicos, artísticos e objetos de uso cotidiano, com um estreito contato cultural entre etruscos, gregos, samnitas e romanos (Pesando, 1997: 13-14).

As etapas posteriores da existência da cidade são analisadas por autores como de Franciscis e Nappo, segundo os quais a invasão dos samnitas, povo de grupo lingüístico semelhante aos oscos, marcou o processo de colonização da cidade no final do século V a. C. Ainda com as datas arbitrárias sobre esse período samnita de Pompéia, as explorações estratigráficas permitem notar um aumento da população local e um considerável desenvolvimento agrícola, urbano e artístico (de Franciscis, s.d: 4; Nappo, 1997: 91-93). Essa forte influência cultural samnita sobre a cidade teria permanecido até o início do primeiro século antes de Cristo, momento em que foi incorporada pelos romanos, passando por significativas mudanças. E é sobre esse período, de aproximadamen-

te cento e cinquenta anos, que se avolumam os estudos relativos à cidade.

Pompéia foi anexada pelos romanos no ano 80 a. C. na condição de *Colônia Cornelia Veneria Pompeiorum* (CIL, X, 787), poucos anos depois de sua derrota na Guerra dos Aliados contra Roma. Étienne menciona que, nessa guerra, cidades da Campânia uniram-se para reivindicar a extensão do direito de cidadania romana a todos os latinos, a fim de serem contemplados com a redistribuição de terras realizada pelo governo romano aos seus cidadãos (Étienne, 1971: 90-2). Com a derrota, a cidade teria recebido uma população adicional de cerca de 5 mil veteranos de guerra, ali instalados como colonos pelo general Sila, o responsável pela conquista da cidade, como atesta a designação *Cornelia*, nome gentílico de Sila, e *Veneria*, sua homenagem à deusa Vênus (Tanzer, 1939: 1; Funari, 1989: 21; Cantarella, 1999b: 15).

Para analisar a discussão existente sobre a economia pompeiana, são retomados dados gerais do debate historiográfico sobre a economia do mundo romano e os tipos de relações estabelecidas entre cidade-campo. A intenção não é a de uma análise minuciosa sobre a questão, mas apenas facilitar a compreensão sobre o nível de atuação sócio-econômica desempenhada por "populares" pompeianos, para uma posterior análise crítica da representação dos papéis sociais e sexuais estabelecidos para os populares em estudos de tema amoroso e uma ênfase de novas possibilidades a partir de uma reflexão de gênero.

3.4 Economia romana: debates e vertentes

O papel da sociedade urbana no mundo antigo tem sido amplamente de-

batido no meio acadêmico desde o último século, recebendo atenção de autores como Marx, Weber, Pirenne e Finley. Dentre esses, o classicista Finley propôs, no início dos anos setenta, um perfil econômico para o mundo antigo baseado na idéia de "cidade consumidora". Estas seriam dominadas por uma elite local que obtinha a sua riqueza por meio da produção agrícola e gastava parte de sua renda com comida, manufaturas e serviços oferecidos pela cidade (Finley, 1985a: 139). Esse modelo de cidade não excluía o desenvolvimento das atividades manufatureiras, mas o seu consumo básico seria circunscrito a essa área.

Baseando-se em textos literários, o argumento do autor é o de que as esferas de comércio e de manufatura não teriam alcançado um significativo desenvolvimento na Antigüidade, porque tais atividades eram "mal vistas" e preteridas pelas elites. Na literatura aristocrática romana, uma famosa passagem de Cícero pode sintetizar o que Finley propõe como legítimo e representativo do olhar aristocrático sobre as atividades econômicas:

primeiro, são reprovados os benefícios que se recebem ofendendo os homens como os receptores e agiotas. Em segundo lugar, não são livres e dignos os benefícios de todos os mercenários, assalariados, obtidos por meio de duros esforços e não pela criação artística e habilidade, sendo, neste caso, o próprio salário um sinal de servidão. Ainda devem ser considerados vis aqueles que comprem dos vendedores para, imediatamente, vender a outros, pois nada ganhariam se não enganassem, explorassem e nada é mais vil que a fraude. Todos os artesãos se ocupam em artes vis, porque uma oficina não pode ter nada de nobre, e ainda menos aceitáveis são aqueles ofi-

cios que estão a serviço dos prazeres: comerciantes de peixe, açougueiros, lingüiceiros, pescadores ... unguentários, dançarinos e todos os jogos de azar (*De Officiis*, 1, XLII, 150)¹⁶.

Trechos com tais conotações levam o autor a vincular o estilo de vida da elite romana à tradicional exploração agrária. Assim, terra, tradição e riqueza seriam os componentes característicos desse estilo aristocrático e de seu distanciamento das atividades consideradas vulgares, como as já mencionadas¹⁷.

Outros autores adotam essa versão de cidade consumidora para o mundo romano. Whittaker, discípulo de Finley, perpetua a idéia em vários de seus trabalhos realizados tanto sobre a atuação da aristocracia no comércio romano, como em obras mais gerais sobre o comércio no mundo antigo¹⁸. Garnsey e Saller (2001) defendem que a economia romana era subdesenvolvida, pré-industrial e que a grande massa da população vivia em/ou próxima de um nível meramente de subsistência. Reconhecem a presença de aristocratas no comércio e na produção seriada de ânforas, e que a base econômica de algumas cidades era a agricultura, enquanto de outras, o comércio. Entretanto, parece-lhes que o número dessas últimas não seja representativo da realidade econômica romana. Nessa estrutura, a função da cidade ficaria reduzida a uma atuação

¹⁶ Primum improbantur ii quaestus qui in odia hominum incidunt, ut portitorum, ut feneratorum. Illiberales autem et sordidi quaestus mercenariorum omnium quorum operae, non quorum artes emuntur: est enim in illis ipsa merces auctoramentum servitutis. Sordidi etiam putandi qui mercantur a mercatoribus quod statim uendant; nihil enim proficiant, nisi admodum mentiantur; nec uero est quidquam turpius uanitate. Opificesque omnes in sordida arte uersantur nec enim quidquam ingennum habere potest officina minimeque artes eae probandae quae ministratae sunt uoluptatum: cetarii, lanii, coqui, fartores, piscatores...unguentarii, saltatores totumque ludum talarium.

¹⁷ Para Hervás, em um estado de proporções agrícolas como o romano a valorização aristocrática da posse da terra significaria, além de uma fonte de riqueza, também uma medida de diferenciação social (Hervás, s/d: 354); daí a valorização da tradição agrária.

fundamentalmente administrativa (Garnsey, Saller, 2001: 43-63). A mesma defesa de uma economia urbana baseada no abastecimento de bens e serviços para consumo local e direcionada a suprir a demanda de consumo de sua elite agrária é apresentada por Cornell (1996: 121-134).

Como contraponto a essa versão de cidade consumidora está a abordagem, com ênfase, em uma participação mais efetiva da indústria e do comércio na produção econômica romana. Esse antigo e complexo debate entre os denominados "primitivistas" e "modernistas" realça os diversos e, às vezes, contraditórios pontos de vista apresentados nos estudos atuais sobre a cidade e a economia romana antiga.

Rostovtzeff (1972) apresenta-se como o nome mais polêmico dessa versão modernista, na medida que assemelha a economia romana à desenvolvida na Europa ocidental e norte da América, no início do século XX. Sua tese foi muito criticada por simpatizantes de ambas as tendências¹⁸. Isso porque, mesmo entre os que argumentam a favor de uma economia voltada para o mercado, não é aceita a comparação entre a administração romana com a de um Estado moderno, e sim a preocupação em destacar como as variadas fontes permitem analisar relações comerciais entre as províncias romanas em uma proporção e complexidade maior do que as difundidas pelos defensores das cidades consumidoras. Como afirmou D'Arms em seu estudo sobre o comércio e a posição social em Roma, si reconocemos que el Imperio Romano era una sociedad preindustrial – presentaba, en todo caso, indícios de complejidad, orden y método en sus instituciones, en un nivel que hace que términos como 'primitiva' sean inadecuados, si no se explican cui-

¹⁸ Conferir em Garnsey, Hopkins e Wittaker, 1983; Wittaker e Garnsey, 1983 e Wittaker, 1985.

¹⁹ Verificar W. Jongman, 1991: 159 e R. Laurence, 1994: 9.

dadosamente²⁰.

A utilização de evidências arqueológicas, embora ainda não muito frequente entre historiadores sociais, tem trazido significativos avanços para o conhecimento da esfera econômica romana. A análise de artefatos cerâmicos, do registro e leitura das inscrições neles grafadas ou pintadas é o objetivo proposto, por exemplo, pela *Union Académique International*, sob os cuidados da Real Academia de História, com a publicação de um *Corpus* internacional sobre elas. Por meio dessas inscrições têm sido realizadas pesquisas acerca da atuação comercial de diferentes províncias romanas, favorecendo a composição de um quadro mais amplo sobre o seu desempenho econômico.

O estudo do consumo de azeite em diferentes regiões romanas é um dos temas de estudo por meio das inscrições existentes em fragmentos de ânforas. A partir delas, sustentam-se diferentes teorias sobre as atividades comerciais desenvolvidas por essa sociedade. Um delas é a do modelo redistributivo, aplicado para caracterizar a apropriação de bens por uma autoridade central e de sua posterior redistribuição de acordo com as necessidades administrativas e sociais (Polanyi, 1957). Nesse sentido, Remesal Rodríguez defende uma intervenção direta do Estado na distribuição dos produtos entre as províncias, durante o Alto Império, o que favorecia a sua redistribuição para os mercados locais. Essa prática teria estimulado o desenvolvimento de uma economia de larga escala quatro vezes maior que a atual União Europeia, baseado em um simples sistema monetário, uma simples linguagem e um consistente sistema administrativo (Remesal, 1998: 198).

Diversos outros estudos fundamentam a existência de uma acentuada

²⁰ D'Arms, 1981: 13, citado em Carreras e Funari, 2000: 118.

relação de comércio entre as províncias romanas como, por exemplo, o livro editado por Harris (1993) sobre a produção e distribuição no Império Romano a partir da análise de instrumentos domésticos. Um outro organizado por Keay (1998), a respeito da Arqueologia no início da Bética Romana, no qual se pode encontrar análises com referências ao desenvolvimento das cidades, a cunhagem de moedas, a economia rural, o comércio externo de metais, bem como a importância da região na organização romana. Também Carreras e Funari (1998) investigaram aspectos da estrutura econômica do Império romano e, particularmente, em uma de suas províncias, ao discutirem sobre o comércio, o consumo e o abastecimento de azeite bético e africano na região da Bretanha, a partir de informações encontradas em ânforas oleárias.

Em todo esse debate a respeito da organização urbana, é significativo observar que a publicação organizada por Cornell e Lomas (1996), sobre a sociedade urbana na Itália Romana, aglutina posições que defendem tanto a idéia de cidade consumidora como produtora. Isso indica que os estudos apresentados acima são representativos do antagonismo e da heterogeneidade que envolvem a controvérsia sobre a produção rural e o papel das cidades na organização econômica romana. É a partir desse contexto que a discussão é direcionada à economia pompeiana.

3.5 Identificando uma economia para Pompéia

Ainda que não existam muitos estudos sobre a economia pompeiana, permanece a polêmica se era aquela uma cidade consumidora ou produtora. A análise de artefatos materiais tem ampliado a aceitação das propostas da segunda

vertente, realçadas em diversas análises.

O pompeianista Mateo Della Corte publicou, nos anos de mil novecentos e quarenta, o volumoso livro intitulado *Case ed abitanti di Pompei*, reunindo e analisando a documentação epigráfica encontrada entre 1914 e 1925. Seu estudo contemplou as zonas setentrional, central e meridional do sítio arqueológico pompeiano, citando ruas e as inscrições nelas encontradas. Por meio dos grafites eleitorais, a grande maioria apresentada com os nomes dos candidatos a duúnviro ou edil (cargos anuais), e das pessoas ou corporações que os indicavam, Della Corte mostra um rico quadro da composição e lugar social ocupado por seus habitantes. Embora a sua análise não esteja centralizada na questão econômica, caracteriza Pompéia como uma cidade com prática industrial e comercial, desenvolvida tanto em nível local como marítimo²¹, e de produção de vinho²². A grande diversidade de ofícios mencionados e analisados, por meio das inscrições, fez-no identificar para a cidade uma dinâmica estrutura produtiva e de serviços.

Direção semelhante apresentou a obra do francês Robert Étienne sobre a vida cotidiana em Pompéia. Em uma consistente análise econômica da cidade, e com o auxílio de inscrições, argumenta sobre a diversidade agrícola e industrial da cidade e da produção em larga escala voltada para o comércio marítimo (Étienne, 1971: 123- 177).

No mesmo ano, Michael Grant também apresentou um direcionamento da economia pompeiana para o mercado e a circulação de mercadorias entre as províncias. Além de uma diversificada produção agrícola e de manufatura, o autor defende a existência de um amplo comércio praticado entre a cidade e

²¹ Cf. Della Corte, 1954, páginas 11, 44, 46, 56.

²² Idem: 50, 61, 69, 79.

inúmeras outras regiões. Por meio da análise de inscrições e objetos, realça uma dinâmica de importação e exportação com a Espanha, Gália, Sicília, Grécia, além da longínqua Índia (Grant, 1971: 115-126).

No Brasil, já nos anos oitenta, a análise de Norberto Guarinello sobre a *villa* da localidade de Setti Termini no *ager pompeianus*, enfatiza a tendência mercantil e setores de especialização no interior da propriedade agrícola pompeiana e, por extensão, romana, visando a minimizar os custos e maximizar os resultados da produção (Guarinello, 1985: 226). Também Pedro Paulo Funari destaca esta característica da produção pompeiana em seus estudos (Funari, 1989: 23 e 1999: 50).

Posição bem diferente é apresentada no estudo do holandês Willem Jongman. Seu livro, *The economy and society of Pompeii* (1991), a despeito da designação, mais do que uma análise de Pompéia, trata da economia e da sociedade romana em geral, apresentando um controvertido resultado. Sobre a exploração rural da cidade, Jongman realça o predomínio do cultivo de cereais por pequenos proprietários e nega a existência de *villae* em larga escala, destinada ao mercado externo (Jongman, 1991: 146, 158). Refuta a idéia de produção e exportação de vinho e azeite pela elite local, argüindo que o vinho era de baixa qualidade e que o número reduzido de inscrições em ânforas não permitiam uma análise satisfatória do tema. Essa conclusão o fez desconsiderar as informações epigráficas dos vasos cerâmicos e a rejeitar as teses de Day (1932) e Della Corte (1954) sobre o número expressivo de produtores e exportadores de vinho entre a aristocracia pompeiana, considerando a identificação dos nomes dos supostos proprietários como "puramente ficcional", embora faça uma análise superficial dessa documentação (Jongman, 1991: 128).

Parece-lhe forte o indício da participação de membros da elite no comércio urbano e nas atividades manufatureiras que, mesmo diversificada, destinar-se-iam ao consumo de uma sofisticada demanda local. Assim, a idéia de cidade consumidora seria a mais apropriada para caracterizar a economia pompeiana, estabelecida em função de uma demanda local e dominada, fundamentalmente, pela agricultura (Jongman, 1991: 59, 224).

Esse estudo de Pompéia foi apresentado como ilustrativo de um modelo econômico que o autor considerou predominante no mundo romano. Dependente das zonas agrícolas, a atuação das cidades limitar-se-ia a produção em pequena escala e à área de serviços, sem aprimoramento e quantidade suficiente para consolidar um mercado externo em larga escala.

Ray Laurence questiona veementemente a tese de Jongman e, diferindo deste, utiliza evidências materiais para analisar a organização da sociedade pompeiana, reforçando as idéias anteriormente apresentadas²³. A sua pesquisa de doutorado é apresentada como um contra argumento àquele defendido por Jongman. Inicia o seu quarto capítulo sobre produção e consumo em Pompéia considerando que a ênfase acadêmica de um modelo de cidade consumidora e dependente da produção agrícola obscurece importantes características da cidade de Roma e, em particular, aquelas atestadas em Pompéia (Laurence, 1994: 51).

Uma diversificada e complexa economia, envolvendo tanto a zona rural quanto a urbana, é caracterizada para a cidade. O solo fértil da região teria favorecido uma atividade agrícola baseada no cultivo de uvas, olivas, frutas e vegetais. Aliado a outros estudos arqueológicos desenvolvidos sobre a região e

²³ Segundo Laurence, Jongman "analisa as evidências materiais somente para questionar teorias de outros e não para sustentar ou discutir seus próprios argumentos" Cf. Laurence, 1994: 9.

utilizando-se de análises etnográficas, da composição de cerâmica e dos *tituli*, o autor defende que a produção agrícola, bem como a de vinho e óleo, tenha sido destinada ao consumo local, tanto quanto para exportação para outras cidades e regiões. Concomitante a isso, seriam importadas mercadorias de várias regiões e concorrentes a similares do local, dando mostras da complexidade do comércio no Mediterrâneo romano (Laurence, 1994: 67 e 51).

Algo semelhante teria acontecido com a economia urbana. Os vestígios arqueológicos de inúmeros ambientes de trabalho com tecelagem e tintura de tecidos, manuseio de metais e da produção de *garum* (frutos do mar em conserva), entre outros, são elementos que lhe asseguram uma produção muito maior do que aquela passível de consumo pela população local (Laurence, 1994: 61-64).

Desfazendo-se dos modelos idealizados, o autor conclui que Pompéia não se caracterizava, exatamente, nem como cidade consumidora, nem como produtora, pois mercadorias eram produzidas e consumidas concomitantemente. É seguro em afirmar que tanto a análise arqueológica das cerâmicas como dos locais de trabalho indicam a dimensão do complexo modelo de comércio e troca realizado de e para Pompéia, e que manufaturas pompeianas transportadas via Roma e Puteoli poderiam ter sido difundidas por todo o Império Romano (Laurence, 1994: 69).

Outras análises arqueológicas realizadas com o auxílio de sofisticados recursos tecnológicos igualmente reforçam essa imagem de uma economia pompeiana em conexão com outros mercados. O estudo sobre a agricultura pompeiana apresentado por Borgongino (1999) confirma a atividade agrícola intensa e especializada, comparada às práticas regionais interioranas. A descoberta de materiais piroclásticos lançados do Vesúvio, em 79, e a análise paleobotânica

são meios importantes para o conhecimento de antigas práticas agrícolas, especialmente para a região da Campânia. Sementes e frutos carbonizados, componentes metálicos utilizados na transformação dos produtos de um estado para outro como, por exemplo, de uvas para o vinho, traços de irrigação, entre outros, confirmam a especialização de Pompéia como produtora de vinho (Borgogino, 1999: 89-91).

D'Orazio e Martuscelli (1999) analisam a indústria, a tecnologia e o comércio têxtil de Pompéia através da documentação material constituída de instrumentos de trabalho e oficinas especializadas no processo de transformação da matéria prima em tecido (fibras naturais de plantas e animais, principalmente a lã de carneiro, parte adquirida no local e outras importadas de outras regiões do império). Desses estabelecimentos foram encontrados, em Pompéia, *treze officinae lanificariae*, responsáveis pela lavagem e tratamento das fibras; *sete officinae textoriae*, nas quais aquelas eram cardadas, alongadas, fiadas e tecidas e, para a finalização do processo, as *officinae tinctoriae* (nove na cidade), responsáveis pelo tingimento. Os vestígios materiais relacionados a esse setor levam os autores a considerar a existência de uma cadeia de comércio ao redor da bacia do Mediterrâneo em que fibras, produtos semiprontos, têxteis, corantes e aditivos eram freqüentemente importados e exportados (D'Orazio e Martuscelli, 1999: 92-94).

Ainda nessa direção, encontram-se os estudos de Lazzarini e Concelliere (1999) sobre a importação de mármore e pedras em Pompéia, em especial a partir do período imperial. Vários elementos arquitetônicos, como pavimentos e elementos decorativos encontrados na cidade, além das estátuas, permitem a investigação da origem desse material. Especialistas identificam-no como pro-

cedentes de vários lugares como Egito, Tunísia, Turquia, região do Peloponeso, entre outras, reforçando, mais uma vez, a idéia de um amplo comércio entre as províncias. Por meio dos vestígios arqueológicos, também é possível notar a existência de oficinas pompeianas destinadas ao trabalho e lapidação desse material (Lazzarini e Concelliere, 1999: 97-99).

A partir da apresentação desse debate historiográfico sobre economia pompeiana e, diante de sua diversidade, a posição considerada pela autora para Pompéia segue aquela de uma integração econômica no sistema macroeconômico do Império, com uma dinâmica social influenciada por este contexto, como será analisado no capítulo seguinte. Outros aspectos a serem realçados do que foi visto ao longo deste capítulo é o de como a *Colonia Cornelia Veneria Pompeiorum* tem sido constituída como tema de análise histórica desde o século XVIII, momento em que foi redescoberta. Esse sítio arqueológico e toda a documentação material ali encontrada são fontes importantes para a reflexão das diversidades regionais e aspectos gerais do mundo romano, e possibilitam questionar e/ou enfatizar novos elementos além daqueles postos pela literatura. Desses conjuntos de documentos, mereceu destaque especial a inscrição, principal fonte desta pesquisa. Após essa discussão sobre o perfil econômico de Pompéia, segue uma análise a respeito daqueles que estão sendo considerados, nesta pesquisa, como "populares" e de uma conceituação de "cultura popular".

Capítulo 4

A expressão popular nos grafites

Acerca de las cosas invisibles, acerca de las cosas
mortales, los dioses tienen conocimiento claro; pero
para los hombres sólo existe la posibilidad de juzgar
a partir de indicios.
[Alcmeón de Crotona]

Pompéia, pequena cidade da Campânia romana, com uma dinâmica econômica fundamentada na agricultura, na indústria e no comércio, tinha uma população estimada entre dez e quinze mil habitantes. Dentre esses pompeianos que viveram e fizeram a história da cidade, estavam os denominados populares. Quem seriam eles?

Dois vocábulos latinos são mencionados com frequência para a análise da composição social romana – *honestiores* e *humiliores* – e suscitaram reflexões de pesquisadores contemporâneos preocupados em compreender o significado que poderiam ter adquirido na sociedade romana. A tradução literal de *honestus* (honor – honra, respeito) corresponde àquele que é honrado, virtuoso, nobre, e humilis, o que está no chão (*humus*), o de baixa condição, o comum, o modesto; mas o interessante a ser observado é a conotação adquirida segundo o lugar em que é usado. Whittaker, por exemplo, observou que a palavra *humiliores*, utilizada em textos aristocráticos, era associada a vocábulos diversos como *plebs* (classes inferiores, populacho), *vulgus* (massa obscura), *turba* (desordem, agita-

ção) e *multitudo* (multidão), denotando juízos depreciativos e de conotações políticas atribuídos pelas elites às pessoas que não pertenciam ao seu meio (Whittaker, 1992: 230-1), aspecto que dificulta compreender quem seriam essas pessoas. Alföldy, por sua vez, buscou caracterizar a composição social dos dois termos latinos. Os *honestiores* foram identificados como aqueles que possuíam um *status* social e econômico elevado e, do outro lado da pirâmide social, os *humiliores*, de origem pobre, ausentes do poder e das dignidades públicas (Alföldy, 1987: 181, 183). A condição financeira, a tradição familiar e as relações pessoais seriam os fatores que interferiam na posição social ocupada por cada um e que acabavam inserindo homens de variadas condições jurídicas em grupos sociais semelhantes.

Ambos os autores apresentam aspectos relevantes a serem considerados pelos estudiosos interessados no exame da composição social, seja pela conotação de classe atribuída às palavras, ou pelo destaque à complexidade de elementos capazes de interferir nas posições sociais romanas. Para a análise sobre a constituição dos grupos populares pompeianos, não utilizo o recurso proposto por Wittaker, mas as referências de Alföldy contribuirão para essa reflexão, apresentada na Seção 3.3 deste capítulo. Antes disso, faço algumas considerações teóricas sobre a expressão "cultura popular", a sua perspectiva aqui empregada e a razão de identificar os grafites como uma manifestação cultural popular.

4.1 A cultura popular

A expressão cultura popular surgiu no século XIX, na Europa, como questionamento ao modelo holístico de cultura, baseado na noção de uma

tionamento ao modelo holístico de cultura, baseado na noção de uma cultura única e geral para cada sociedade. As novas abordagens marcaram, entre outras, a concepção de cultura popular como o conjunto das tradições do povo, expresso em suas lendas, crenças, canções e costumes; mas isolada, restrita ao campo e aos camponeses analfabetos; ou como uma reprodução "imperfeita" e "deteriorada" da cultura erudita. Na análise dessas culturas, convencionou-se denominar culturas eruditas, também conhecidas como dominantes ou superiores, aquelas ligadas às elites; e culturas populares, inferiores ou subalternas, aquelas produzidas pelo "povo"¹.

Ao longo do século XX, outras considerações sobre cultura popular foram apresentadas, principalmente depois dos anos cinquenta, em um contexto de forte crítica ao colonialismo e à dominação de classe. Estudos de áreas como Antropologia, Sociologia, História e Arqueologia passaram a questionar o conceito de cultura e suas derivações "cultura inferior ou primitiva" e "cultura superior". Acentuadas críticas foram aduzidas à idéia de um centro propagador de cultura, fomentado por grupos dominantes, e à prática de absorção, ainda vista como natural, da cultura superior pelos grupos "subalternos"².

Dentre essas vozes, a do estudioso francês de Certeau destacou a generalização do padrão cultural das elites francesas como o modelo digno de conhecimento e perpetuação pela sociedade, no qual os 'íneptos' são excluídos, dizia o autor, não somente de uma cultura, mas da cultura (uma vez que o sistema que os elimina de uma 'instrução' os rouba também de suas tradições próprias ...) (de Certeau,

¹ A ambigüidade e a complexidade que envolvem a expressão cultura popular foram detalhadas por alguns estudiosos como de Certeau, 1995; Ginzburg, 1987; Funari, 1987 e Burke, 1989.

² Dentre eles pode-se mencionar de Certeau, 1995 (publicação francesa de 1973); Ginzburg, 1987; Funari, 1989; Burke, 1989; Davis, 1990; Arantes, 1995; Horsfall, 1996.

1995: 167. Grifos do autor)³.

Nesse mesmo período, e em sintonia com essas idéias, Foucault salientou a importância de se verificar a procedência dos discursos sociais com a finalidade de apreender sua conotação política e natureza de classe (Foucault, 1996: 52-53)⁴. Com isso, a noção de uma só cultura numa sociedade foi caracterizada, pelo autor, como a aceitação do conceito estabelecido pelos grupos dominantes, que reconhecem apenas os seus próprios valores culturais como os legítimos e verdadeiros da sociedade a que pertencem. Foi com atenção para o *ethos* de classe que esses autores franceses criticaram a generalização de conceitos e princípios de uma classe como os verdadeiros e os únicos de uma sociedade⁵.

Surgiram monografias sobre cultura popular em vários períodos da história (Davis, 1990; Arantes, 1995) e foram enfatizadas as diversidades tanto das culturas eruditas quanto das populares (Patlagean, 1990; Hunt, 1992), uma vez que o conceito de cultura foi enfatizado, como o fez Funari, como resultado do trabalho e da elaboração humanos ... todos são difusores do saber e exercem um papel ativo na organização do mundo social, em termos econômicos, políticos e culturais (Funari, 1989: 12-13), ou ainda de Certeau: cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um *marca* aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar (de Certeau, 1995: 143).

Com o enfoque deslocado de uma para várias culturas, em uma mesma sociedade, surgiram outras idéias como a do caráter contestatório das práticas

³ De Certeau faleceu em 1986 e suas reflexões sobre cultura vinham desde os anos sessenta, como se pode verificar em menções de outras obras indicadas na bibliografia.

⁴ Publicação francesa de 1969.

⁵ Também de Certeau fez objeção à idéia de uma produção sócio-cultural unívoca: o lugar de onde se fala, no interior de uma sociedade, emerge silenciosamente no discurso e reproduz-se

populares (Funari, 1989; Gonçalves, 1995) e da interdependência cultural (Ginzburg, 1987; Horsfall, 1996), valorizando a reformulação diária das culturas em suas práticas de integração, de conflito de contradição e em seus contatos com culturas externas⁶.

Esses aspectos são notados nos grafites pompeianos e a primeira evidência está no próprio tipo de latim utilizado para escrevê-los. O latim, língua originalmente falada na região do Lácio, acompanhou o processo de expansão romana e foi difundida nas regiões conquistadas (Parca, 2001: 64). Falado em extensa área do Império romano, embora com um núcleo comum, variava segundo a região influenciado pela interação com línguas e dialetos regionais e de um meio social a outro, de acordo com o grau de conhecimento (Väänänen, 1937: 15) e de interesses de cada grupo. Em Pompéia, passou a ser difundido a partir da incorporação da cidade como colônia romana e por muitos anos foi utilizado concomitante com o osco, a língua nativa (Parca, 2001: 65).

No processo de assimilação da língua latina, diferenças são estabelecidas entre a escrita erudita e a popular. Os escritos oficiais seguem as regras gramaticais do padrão erudito, enquanto o latim popular, mais flexível, acaba por adequar-se aos elementos regionais. Em Pompéia, reminiscências da escrita e da sintaxe osca são adaptadas à língua latina, gerando alterações fonéticas, de ortografia e de justaposições em muitas palavras (Väänänen, 1937); a sua disposição na frase também se aproxima da manifestação espontânea da fala cotidiana. Um outro aspecto relevante dessa diferença está na possibilidade de apreender diferentes significados atribuídos às palavras, de acordo com os

no nível do conteúdo intelectual, com o ressurgimento de um modelo totalitário. Com efeito, a cultura no singular traduz o singular de um meio. Cf. de Certeau, 1995: 227.

⁶ Outros estudos sobre esta questão podem ser vistos em Jones, 1997 e Funari, Hall, e Jones, 1999.

valores dos grupos nos quais são constituídos⁷. Os grafites pompeianos denotam as características desse latim popular ou vulgar, diferenciado em sua morfologia e sintaxe do latim erudito.

Isso significa que o latim popular, registrado nas paredes, não se resume a uma ortografia incorreta, fruto de uma educação deficiente quando comparada às normas da escrita latina erudita. É nesse conjunto de variações morfológicas, de sintaxe e de semântica, próximo à fala e representando o universo cultural de seus escritores, que os grafites manifestam a força e o sentido de sua representação popular. Linguagem que, como diz Funari, simboliza as leituras e as referências construídas por pessoas que a um só tempo aceitavam e negavam as condições de exploração material e espiritual a que estavam submetidas (Funari, 1989: 77).

É por meio dessa escrita parietal que um grande número de pessoas deixaram registradas a sua opinião sobre os mais variados temas, como os seus desejos e aspirações; amores conquistados e perdidos; apoio e críticas a políticos, ao imperador; mensagens a amigos; trechos de obras literárias; opinião sobre bordéis, entre tantos outros. Quanto à temática do amor, os muros de Pompéia demonstram o quanto era usual mulheres e homens registrarem a felicidade de um relacionamento compartilhado, a tristeza pela distância da amada, os ciúmes, os lamentos e as decepções causadas pelo rompimento.

Nessas muitas manifestações encontram-se traços da inserção da cidade em um contexto mais amplo da sociedade romana. Além da prevalência do argumento historiográfico contemporâneo a favor da participação econômica de Pompéia no comércio interprovincial, exportando e importando produtos, como

⁷ Uma análise das diferenças sintáticas entre a escrita popular e a erudita e de conotações apresentados às palavras, está em Funari, 1989: 45-47.

mostrado no capítulo anterior, também é possível verificar a influência literária épica, elegíaca e dramática romana, grega e helenística nas representações do sentimento afetivo (Gigante, 1979: 37). Citações de autores como Homero, Virgílio, Tiburtino⁸, Ovídio, Catulo, Lucrécio, Propércio, além de outros, são encontradas em grafites. Como diz Gigante, transcrevendo a observação do estudioso germânico Solin: *i graffiti sono una fonte notevole per la conoscenza della diffusione della cultura letteraria fuori dei circoli letterari elitari* (Gigante, 1979: 26).

Esse contato e aprendizado literário poderia ter ocorrido tanto por meio da escola, como por métodos pedagógicos alternativos, principalmente para o conhecimento da língua e cultura grega, como o contato com imigrantes, com o comércio, prestação do serviço militar, além das representações teatrais e da atuação dos *circulatores*, pessoas que promoviam entretenimentos itinerantes, com funções de cantar, declamar poesias ou ler trechos de livros (Gigante, 1979: 41; Horsfall, 1996: 28, 47).

Uma questão a ser discutida diante dessa manifestação popular, que por vezes reproduz ou inspira-se em obras da literatura aristocrática, é se isto caracterizaria uma absorção e submissão intelectual em relação à cultura erudita. Características desta criação cultural em algumas inscrições amorosas de Pompéia possibilitam refletir sobre a questão.

⁸ O poeta Tiburtino, embora pouco conhecido para nós, é um dos representantes da poesia epigramática helenística, e há menções de seus dísticos amorosos em inscrições pompeianas, conforme Gigante, 1971: 81-88. Gigante defende que esse autor seja da época de Sila (início do Século I a. C.) e discorda de algumas referências apresentadas sobre ele por Augusto Mau e Mateo Della Corte, ambos especialistas em inscrições pompeianas e responsáveis pela publicação, respectivamente, dos Suplementos II e III, do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, v. IV. Dessa maneira, embora sem o contato com as obras desse autor, creio ser confiável a indicação desses estudiosos e válido manter a menção.

4.2 Grafite: o (di)verso popular

Grande parte das inscrições encontradas nas paredes pompeianas são de rápidas menções e suscitadas diretamente do coração, como este grafite que deixou registrado o amor de Marcos por Espedusa, em uma das portas de entrada da região V (conferir mapa de Pompei Scavi, no capítulo 3):

Marcus Spedusa amat

(CIL, IV, 7086).

[Marcos ama Espedusa].

Ou neste outro em que um provável rival foi o autor das palavras que anunciaram, na entrada de uma taberna⁹, o amor não correspondido vivido por Marcelo:

Marcellus Praenestinam amat, et non curatur

(CIL, IV, 7679)

[Marcelo ama Prenestina e não é correspondido].

Em diversos outros grafites, os autores fizeram suas as palavras de poetas famosos, que tinham as suas obras publicadas e divulgadas pelo império. Um apaixonado(?) ou simplesmente uma pessoa em sintonia com Horácio¹⁰, utilizou-se de seus versos para exaltar os amantes e praguejar contra aqueles que punham empecilhos à sua vivência, deixando esse seu mau augúrio escrito na

⁹ Reg. III, in. 4.

¹⁰ As indicações sobre as inspirações literárias apresentadas nos grafites são de Gigante (1979), contudo, as traduções parietais são de minha autoria, salvo quando indicado de outra maneira.

sala de recepção de uma casa (reg. V, íns. 1).

(Quis)quis amat ualeat, pereat qui nescit amare.

Bis tanto pereat quisquis amare uetat

(CIL, IV, 4091)

[Viva quem ama, que morra quem não sabe amar!

Duas vezes morra quem proíbe o amor].

Predição que foi direcionada aos amantes em uma adaptação de um destes versos, apresentada em um dos grafites da casa 9¹¹, por um indivíduo que, talvez em um momento de raiva por estar sofrendo a dor de uma desilusão amorosa, queria atingir os apaixonados:

Quisquis amat pereat

(CIL, IV, 4659)

[Morra quem quer que ame!].

O uso desse verso, ajustado ora aos votos de vida e sorte, ora aos de morte e desprezo aos amantes, sinaliza a sua adaptação em função de motivações pessoais que inspiraram os seus autores a mencioná-las.

Também os românticos versos de Tiburtino, memorizados por esse outro “poeta”, foram registrados na parede do Teatro Menor:

(...)tuí me oculi pos(t)quam deduxstis in ignem

(...)uim uestreis largificatis geneis

(...)non possunt lacrumae restinguere flam(m)am

(...)cos incendunt tabifican(t)que animum. Tiburtinus epoes(e) sic)

¹¹ Reg. VI, íns. 15.

(CIL, IV, 4966)

[Primeiro, com o encanto dos teus olhos, tens-me feito arder de paixão e agora das rédeas soltas às lágrimas por tua face. Mas as lágrimas não podem apagar as minhas chamas, elas me queimam o rosto e consomem o meu coração!

Abaixo:

Esta é uma composição poética de Tiburtino, ou melhor: de um tiburtino]¹².

É interessante observar que a pessoa que escreveu estes versos, ao final, enfatizou como fez suas aquelas palavras do grande poeta, reescritas por ele, um desconhecido e apaixonado poeta "tiburtino".

Também uma parte do verso de Propércio *a pereat, si quis lentus amare potest* (I, 6, 12), foi adaptado, com habilidade, nesse grafite escrito em uma parede da Casa do Médico¹³. Uma interessante conexão entre fonte e amor, símbolos de vida, associados às águas quentes e chamas, elementos que queimam e consomem, ou seja, o amor como propiciador e esgotamento da vida, aparece nesta inscrição para prevenir os seus candidatos da dor provocada pela exaustão de uma desilusão amorosa:

*Quisquis amat calidis non debet fontibus uti,
nam nemo flammis ustus amare potest*

(CIL, IV, 1898)

[Quem ama não deve se banhar em fontes quentes,

¹² Proposta de tradução apresentada por Cartelle, 1981: 121.

pois ninguém que esteja escaldado pode amar as chamas].

O tema da desilusão e perda amorosa repete-se em outro poema precioso, no qual Gigante destaca uma forte influência elegíaca. Inspirada por essas referências, uma jovem escreve um poema em que uma garota (ela própria?) havia estado "nas nuvens" pela felicidade de seu amor, mas que, posteriormente, chorava o abandono de seu querido, dizendo a si mesma:

O utinam liceat collo complexa tenere.

Braciola et teneris oscula ferre labellis¹⁴.

Inunc, uentis tua gaudia, pupula, crede.

Crede mihi, levis est natura uirorum¹⁵.

Saepe ego cu(m) media uigilare(m) perdita nocte¹⁶.

Haec mecum medita(n)s: multos Fortuna quos
supstulit alte, hos modo proiectos subito

praecipitesque premit. Sic Venus ut subito coiunxit

~~Dipiditalanattan~~ (paries quid amam?)

(CIL, IV, 5296).

[Oh, se fosse possível manter meus braços enlaçados
ao teu pescoço e levar meus beijos aos teus doces lábios!
Mas agora vai, menininha, entrega teus prazeres

¹³ Reg. IX, íns. 8.

¹⁴ Ovídio, Am. I 13, 39 e Ars. Am. II 534.

¹⁵ Motivo contrário ao de Virgílio uarum et mutabile semper/femina: Aen., IV, 5695. Aqui a autora alterou a palavra *femina* por *uir*, adaptando o verso ao sentido que queria valorizar.

¹⁶ Plauto, Trin. 223-226.

ao vento. Crê em mim, inconstante é a natureza dos varões. Muitas vezes, eu, apaixonada, na madrugada, em vigília, pensava comigo mesma: muitos alçados pela Fortuna ao topo, foram, súbita e precipitadamente, rebaixados. Assim, Vênus, tão logo junte os corpos dos amantes, divide a luz...]¹⁷.

Esse é um canto de lamento pela perda do amado. Fala de uma inconstância sentimental dos homens e das horas dedicadas a meditar sobre a felicidade e "fortuna" de ter um amor correspondido e o sofrimento causado pela perda. Embora tecnicamente "defeituoso", segundo regras literárias eruditas, como a falta de unidade e da divisão do poema em versos, Gigante¹⁸ considera que a autora não renunciou à sua característica popularesca e certa simplicidade de estilo ao utilizar esses modelos literários (Gigante, 1979: 212). Assim, o conhecimento da poesia elegíaca e a adaptação de sua linguagem, padrão e significado, expressam a criatividade e fluidez de uma composição cuja mensagem revela-se espontânea e direta, em harmonia com a linguagem e leitura popular em que foi formulada.

Um outro aspecto muito significativo nos versos pompeianos é a representação feita da deusa do amor, Vênus. O próprio nome de *Colonia Cornelia Veneria Pompeiorum* atribuído a Pompéia no momento em que foi anexada, por Sila, ao império Romano, indica a importância de Vênus como deusa protetora

¹⁷ Nos versos finais deste poema segue-se a proposta de interpretação de Funari, 1995: 183.

¹⁸ Vale observar o caráter interpretativo que envolve as inscrições. Nesta, por exemplo, Gigante concorda com a explicação atentíssima e sensível apresentada por um autor chamado F. Copley que, segundo o seu parecer, libera o poema da *incrostazione mondana* proposta por Della Valle. Cf. Gigante, 1979: 212.

da cidade e de seus amantes. Dos modelos mais famosos e representados dessa deusa, em pintura, um foi encontrado no peristilo de uma casa de Pompéia (II, 3, 3), de uma família aristocrática.

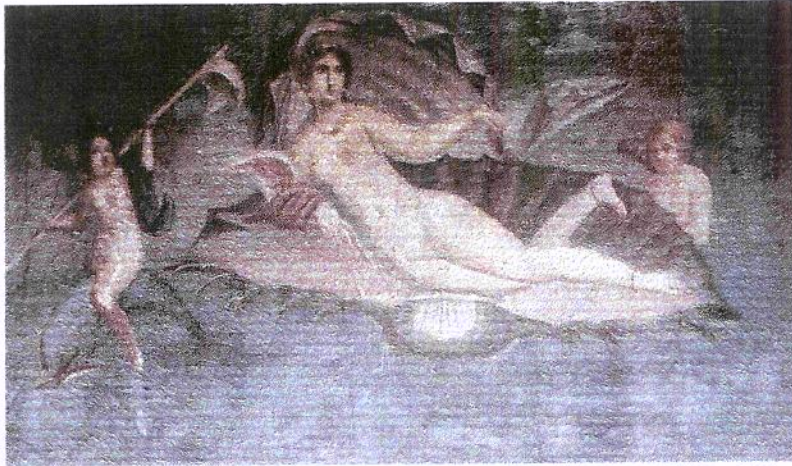


Figura 4.1: Vênus em uma concha (De Carolis, 2000: 36)

Ainda uma outra estátua pompeiana de Vênus retrata o esplendor em que foi idealizada:



Figura 4.2: Estátua de mármore de Vênus (Cantarella, 1998: 128)

Como pode ser visto nas imagens acima, a deusa é representada com um formoso corpo e ricamente adornada com jóias e roupas plenas de detalhes em ouro, simbolizando a sua beleza, perfeição, riqueza e soberba. Esse estilo iconográfico, segundo De Carolis, é baseado no modelo helenístico e repetido com frequência em pinturas, mosaicos e esculturas de Pompéia (De Carolis, 2000: 37). A preocupação em projetar as imagens a partir de padrões greco-helenísticos é interpretado por Funari como uma maneira simbólica das elites mostrarem erudição e requinte¹⁹, tanto para os seus pares como aos demais indivíduos.

Os grafites populares, entretanto, mostram uma interpretação peculiar de Vênus. Trata-se de uma deusa presente no cotidiano dessas pessoas, próxima de seus pedidos e aflições:

Sei quid amor ualeat nostei, sei te hominem scis,
commiseresce mei, da ueniam ut ueniam. Flos Veneris
mihi de...

(CIL, IV, 4971)

[Se conheces a força do amor, e a natureza humana,
tem pena de mim, faças o favor de me concederes os
teus favores. Flor de Vênus, para mim...].

Uma deusa cuja beleza é personificada em garotas reais, palpáveis, que compartilham o cotidiano de seus admiradores:

(Non) ego tamcuro Venerem de marmorii,
factam s... carmin...

¹⁹ Cf. Funari, 1989: 17: "a erudição imagina-se herdeira e continuadora imóvel da tradição re-

(CIL, IV, 3691)

[Eu não me preocupo, em meus versos, por uma Vênus feita de mármore, mas por uma de carne e osso...],

ou ainda:

Sí quis non uidi(t) Venerem quam na... pupa(m) mea(m) aspiciat talis et e...

(CIL, IV, 6842)

[Se tem alguém que não viu a Vênus que pintou Apelles, que olhe a minha garota: é tão bonita quanto ela!].

É a ela, a responsável pela proteção dos amantes e de seu bom convívio, que são direcionadas o furor e o lamento de um coração partido e inconformado com a dor de uma desilusão amorosa:

Quisquis amat ueniat; Veneri uolo frangere costas.

Fustibus et lumbos debilitare deae: sí pot(is) illa mihi tenerum pertundere pectus, quid ego non possim caput illae frangere fuste?

(CIL, IV, 1824)

[A todos os que amam, permissão. Quero quebrar as costas de Vênus com o bastão e deixar o seu lombo machucado. Se ela pode trespassar meu terno coração, por que não poderia eu romper sua cabeça com um bordão?].

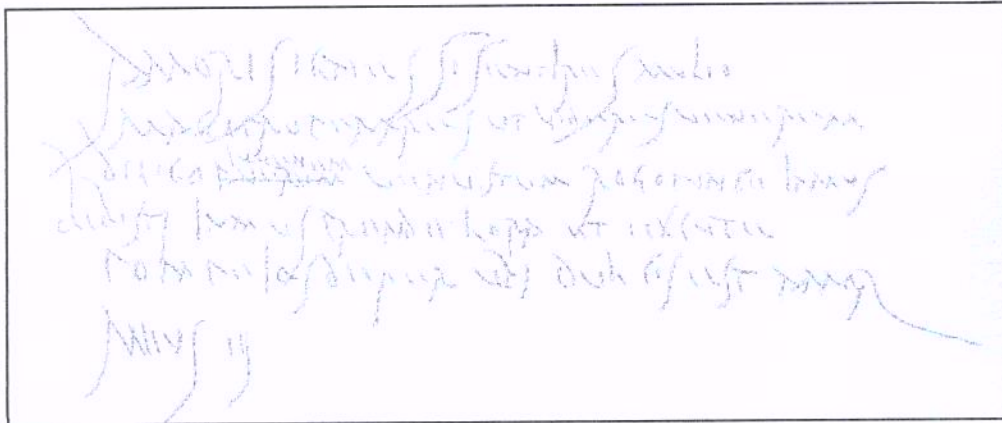
produtora de um passado clássico".

Essas inscrições sinalizam o sentido que Vênus toma entre populares de Pompéia, uma deusa íntima e acessível à condição de humanidade, a companheira que recebe os sinceros sentimentos das almas em júbilo ou tristeza, experimentados em cada vivência de amor.

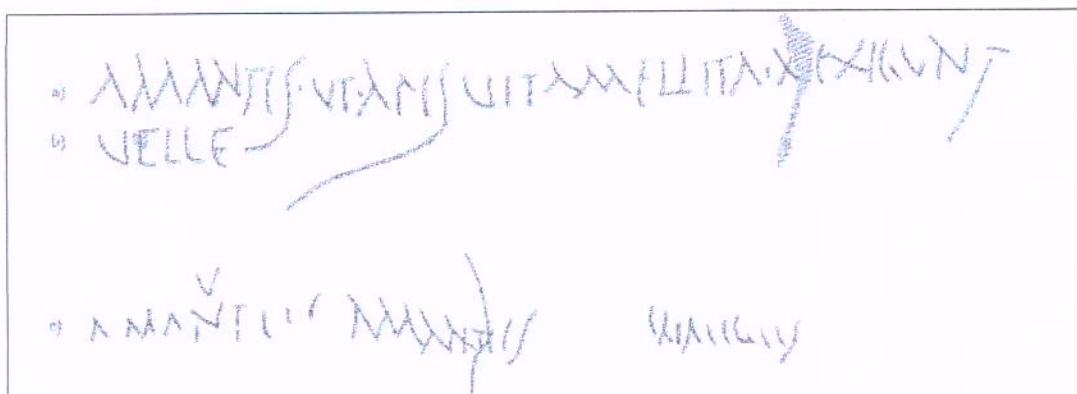
Esses são alguns exemplos nos quais se pode identificar o contato cultural com obras aristocráticas, mas com uma releitura ao gosto e fluidez popular. Ainda que por diversas vezes os temas parietais estejam próximos ou reproduzam aqueles apresentados na literatura, como analisado por autores como Cartelle (1981: 152-154) e Gigante (1979), as representações em grafites estão perpassadas e adaptadas ao contexto e à leitura popular.

Algumas outras diferenças significativas podem ser identificadas entre um texto literário impresso e o redigido na parede. No primeiro, a distribuição da escrita em dísticos, versos, estrofes segue o rigoroso critério estabelecido em função do gênero adotado, preocupação que não é adotada nos grafites, mesmo naqueles inspirados em poetas aristocráticos. A experiência com a escrita também é muito diversa. A grafia suave e bem direcionada produzida pela pena e realizada, por vezes, pelas mãos de escravos que registravam o que lhes era ditado, é distinta daquela feita com o *graphium*, cuja textura das paredes dificultava a elaboração das letras, a precisão de seu traçado e de sua reelaboração²⁰. Na inscrição CIL, IV, 5092, por exemplo, o autor resolveu substituir a palavra *puerum* por *iuuenem* e só pôde fazê-lo riscando-a e escrevendo a outra do lado de cima:

²⁰ Na inscrição CIL, IV, 5092, por exemplo, o autor resolveu substituir a palavra *puerum* por *iuuenem* e só pôde fazê-lo riscando-a e escrevendo a outra do lado de cima.



Ainda havia uma outra diferença em relação ao destinatário de cada um dos textos. Os literários, como os de Virgílio, Tibulo e Ovídio e os demais textos impressos, eram direcionados a um público geral e variado, sendo lidos em diferentes partes da sociedade romana. A mensagem dos grafites, em contrapartida, é voltada, em sua grande maioria, para a comunidade local, em um extenso "diálogo" no qual os leitores podiam fazer as suas considerações sobre o que estava escrito, apresentar saudações, ofensas, votos de bom augúrio, opiniões, recados, entre uma infinidade de temas e questões. Os grafites escritos por três grafias distintas, o que indicam serem escritos por pessoas distintas, apresentados em sucessão na parede, ilustram esta questão, mostrando opiniões diversas em relação ao amor (CIL, IV, 8408):



- a) Amantes, ut apes víta(m) mellita(m) exigunt
- b) Velle
- c) Amantes, amantes cureges

[Os amantes, como as abelhas, uma vida doce buscam.
Antes fosse assim!
Amantes, amantes, precisam é de tratamento!]²¹

Mesmo em símbolos gerais, aqui em particular a deusa Vênus, uma interpretação singular àquela aristocrática é clara nos grafites. As avaliações críticas dessas inscrições e de outras analisadas, posteriormente, são pertinentes para se questionar a idéia de cultura popular como inferior ou cópia imperfeita daquela erudita. Embora seja essa uma sociedade escravista, a instrumentalização e exploração humana têm os seus limites na incapacidade de tornar esses indivíduos amorfos e apáticos à realidade em que viviam, como indicam os grafites. Dentre os numerosos elementos que estimulavam as manifestações estão os sonhos, os anseios e os amores vivenciados por mulheres e homens e expressos através de seus escritos. Entretanto, ainda faz-se necessário apresentar os critérios, aqui contemplados, para a definição desses grupos em Pompéia, questão que é analisada na próxima seção.

4.3 Pensando no popular de Pompéia

Em um primeiro olhar sobre a organização social romana, a condição jurí-

²¹ Interpretação proposta por Funari, 1989: 55-6, que lê *cureges* como equivalente a *curae egentis sunt*.

dica poderia representar um significativo elemento de distanciamento entre a liberdade individual gozada pelo homem livre por nascimento (*ingenuus*), ou o manumitido (*libertus*) e o cativo (*senius*). Entretanto, a compreensão sobre os níveis de influência da condição estatutária e de suas restrições está condicionada às variáveis de cada lugar e momento histórico romano para o qual se olha (Los, 1987; Saller, 2001; Parca, 2001).

O desenvolvimento produtivo e comercial romano, a partir dos últimos dois séculos da República, perceptível em fontes materiais e defendida por parte da historiografia, como visto anteriormente, e a utilização em massa da mão de obra escrava, suscitariam uma série de alterações nas relações sociais (Garnsey, Saller, 2001: 148-159). Alföldy argumenta que a diferença jurídica entre a liberdade e a escravidão garantia ao cidadão a sua integridade social e física, privando-o dos castigos corporais²², enquanto o cativo era definido como um instrumento, sujeito aos maus tratos e impedido de escolher livremente sua profissão ou residência. Mesmo assim, a condição cativa também poderia proporcionar a esses indivíduos situações não acessíveis a muitos livres (Alföldy, 1987: 154).

No campo, além do trabalho compartilhado entre senhor e escravo em pequenas propriedades, Thèbert considera que nas *uillae* tornara-se freqüente proprietários deixarem a administração diretamente a cargo de seus dependentes, consolidando uma gama de escravos especializados na gerência e vigilância (os *uillici* e as *uillicae*) e de responsáveis financeiros capazes de agir em seu nome (Thèbert, 1992: 132). Essa situação parece ter sido freqüente em

²² Segundo a leitura de Parker, quando um membro da elite infringia alguma norma a sua punição ocorria por meio de multas ou exílio e não por castigos físicos, considerado como um insulto à sua *dignitas* (Parker, 1997: 50). Cf. mais detalhes no quinto capítulo.

Pompéia e na Campânia, seja porque muitos dos proprietários vinham temporariamente à região para repousar e usufruir suas boas condições climáticas (Della Corte, 1954: 17; Cartelle, 1981: 76)²³, ou pela razão de estarem envolvidos, também, em outras atividades econômicas como a indústria têxtil, de cerâmicas, ou vinculados ao comércio marítimo²⁴ contando, para isso, com o auxílio de seus escravos.

Igualmente nas cidades uma ampla variedade de funções teria sido desempenhada por cativos, como agentes financeiros²⁵, operadores de empréstimos, de transportes, os que gerenciavam oficinas e cuidavam das compras e vendas de mercadorias, os artesãos autônomos, os que trabalhavam diretamente na casa do seu senhor como cozinheiros, médicos, filósofos e professores (Kalendo, 1979: 169; de Robertis, 1981: 140). Essa multiplicidade de atividades das, quais muitas exigiam conceder ao escravo liberdade de ação, acabava por ocasionar mudanças e um enfraquecimento de sua incapacidade jurídica, além de fornecerem rendimentos variados de *peculium* (gratificações em dinheiro ou bens) concedido pelos senhores a seus escravos (de Robertis, 1981: 105-141).

Ainda Thébert argumenta que a consolidação do Império, em 27 a. C., havia ocasionado uma alteração significativa na condição do *servus* com o au-

²³ Os grafites apresentam as figuras ilustres de Augusto, felicitado em CIL, IV, 1074 e 1612, e de Nero, CIL, IV 671a e 2152.

²⁴ Como exemplos de famílias aristocráticas tradicionais de Pompéia pode-se mencionar a Família Fábía, dedicada ao cultivo de uva, à produção de vinhos exóticos e ao comércio; Família Melissaea, ao campo do comércio e da indústria marítima e a Família dos Vetti, grande proprietária e comerciante de vinho e de produtos agrícolas, mencionadas, respectivamente, em inscrições do CIL, IV 120; 158 e 3509, e analisadas por Della Corte, 1954: 28-57 e Étienne, 1971, Capítulo 3.

²⁵ Argumenta Thébert que a situação social destes administradores era muito invejável, mas que, para a segurança do senhor era necessário que fossem escravos, estimulando homens livres a colocar-se sob a condição de escravo. Nesta situação, tornar-se cativo constituía um meio de promoção social (1992: 133).

mento do número de escravos imperiais, que não só possuíam um estatuto jurídico específico, mas também detinham altas somas em dinheiro e grandes possibilidades de promoção social devido a sua aproximação com o poder imperial (Thébert, 1992: 132-3). A promoção social por meio do *meritum* individual seria mais operante a partir desse momento (Saller, 2001: 114, Alföldy, 1987: 152-7). O quadro complexo de condições e tarefas entre os escravos romanos²⁶ denota variações financeiras, de contextos históricos e mesmo de natureza jurídica.

As diversidades de situações dos libertos eram amplas como a dos escravos. Andreau considera que a manumissão assegurava ao recém-liberto as garantias básicas de um homem livre, como a posse de um lugar legalmente reconhecido na comunidade, a liberdade de movimentos, a proteção contra a detecção e a liberdade de escolher o seu trabalho, mas que também lhe impunha restrições (Andreau, 1992: 157). Os aspectos jurídicos variavam segundo o tipo de manumissão, como por exemplo, os libertados sob a *manumissio iusta*, que obtinham o direito ativo de voto. Los argúi que no final da República não havia nenhuma restrição legal à ocupação do *ordo decurionum* (conselho local responsável pela administração da justiça, das finanças, abastecimento de alimentos, construções e manutenção da ordem pública) pelos libertos, embora os altos cargos estivessem reservados aos *ingenui*, homens nascidos livres (Los, 1987: 850-2).

Com o desenvolvimento da economia urbana e da política de integração entre as províncias, no sistema estatal e social romano, as atividades manufatureiras e o comércio tomaram forte impulso e tornaram real o objetivo de unidade do império, constituindo-se em atividades alternativas para os libertos e possibilidades

²⁶ Análises de inscrições do Egito, norte da África, Grécia e Roma mostram variações regionais

de enriquecimento para parte deles. Em uma sociedade onde grande parte da população trabalhava a terra e as profissões eram transmitidas hereditariamente, quando um liberto adquiria sua independência havia a necessidade de preparar-se para um novo ofício, salvo para aqueles que permaneciam atrelados aos seus ex-senhores, desenvolvendo as mesmas atividades que dantes (Veyne, 1961: 229). Este dispunha de sua herança para desenvolver atividades que garantissem o seu sustento e, no início do Século I d. C., há evidências de libertos que possuíam propriedades agrícolas, mas a grande maioria parece ter residido nas cidades, onde se dedicavam à pequenos negócios e à serviços como agentes funerários, advogados, marmoristas, artesãos (Andreau, 1992: 158).

A figura do liberto rico, eternizado na figura de Trimalcião, apresentado por Petrônio em seu romance *Satyricon*, também indica possibilidades de enriquecimento para aqueles envolvidos no comércio. O personagem é a representação caricaturada mais popular desse grupo seletivo de ex-escravos. O valor do pecúlio recebido por ele e a atividade desenvolvida depois de manumitido sinalizavam possibilidades de enriquecimento para esses libertos. Aquele teria recebido um patrimônio semelhante ao de um senador²⁷, usando parte para se dedicar ao comércio²⁸. Fazia o transporte de vinho, toucinho, fava, perfumes e escravos²⁹ e em apenas uma viagem teria conseguido dez milhões de sestércios³⁰. O papel dessa personagem de Petrônio pode ser identificado em menções a libertos ricos de Pompéia, em que inscrições com propagandas eleitorais testemunham a sua participação na cidade. Como exemplo vê-se Cúspio Pansa, candidato a edil que recebeu

nas condições dos libertos. Detalhes estão em Saller, 2001: 111.

²⁷ ... et accepí patrimonium laticlavium (76, 2).

²⁸ Concupiui negotiari (76, 3).

²⁹ Oneraui rursus uinum, lardum, fabam, sepladium, mancípia (76, 6).

³⁰ Vno cursu centies sestertium corrotundaui (76, 8).

o apoio de Fábio Êupor (CIL, IV, 117, 120), rico e prestigiado liberto da família Fábio, comerciante de vinho (Della Corte, 1954: 28; Los, 1987: 854)³¹.

Mesmo impossibilitados de ocupar altos cargos políticos, há registros de sua participação em políticas de benefícios, onde aplicavam grandes somas de dinheiro na comunidade em que viviam, preparando para que seus filhos se integrassem, no contexto completo da lei, à aristocracia local³². Mas essa possibilidade de ascensão social era limitada a um pequeno número de escravos e libertos, da mesma maneira que o era para os livres. Durante o Principado, nem todos os homens livres eram cidadãos³³ e mesmo dentre estes havia distinções entre a cidadania com pleno direito – *cives Romani*, daquela com direitos parciais – *ius Latii* (Alföldy, 1987: 154). Dentro desse quadro complexo de particularidades jurídicas, um elemento em comum entre muitas mulheres e homens era o seu distanciamento de uma vida economicamente estável. O estado de penúria vivido por muitos deles fazia com que adultos relegassem a sua condição de livres para se venderem como escravos e que crianças carentes fossem abandonadas ou vendidas por seus pais (Veyne, 1961: 215).

Nessa sociedade romana do primeiro século, pesos variados interferiam na valorização da *dignitas* de homens livres e nas condições de libertos e escravos, fazendo com que as sensíveis e reais diferenças entre os grupos sociais não se

³¹ Outras menções a libertos de famílias aristocráticas envolvidos com o comércio e a indústria marítima são vistas em grafites como CIL, IV, 156, 158, 6682 e 6817. Análise sobre a participação de ricos libertos na vida social e econômica de Pompéia ver Della Corte, 1956: 44, 59, 61 e Zanker, 1998: 175.

³² Cf. M. Gordon (1931) *The freedman's son in municipal life*. *Journal of Roman Studies*, 21: 65-77, apud R. Saller, 2001: 114. Segundo Veyne, o liberto integra um grupo que se reforma a cada geração, na medida que o seu filho já não é mais um liberto como ele, mas um homem livre. Cf. Veyne, 1961: 230.

³³ Isso só veio a acontecer com Caracalla (211-217), pela *Constitutio Antoniniana*. Cf. Alföldy, 1987: 144.

detivessem na origem estatutária, mas fossem frutos das relações de opressão e exploração originárias da base escravista que vigorava. Por meio delas é que escravos, livres e libertos de baixos extratos diferenciavam-se dos demais e esse compunha o primeiro traço comum aos denominados populares. Entretanto, os contrastes étnicos e regionais, característicos de um domínio vasto como o romano, marcaram as singularidades culturais entre os diversos grupos populares que se constituíram na sociedade romana.

Por isso, culturas populares e não cultura popular!

No caso específico de Pompéia, vários traços podem ser vinculados a populares da cidade. O primeiro deles diz respeito à condição de trabalhador, como pode ser extraído dos ícones registrados por eles e sobre eles³⁴. Inúmeros ofícios e associações profissionais são mencionados nos muros, como pequenos proprietários de tabernas, oficinas e padarias³⁵; atividades independentes na função de professor, alfaiate, vendedor de roupas e jóias³⁶, e inúmeras associações como as do *pomari* [como vendedores de frutas], *muliones* [cocheiros], *aurificii* [ourives], *pistori* [padeiros], *lignari* [lenhadores], *aliarii* [vendedores de alho] e *galinarii* [vendedores de aves], *fullones* [pisoeiros], *unguentarii* [perfumistas], *culinari* [ajudantes de cozinha], *caupones* [taberneiros] e *agricolae* [trabalhado-

³⁴ Em 1939, o estudo de Tanzer *The common people of Pompei*, identificou por "povo comum" as pessoas que viviam no mundo do trabalho (prestação de serviços, produção e comércio). Apresentou uma inusitada compilação dos variados tipos de atividades laborais exercidas na cidade, por meio de grafites reunidos no volume IV do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, mas não houve a preocupação em identificar os aspectos estatutários ou culturais que pudessem envolver tais pessoas.

³⁵ Cf. CIL, IV, 368, 4472/3 (Oficina dos Atti), 7749.

³⁶ CIL, IV, 275 (professor); 3130, 7669/71/74 (joalheiro).

res agrícolas]³⁷.

Atividades profissionais foram citadas em abundância nos muros pompeianos e se dentre as elites elas sinalizam funções com significados vis e desprezíveis como citado por Cícero³⁸, tais conotações perdem o seu sentido entre essas pessoas que faziam do trabalho parte de seu cotidiano e de sua fonte de subsistência. O valor e a atenção com que o personagem Trimalcião cuida da aprendizagem profissional de um de seus pequenos escravos:

Quod si resilierit, destinaui illum artificci docere, aut tonstreinum aut praeconem aut certe causidicum

(46, 7)

[o que decidi foi prepará-lo para um ofício, barbeiro, escrivão público ou, ao menos, advogado],

mais do que uma criação literária de Petrônio, corresponde à sua importância nesse universo de trabalhadores. Valor esse que foi expresso e divulgado por meio de grafites, mencionados anteriormente, e de lápides, como as apresentadas nas imagens que seguem.

³⁷ Pomarii, CIL, IV, 180, 183, 202, 206; Muliones, CIL, IV, 97, 113, 134; Artifícios, CIL, IV, 710; Pistonii, CIL, IV, 429, 4227, 4888, 5380; Lignarii, CIL, IV, 485, 951, 960; Aliarii, CIL, IV, 3485; Galinarii, CIL, IV, 241, 373; Fullones (os que preparam o pano depois de tecido), CIL, IV, 998, 2966, 3478, 3529, 4100, 4102/03/07/09/12/18/20; Unguentarii, CIL, IV, 609; Culinarii, CIL, IV, 373; Caupones, CIL, IV, 336; Agricolae, CIL, IV, 480, 490.

³⁸ Citação completa na Seção 3.4 do terceiro capítulo.



Figura 4.3: Guarda-livros e Açougue (Ciarallo, De Carolis, 1999: 176)

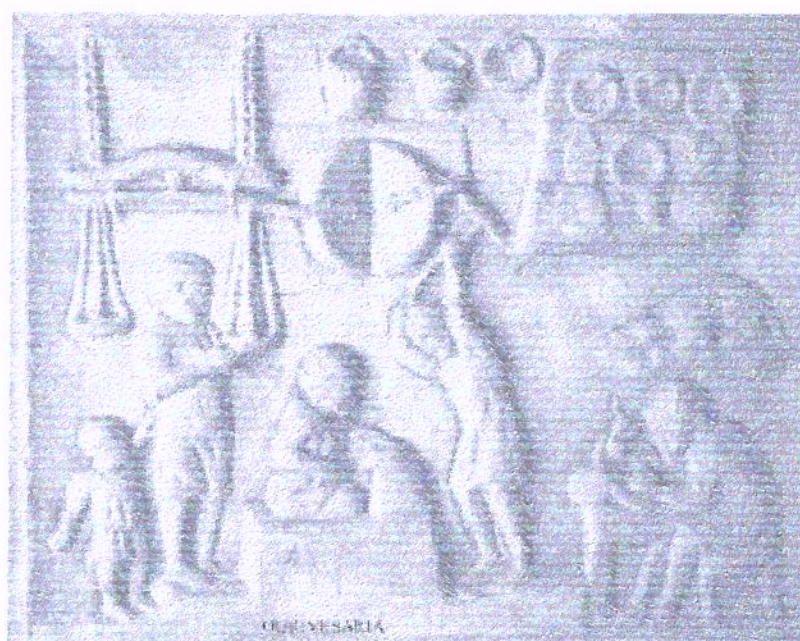


Figura 4.4: Ourivesaria (Ciarallo, De Carolis, 1999: 284)

As variações de rendas entre pequenos proprietários, trabalhadores autônomos e assalariados, ou dos pecúlios de escravos, não são possíveis de serem identificadas. Uma relação que se pode estabelecer é que esses valores

não possibilitavam o acesso a cargos públicos, cujas somas eram estabelecidas pelo censo. Também é difícil verificar, nas inscrições, diferenças estatutárias entre as pessoas citadas, salvo quando explicitadas, o que não era freqüente. Cerato registrou a sua condição de liberto no apoio a Védio, o seu candidato à edilidade:

P. Vedium Numm(ianum) aed.

Ceratus lib(ertus) rogat

(CIL, IV, 910)

[O liberto Cerato indica para edil P. Vedio Nummiano]³⁹;

o mesmo fez o liberto Thesmo ao indicar Albúcio:

L. Albucium aed.

Thesmus libert rog

(CIL, IV, 2983)

[L. Albúcio para edil. O liberto Thesmo pede].

A condição jurídica também foi mostrada por Albano na inscrição CIL, IV, 2038:

Pomponi Seueri seruus Albanus

[Albano, escravo de Pompônio Severo]⁴⁰.

³⁹ Outras referências podem ser encontradas em CIL, IV, 2983; 2993. Em um outro grafite, Cresces, que Della Corte interpretou como recém liberto (1954: 182), envia saudações a todos os companheiros de escravidão: *Cresces conservis universis sal(utem)*, CIL, IV, 475.

⁴⁰ A dificuldade em distinguir os indivíduos das classes baixas através das diferenças jurídicas é também salientada por autores como Alföldy, 1987: 186; Funari, 1989: 29; Thébert, 1992: 132-133; Andreau, 1992: 160 e Hope, 2000: 129.

A grande maioria desses trabalhadores não mencionou, nos grafites, os seus nomes, contudo as identificações encontradas permitem identificar aspectos de sua composição social. Dentre os citados, pode-se ver *Caprasia* e *Nymphio*⁴¹, *Felix*⁴², *Fuscus* e *Vaccula*⁴³, *Losimio*⁴⁴, *Hermes*⁴⁵, *Iphigenia*⁴⁶, *Hilario*⁴⁷, *Narcissus*⁴⁸, *Fortunatus* e *Anthusa*⁴⁹, *Aegle*⁵⁰, *Maria*⁵¹ e *Pollia*⁵² (grafias preservadas no original), designações que sinalizam a sua origem estrangeira – grega, judaica, árabe, dentre muitas outras – ou da própria cidade (D'Avino, 1964; Della Corte, 1956), mas todos de procedência humilde. Distantes dos *tria nomina* – prenome (*praenomen*), nome de família (*nomen*) e o cognome (epíteto) (*cognomen*) – característicos dos *ingenui* aristocráticos⁵³, a identificação pelo cognome era comum entre os mais modestos.

Assim, estes populares, filhos de Pompéia ou peregrinos, eram trabalhadores livres, escravos e libertos, caracterizados pela simplicidade de nome, de posição social e pelos valores culturais que apresentavam; aspectos que são explícitos ou alusivos nas inscrições parietais. É por meio dessas

⁴¹ CIL, IV, 171, 207.

⁴² CIL, IV, 174, 1989.

⁴³ CIL, IV, 175/6.

⁴⁴ CIL, IV, 229.

⁴⁵ CIL, IV, 241.

⁴⁶ CIL, IV, 457.

⁴⁷ CIL, IV, 913.

⁴⁸ CIL, IV, 1130.

⁴⁹ CIL, IV, 1230.

⁵⁰ CIL, IV, 7866.

⁵¹ CIL, IV, 7862.

⁵² CIL, IV, 368.

⁵³ Sobre os *tria nomina* e o significado dos cognomes não latinos conferir I. Kajanto, 1968. O uso dos três nomes para cidadãos aristocráticos e de variações em sua indicação são perceptíveis em lápides. No final da República, era mais comum o registro do prenome e nome, tradição que se alterou durante o Principado, com o uso do nome e do cognome, Apud O. Salomies, 2001: 83-87. De qualquer maneira, o nome de família era sempre registrado, diferente dos populares mencionados apenas por seus cognomes.

plícitos ou alusivos nas inscrições parietais. É por meio dessas representações de cunho sexo-afetivo que as relações de gênero podem receber um contorno mais bem definido, como o apresentado nas reflexões do próximo capítulo.

Capítulo 5

Amor e sexualidade em inscrições parietais

Nei graffiti possiamo individuare alcuni aspetti concreti del canto del sentimento amoroso, situazione spirituali rappresentate con nativa e sincera generosità. I versi hanno valore umano ... appare una umanità fatta di gentile ironia e di violenza plebea, di sconcio priapismo e passione molle, di candore e turpitudine, del senso malinconico della vita effimera o della dolcezza piena dell'attimo fugace, di scurrilità buffonesca e di contenuta amarezza.

[Marcelo Gigante]

A Colônia Cornelia Veneria Pompeiorum trazia em seu nome a influência e a proteção de Vênus, a deusa do amor, e os populares de Pompéia muito escreveram sobre o "amor" em suas paredes. Nelas, deixaram as suas declarações e saudações amorosas; exprimiram súplicas, galanteios e as querelas que envolviam os amantes e/ou os seus rivais; manifestaram ciúmes, injúrias e fizeram menções de práticas sexuais.

O tema amoroso fazia parte das preocupações cotidianas desses "grafiteiros" e é por meio de suas referências sexo-afetivas que penso na composição do feminino e do masculino, em uma articulação de gênero. Para essa análise selecionei duas práticas sexuais que, em seu âmago, estão relacionadas à sexualidade masculina e à feminina: a ação de *futuere* [foder] e de *cunnum lingere* [praticar a cunilíngua]. É por meio delas que estabeleço um diálogo entre as

concepções apresentadas pela historiografia moderna analisada e as interpretações suscitadas com a leitura das inscrições.

5.1 Sexualidade masculina na historiografia

A questão da masculinidade romana tem sido tema de constantes discussões, e uma idéia que se firmou no campo historiográfico, nos últimos anos, em relação ao comportamento sexual no mundo greco-romano, é que os conceitos de "homossexual" e "heterossexual" são categorias analíticas inapropriadas, sendo substituídas pelas funções de ativo e passivo. O fato de um "homem" fazer sexo com outro "homem" ou "mulher" não era suficiente para identificar a sua categoria sexual, como acontece em nossa sociedade. Dentre as obras utilizadas para esse estudo, é corrente o vínculo entre as atribuições sexuais com os comportamentos sociais e vice-versa. Quignard, por exemplo, é categórico nessa associação entre biologia e política: *les corps, la cité, la mer, le champ, la guerre, l'oeuvre étaient confrontés à une seule vitalité, exposés au même risque de stérilité, sujets aux mêmes appels de fécondité* (1994: 85).

Indivíduos e sua organização social seriam regidos pelo mesmo princípio de vigor e fecundidade. A atuação em uma sociedade guerreira e conquistadora consolidaria uma imagem de virilidade em um sentido pleno, associada à força física, à superioridade bélica, ao caráter e à sexualidade do cidadão romano (Cantarella, 1991: 205; Quignard, 1994: 23; Galán, 1996: 29 e Robert, 1994: 131). É com essa concepção que Cantarella afirma:

La virilità per i romani non era solo un fatto sessuale: era una virtù politica. Allevati dalla più tenera età nell'ottica della con-

quista, raggiunta l'età adulta i cittadini romani dovevano dominare il mondo. Come sorprendersi se, così stando le cose, essi ritenevano loro diritto imporre la propria volontà a tutti, anche in campo sessuale? Anche in questo, la regola era "non farsi sottomettere". La loro virilità, com'è stato giustamente detto, era una "virilità di stupro" (Cantarella, 1998: 122).

O estatuto jurídico que definiria a condição de livre, liberto e escravo seria imperativo para as delimitações dessas condutas. Para Veyne (1990: 197), ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo... A pederastia constituía um pecado menor, desde que fosse a relação ativa de um homem livre, com um escravo ou um homem de baixa condição. Para escravos e libertos, a obrigação era satisfazer qualquer desejo de seu senhor, inclusive o sexual; situação que não se constituiria em desonra para eles (Galán, 1996: 29; Quignard, 1994: 18).

É notória a semelhança dessa idéia com aquela apresentada por Sêneca: *impudicitia in ingenuo crimen est, in servo necessitas, in liberto officium* [a impudicícia é crime para o livre, fatalidade para o servo e obrigação para o liberto] (Des Controverses, IV, 10). Isso porque esses autores acatam a visão aristocrática do desempenho sexual definido para cada grupo e a reproduzem como legítima e verdadeira. É a partir desse prisma que o papel ativo na relação é concebido como uma prática do comportamento sexual e político do *ingenuus*, isto é, do homem livre por nascimento e cidadão romano¹. Embora essa palavra latina seja

¹ Lembremos que muitas pessoas eram livres, mas não possuíam a cidadania romana, estendida a eles somente no Século Terceiro. Cf. Treggiari, s/d: 91.

uma menção geral a todos os que possuíam a cidadania romana, podemos considerar a frase desse aristocrata romano como uma expressão do grupo a que pertencia, com uma preocupação em definir os comportamentos que seriam legítimos aos seus membros. Assim, não seria inoportuno considerar que a passividade sexual e a conotação a ela atribuída, como a falta de virilidade, de autodomínio e de virtude social, fossem uma condição "natural" a todos os que não pertencessem às elites. E é essa a conotação reproduzida por grande parte dos autores que estuda a questão amorosa.

Esse perfil de homem aristocrático romano é mantido em análises que consideram o caráter discursivo sobre a sexualidade romana como formulador de relações de poderes, como visto em *Roman sexualities* (Hallett, Skinner, 1997). Entretanto, enquanto nos primeiros autores a prática sexo-social é dada como o comportamento efetivo assumido pelos homens de cada estamento, como afirmam fontes literárias aristocráticas, nesses outros, é considerada como uma concepção idealizada por determinados grupos aristocráticos com finalidades políticas.

Particularmente, dois estudos são relevantes para a presente reflexão. Os autores Parker e Walters, também baseados em textos literários romanos, apresentam um perfil do que seria estabelecido por e para a "elite de Roma" que, mais do que uma denominação geográfica, significaria a construção de uma identidade de classe e cultura (Walters, 1997: 29). Tratar-se-ia de um discurso com a finalidade de representar, publicamente, o pensamento dessa elite, o que não significava que todos, em sua vida cotidiana e familiar, acatassem e respeitassem tais idéias, mas era o que assinavam em termos públicos.

Argumenta Parker que, nesse imaginário, o corpo do homem aristocrático

aparece como inviolável, definido a partir de um estreito vínculo entre prática sexual e prática social, em uma idealizada imagem sexual que lhe garantia o papel ativo em toda relação sexual (Parker, 1997: 53). Em acordo com a sua alta posição social, esse homem aristocrático identificava-se como *Vir*, vocábulo latino que caracterizaria um aristocrático como homem em sua plenitude. Diversos outros termos seriam usados para apresentar indivíduos do mesmo gênero (nesse caso os machos), mas de idades e categorias sociais diferenciadas como, por exemplo, *puer* ou *adulescentes* para os filhos da aristocracia ainda menores e *homines* ou *puer* para adultos escravos, libertos, não cidadãos e mesmo cidadãos de classes mais baixas (Walters, 1997: 30).

O *Vir* traria consigo uma identificação de integridade física em dois aspectos: social, porque a essa elite não seria apropriado o castigo corporal; quando um de seus membros infringia alguma norma, seria punido por meio de multas ou com o exílio, e não com castigos físicos, tidos como um insulto a sua dignitas; e sexual, na medida que a sua atividade "lícita", "normal", seria aquela que lhe caberia a ação de penetrar, de ser o ativo, independente do gênero penetrado (seguindo, evidentemente, a norma social estabelecida para os aristocráticos: não penetrar outro cidadão, jovem ou adulto e mulheres aristocráticas, casadas, solteiras ou viúvas). A mulher aristocrática manteria a sua integridade física ao ser penetrada apenas por seu marido.

Segundo Parker, ser ativo seria uma atividade essencialmente masculina, pois a penetração acontece com o pênis, e tanto a felação como a cunilíngua caracterizar-se-iam como violações às práticas lícitas. O autor apresenta um quadro dessas atividades e os nomes de seus agentes, que será muito útil para

a nossa análise e, portanto, aqui reproduzido². Isso facilitará a compreensão dos termos latinos utilizados para cada uma dessas práticas, na medida que forem aparecendo nos grafites:

	Orifício		
	Vagina	Ânus	Boca
Ativo			
Atividade	Futuere	Pedicare	Irrumare
Pessoa (Vir)	Fututor	Pedicator/Pedico	Irrumator
Passivo			
Atividade	Futui	Pedicari	Irrumari/Fellari
Pessoa			
Homem (Pathicus)	Cunnilinctor	Cinaedus/Pathicus	Fellator
Mulher (Femina)	Femina/Puella	Pathica	Fellatrix

No comportamento sexual idealizado por essa elite de Roma haveria uma "escala de humilhação": ser penetrado na vagina, o que punha todas as mulheres em condição inferior; a denominação de *cinaedus* ou *pathicus*/as para aqueles que eram penetrados pelo ânus e *fellator* e *fellatrix* aos que recebiam o pênis em suas bocas, sendo essa a mais humilhante e vexatória das três situações (Parker, 1997: 51). Idéia semelhante é apresentada por Quignard (1994: 19) e Cantarella (1991: 164).

O corpo desse *ingenuus* não deveria ser violado e nem mesmo objeto de

² Cf. Parker, 1997: 49.

desejo e satisfação para outros, como acontecia com o corpo de artistas de circo e teatro. Parker considera que essa imagem de inviolabilidade sexual compunha-se com o papel social a que essa elite se atribuía, ou seja, comandar a sociedade, manter a ordem, anexar novas regiões, atacar, conquistar ou manter distantes os seus inimigos (Parker, 1997: 59).

Isso significa que não seria o aspecto físico o definidor do conceito de homem para essa elite, mas um conjunto de pré-requisitos estabelecido para destacá-lo dos demais. A idealização desse padrão de atividade sexual estaria intrinsecamente atrelada a uma projeção de prática social que lhe atribuía o comando e a manutenção da ordem, bem como a conquista, o domínio e a autoridade sobre os outros indivíduos e povos.

Compondo essa imagem de virilidade com aquela caracterizada para o amor, vista no segundo capítulo, podemos identificar, na historiografia analisada, três grandes argumentos em relação ao "homem romano" (identificado ora como o aristocrático, ora como o cidadão) no início do Império: primeiro, que esse havia se perdido no mundo do prazer, das orgias e do vício e, com eles, todos os demais indivíduos da sociedade; segundo, que desenvolvera para si um autocontrole emocional e uma austera prática sexual, em acordo com o papel social ocupado e, por fim, que essa imagem de sexualidade seria uma construção discursiva de um grupo aristocrático em específico, visando a manter o seu *status* social e domínio sobre os demais. Nas duas primeiras, o "amor" como um sentimento não faria parte do cotidiano desses homens; na última versão não é discutida a questão amorosa.

Prevalece uma rígida separação dos indivíduos em estatutos jurídicos: aos libertos e escravos a associação entre subjugação social e sexual é clara em alguns autores e subentendida em outros. As análises focalizadas na cons-

trução discursiva sobre a sexualidade trazem novas perspectivas como o cuidado em delimitar de qual elite está se falando e as nuances políticas e sociais de seu discurso, mas ainda está por se investigar outros parâmetros constituídos por e para os demais grupos sociais, "subalternos" ou não. Afinal, como definir a imposição sexual como insígnia de poder e domínio para aqueles aristocráticos que, de uma maneira ou outra, também tiveram que se submeter ao domínio de Roma?

Retornando ao meio popular, algumas indagações colocam-se como as conotações atribuídas ao conceito de "virilidade": as práticas amorosas vivenciadas entre homens e mulheres, de uma sociedade escravista, que levavam consigo o estigma da subordinação social e, por fim, quais concepções sexo-afetivas e de gênero podem ser destacadas com a leitura dos grafites.

5.1.1 Representações de *futuere*: mais do que uma ação masculina.

Masculinidade e virilidade são palavras intimamente interligadas e, segundo uma conotação moderna, associadas à conquista, principalmente sexual. No campo amoroso, é comum a sua associação com o ato de seduzir, de exercer a sua atração sobre o outro. Em Pompéia, encontram-se muitos registros com o verbo *futuere* que, em sentido literal, significa a ação de "foder", "ter relação sexual com". A questão é definir as conotações que essas representações poderiam ter no ambiente popular pompeiano. Nas paredes do Vico Del Lupanare

(Rua do Lupanar)³ há muitas citações dessa prática, como mostram os grafites selecionados. Por meio deles, anônimos escreveram:

Hic ego puellas multas futui

(CIL, IV, 2175)

[Aqui eu fodi muitas garotas],

Hic ego cum veni futui deinde redei domi

(CIL, IV, 2246)

[Estive aqui, fodi e finalmente voltei para casa].

Este outro, em contrapartida, foi assinado por Felix:

Felix bene futuis (sic)

(CIL, IV, 2176)

[Felix fode bem].

E este por Plácido:

Placidus hic futuit quem volvit

(CIL, IV, 2265)

[Plácido aqui fodeu quem ele desejou]⁴.

Mas em lugares diversos, sem os quais podemos fazer uma associação

³ Há evidências arqueológicas da existência de diversas casas de prostituição em Pompéia, embora haja controvérsias quanto ao seu número, Cf. Laurence, 1994: 73. A Rua do Lupanar corresponde àquela onde foi encontrado o único prostíbulo que se manteve inteiro após as escavações. São dois andares com 5 leitos em baixo e cinco no andar de cima.

direta com um ambiente onde se praticava sexo, pode-se encontrar referências a essa ação, como o grafite de uma das colunas da Rua da Fortuna:

Εφesus fututor

(CIL, IV, 1503)

[Éfeso, fodedor],

este encontrado na parede de uma taberna⁵:

Ηic futui cum sodalibus

(CIL, IV, 3935)

[Aqui, junto de meus companheiros, fodi],

e ainda outro escrito na entrada de uma casa⁶:

Fortunate animula dulcis perfututor

Scribt qui nouit

(CIL, IV, 4239)

[Fortunato, doce coraçãozinho, grande fodedor!

Escreve-o quem sabe]⁷,

Há muita discussão e controvérsia sobre o significado que essas referências poderiam assumir na sociedade romana, dentre as quais destaco algumas interpretações. Para Varone, essas freqüentes citações são próprias da

⁴ O mesmo o fizeram Solenes, Vitálio, Hérmero, Pósforo, Crísero e Sucesso, respectivamente em CIL, IV, 2186/ 87/ 95; 2241 e 4816.

⁵ Taberna de n. 20 da Reg. I, Íns. 2.

⁶ Reg. V, íns. 2.

pulsão erótica, que suscita uma necessidade incontornável de escrever sobre o encontro sexual e de dividir com os outros o prazer que sentiram na relação. Portanto, citá-las seria a própria continuação do prazer (Varone, 2000: 79).

Adams, por sua vez, considera que tais inscrições podem sugerir propagandas feitas por prostitutas sobre a capacidade sexual de seus clientes, como apresentado em CIL, IV, 2176, visto anteriormente; e, o que seria mais comum, uma indicação da virilidade do sujeito que a escreveu ou, ao menos, a intenção de realçá-la (Adams, 1996: 161). Entretanto, o autor faz uma observação que chama a atenção: *futuo* não seria usualmente mencionado, tanto nos grafites como na literatura elegíaca, em sua forma passiva para o papel feminino: *futuo* (ativo) é próprio usato per la parte femminile in un normale rapporto sessuale (Adams, 1996: 163). Ou seja, a uso do verbo "foder" é frequente na voz ativa – "eu fodo", "eu possuo", tanto para homens como para mulheres. Isso pode ser visto em alguns grafites em que a mulher é representada como "possuidora":

Miduse fututrix

(CIL, IV, 4196)

[Miduse possuidora]⁸.

O corrente uso popular desse verbo, empregado sempre em relação à ação sexual do falo, simbolicamente representante "do ativo", é interpretado por Funari por sua capacidade de defender dos perigos e do mau-olhado e, ao mesmo tempo, por trazer sorte e proteção. Por isso o autor considera que,

⁷ Verso talvez escrito por outra pessoa, mas não há consenso sobre isso. Observação apresentada pelo editor Mau logo abaixo da inscrição. Para esta transliteração, sigo a interpretação sugerida por Cartelle, 1981: 115.

⁸ Conotação semelhante também nos grafites 2204/3; 4381.

mais do que atribuir o poder do falo somente ao homem, seja razoável supor que era a "relação sexual", implícita nesse símbolo, que portava consigo a verdadeira potência protetora e, por isso, usado na voz ativa por todo aquele que recorresse à sua capacidade apotropaica (Funari, 200_). Essa conotação possibilita pôr em questão a interpretação simples e de senso comum com que, frequentemente, olhamos para esses signos do passado.

Dessa maneira, merece cuidado o argumento apresentado por Cantarella para justificar o que considera uma insistência quase que *obsessiva* desse tipo de menção: *evidenzia che in realtà quel che più interessava al cittadino di Pompei era che della sua vera o presunta potenza sessuale si parlasse, che i suoi concittadini sapessero, che nessuno potesse mettere in dubbio la sua virilità* (Cantarella, 1999b: 141). Dois aspectos podem ser questionados de fala desta autora: que os grafites sejam uma expressão dos "cidadãos de Pompéia", seguindo a máxima de que a sociedade era dividida entre livres, libertos e escravos, sendo os cidadãos os homens livres, embora a referência seja as elites; e a sua interpretação sob uma perspectiva de senso comum.

Mesmo supondo que muitas dessas mensagens tivessem a intenção de realçar a virilidade, é preciso indagar sobre o significado que esse conceito ganharia no ambiente popular, já que a conotação de "domínio e imposição", apresentada aos "romanos" ou às "elites", não pode ser atribuída aos "subalternos". Isso porque o significado de masculinidade como insígnia de autoridade construída por autores antigos e modernos, para a "aristocracia romana", sustenta-se na medida em que atua sobre os grupos populares, que representariam o seu revés, ou seja, o passivo, o "estéril" social e o descontrolado emocional; daí a necessidade de ser comandado.

Como o objetivo é fazer uma análise do feminino e do masculino por meio das relações amorosas, também destaco algumas conotações sexo-sociais atribuídas às mulheres do início do Principado Romano (século I d. C.) pela historiografia. A partir de uma interpretação dos grafites, questiono aspectos desses estudos e proponho uma outra leitura do comportamento amoroso no ambiente popular pompeiano, em uma leitura de gênero.

5.2 Sexualidade feminina na historiografia

Para esse período da história romana, há um consenso historiográfico em considerá-lo como um momento de emancipação social e sexual das mulheres romanas, principalmente das aristocráticas (Duby, 1993; Grimal, 1991; Ricotti, 1992; Galán, 1996; Cantarella, 1999 e Robert, 1999), mas diversas são as interpretações em relação a isto.

Para Tannahill, as mudanças nas relações sociais no início do Império teriam ocasionado efeitos negativos nos comportamentos de mulheres e homens "romanos":

la donna emancipata della prima Roma imperiale aveva molto in comune con il tipo odierno della più combattiva femminista – un carattere autoritario, un modo di fare dispotico e un cordiale disprezzo per il senso della misura (Tannahill, 1994: 109).

É interessante observar como os argumentos utilizados pela autora chamam a atenção pela proximidade de sua leitura em relação aos movimentos feministas dos anos setenta, o qual se mostra reticente, momento em que escre-

ve sua análise sobre a emancipação do comportamento sexual feminino romano⁹. Essa atuação feminina e o seu lusso sfrenato teriam sido fatores consideráveis para a queda do Império romano (Tannahill, 1994: 102).

Tese que possui certa semelhança com aquela apresentada, posteriormente, por Robert, que vê o processo de liberação da mulher e de sua busca pelo prazer como fatores que teriam contribuído para a desestruturação familiar e moral do Estado Romano:

la riqueza liberó a la mujer en las clases altas de la sociedad ... esta disolución de las costumbres no sólo afectaba a los aristócratas, sino que numerosos ricos y menos ricos italianos y provinciales participaban en las 'orgías matrimoniales' donde los divorcios y repudios competían con los recasamientos y adulterios (Robert, 1999: 106) [Grifos do autor].

Para as de grupos periféricos, há uma generalização de que tais mulheres seriam "naturalmente" mais liberadas e promíscuas, como se observa nas palavras de Galán (1996: 97): las mujeres plebeyas, durante los primeros siglos... no pudieron casarse y desde el punto de vista sexual fueron mucho más libres que las otras pues podían vivir promiscuamente sin cometer adulterio. Grimal também considera que o "povo" vivia com maior liberdade de costumes, como foi citado no segundo capítulo.

Um contraponto a essas idéias é a tese da italiana Eva Cantarella. A autora defende que a liberação sexual enunciada na literatura elegíaca e em gra-

⁹ Edição original em inglês do ano de 1980.

fites com alusões sexuais às "mulheres pompeianas e romanas", sinalizam a busca feminina por sua satisfação pessoal em um momento em que ela se torna mais efetiva no campo social e econômico:

í modeli di comportamento proposti alla popolazione femminile continuavano a essere quelli di un tempo, ma le donne erano ormai troppo attive socialmente, economicamente e anche politicamente per adeguarvisi. A Pompei partecipavano alle campagne elettorali, molte gestivano di persona i patrimoni familiari e lavoravano, a volte autonomamente, a volte alle dipendenze altrui. Inevitabile, dunque, che fossero anche sessualmente emancipate (Cantarella, 1999b: 157).

E uma das maneiras de sua satisfação sexual seria por meio da cunilíngua, mas adquirida em relações "clandestinas", ou seja, em relacionamentos não oficializados juridicamente, ou com o pagamento de prostitutas, como indicariam os epigramas e os grafites. Cantarella utiliza o conceito genérico de "mulheres" e considera que essa nova realidade de atuação social e busca pelo prazer seria uma situação comum às mulheres pompeianas. Considerando que o argumento da autora tenha fundamento, ainda creio ser necessário analisar estas referências em grafites no contexto sócio-cultural em que foram elaboradas, pois é aí que elas ganham sentido. De qualquer maneira, trilho pela mesma indagação: não podem as representações de cunilíngua nos dizer mais do que as interpretações correntes afirmam? Vejamos como os grafites ajudam nessa reflexão.

5.2.1 Cunnum lingere: marca de lassidão?

A prática da cunilíngua (*cunnum lingere*), à diferença do que acontece na iconografia (Jacobelli, 1995: 45), é mencionada com considerável frequência nos grafites. E é a partir de suas leituras e com um cuidado em apreender o local em que foram escritas que questiono se seriam elas apenas alusões ofensivas direcionadas às pessoas que se desejasse atingir, como afirma Adams, especialista em vocábulos latinos sobre sexo (1996: 114). Imperaria, nesse universo, o conceito de que tal prática seria o mesmo que ser fodido por uma mulher, portanto, sinal de fraqueza e falta de autocontrole, como diz Parker predominar em meios aristocráticos¹⁰?

A leitura da inscrição CIL, IV, 10150 pode sugerir que, de fato, o escritor desejasse alvejar moralmente a pessoa à qual fazia menção (cujo nome está apagado), elencando como atividade derradeira àquela que lhe parecia ordinária:

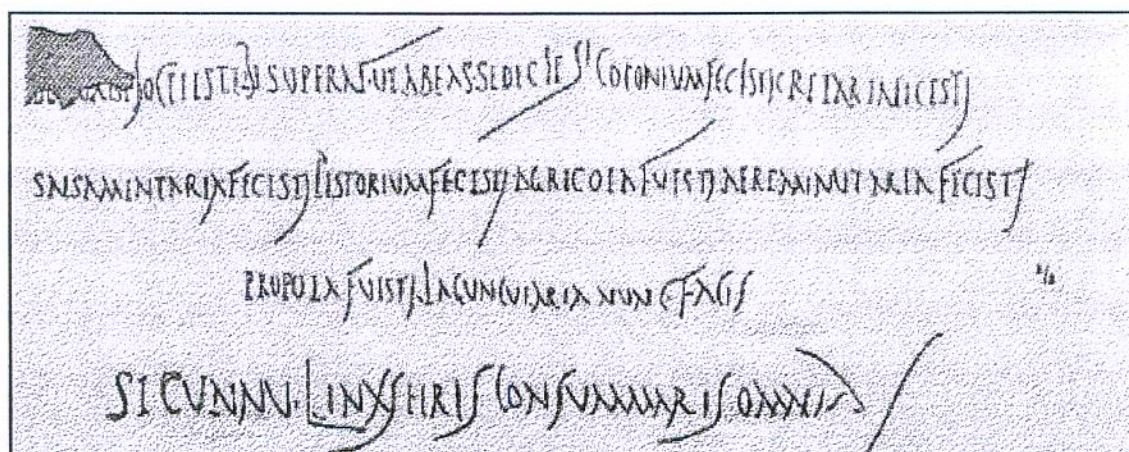


Figura 5.1. imagem do grafite CIL, IV, 10150

¹⁰ Diz o autor: For a man to commit cunnilingus is to be fucked by a woman. ... The man weak in self-control, in resisting pleasures, will be pathic. Cf. Parker, 1997: 51 e 58.

(Cum) de(d)uxisti octies, tibi superat, ut (h)abeas sedecies.

Coponium fecisti. Cretaria fecisti. Salsamentaria fecisti.

Pistorium fecisti. Agricola fuisti. Aere minutaria fecisti.

Propola fuisti. Laguncularia nunc facis. Si cunnu(m) linxseeris,

consummaris omnia

[... completou já oito vezes, você superará dezesseis.

Trabalhou como *barman*; trabalhou como oleiro, sala-

meiro, agricultor, bronzista de quinquilharias, vende-

dor ambulante; agora é oleiro de vasilhinhos. Para com-

pletar, só falta chupar bocetas!]¹¹.

Conotações semelhantes podem ser observadas em duas outras inscrições; uma registrada na *Terma Stabiana*:

Colepius pater cunnu linget

(CIL, IV, 2081)

[Colépio pai lambe boceta],

e a outra no peristilo de uma casa:

Servilius amat nec illi sit copia

Servil cunnulin...e

(CIL, IV, 4304)

[Servílio ama mas não goza, pois apenas lambe boceta]

¹¹ Em uma das paredes da Reg. II, ins. 7, n. 10. Sigo a proposta de interpretação de Funari, 1989: 31.

tas!]¹².

Também Saturnino, ou algum conhecido seu, fez questão de registrar, em um dos muros, que não desempenhava tal prática:

Saturnine cunnum lingere noli

(CIL, IV, 3925)

[Saturnino não lambe boceta]¹³.

Havia, ainda, quem a executasse como uma atividade econômica, por meio da prostituição, como mostra a propaganda do "serviço" prestado por Glico, deixada no cômodo da padaria de n. 27:

Glico cunnum lingit, 2 a(ssibus)

(CIL, IV, 3999)

[Glico lambe boceta por dois asses]¹⁴,

e esta outra em que a ausência de um valor dificulta saber tratar-se de um "garoto de programa", ou de uma propaganda feminina da ação de Vétio:

Vettius cu(n)num li(n)get. Opt/atus.

(CIL, IV, 8698)¹⁵

[Vétio lambe boceta. Agradável].

Prostitutos a serviço da satisfação feminina. Quem seriam as pagantes? Difícil saber, mas, seguramente, são registros significativos.

¹² Reg. V, ins. 5.

¹³ Entrada de n. 19 da Reg. I, ins. 2.

¹⁴ Reg. I, ins. 3.

Um outro conjunto de inscrições, entretanto, não possui as conotações acima. Expressões como:

Martialis Cunuligus

(CIL, IV, 1331)

[Marcial lambe boceta]¹⁶,

Iucundus cunum lingit Rusticae

(CIL, IV, 4264)¹⁷

[Iucundo lambe a boceta de Rústica],

Linge Laidi cunnum

(CIL, IV, 1578)

[Lambe a boceta de Laide]¹⁸,

por serem menções ligeiras, dificultam a leitura quando tratadas isoladamente, por isso optei por relacioná-las a outras inscrições, a fim de analisá-las em conjunto e pensar nas motivações gerais que poderiam ter impulsionado o seu registro. A questão colocada é como relacionar virilidade com a prática da cuni-lingua. O estímulo inicial para essa reflexão é indagar sobre o significado que teria a afirmação para um “homem” dar prazer a uma outra pessoa era pouco viril, entre populares pompeianos. A tênue diferença entre a liberdade e a escravidão colocada para muitos é suficiente para sustentar a idéia de falta de virilidade?

¹⁵ Em uma Coluna da Reg. II.

¹⁶ Lugar incerto da Estrada de Mercúrio.

¹⁷ Próximo a quinta e sexta entrada da Reg I, ins. 4.

Mas qual acepção o conceito de virilidade ganharia entre essas pessoas? Quais conotações de feminilidade e masculinidade pode-se apreender com os grafites?

5.3 Sexualidade popular em uma articulação de gênero

Entre as paredes de Pompéia abundam motivações diversas da temática amorosa. Início com a transliteração de um grupo delas em que seus autores inspiraram-se em poetas elegíacos para registrarem os seus votos de júbilo e infortúnios aos que impediam o amor e para garantir-lhes o quanto seria inútil proibi-lo. Assim escreveu alguém em uma sala de recepção:

(Quis)quis amat ualeat, pereat qui nescit amare.

Bis tanto pereat quisquis amare uetat

(CIL, IV, 4091)

[Viva quem ama, morra quem não sabe amar!

Duas vezes morra quem proíbe o amor!]¹⁹,

da Rua do Iminente vem o sutil recado de que proibir o amor seria o mesmo que impedir o curso espontâneo da própria natureza, tão natural quanto à vivência do amor:

Alliget hic auras si quis obiurgat amantes et

uetet assiduas currere fontis aquas

¹⁸ Em uma casa da Rua da Fortuna. Outras referências com a mesma temática são vistas em CIL, IV, 2257, 2400, 4954, 4995, 5178, 5267, 8380.

¹⁹ Casa de n. 23, Reg. I, ins. 4.

(CIL, IV, 1649)

[Aqui abraçarás os ares e proibirá correr as perenes
águas de uma fonte, quem repreende os apaixonados]²⁰,

e desta mesma via o desejo de muita solidão para algum mal intencionado:

Sí quis forte meam cupiet vio(lare) puellam,

Illum in desertis montibus urat amor

(CIL, IV, 1645)

[Se alguém quiser violar a minha garota,
que o amor o abrace nos montes desertos].

A representação do amor, além de algo intrínseco ao ser humano e muito almejado, é mostrada como um fogo que deixa as suas seqüelas, como foi escrito em uma das paredes da Basílica:

Quisquis amat calidis non debet fontibus uti

Nam nemo flammis ustus amare potest

(CIL, IV, 1898)

[Qualquer um que ama não deve se banhar em fontes
quentes, pois ninguém que esteja escaldado pode amar as chamas].

Mas também foi registrado o quanto esses resultados poderiam ser pas-

²⁰ Ambos os grafites 1645/9 são da Rua do Iminente.

sageiros. O próprio amor, semelhante ao ciclo contínuo da natureza, com suas idas e vindas, apresentaria uma efêmera essência:

Nunc est ira recens nunc est disc(edere tempus)

Si dolor afuerit crede redibit (amor)

(CIL, IV, 4491)

[Agora a ira é recente, é necessário que passe o tempo. Quando a dor for embora, acredita, o amor voltará!]²¹,

cujo significado parece também estar declarado neste outro grafite, mas que uma leitura atenta permite vislumbrar outra possibilidade, como a de uma "acomodação" do sentimento amoroso quando este conseguisse superar a ação do tempo:

Nihil durare potest tempore perpetuo;

Cum bene sol nítuit, redditur oceano;

Decrescit Phoebe, quae modo plena fuit.

(Sic) Venerum feritas saepe fit aura l(e)uis.

(CIL, IV, 9123)

[Nada pode durar eternamente; ainda brilha forte o sol e volta-se para o Oceano; Febe (Lua) diminui logo após a sua cheia. Assim, a força dos encantos amorosos transforma-se, com freqüência, em brisa sua-

²¹ Entrada de n. 19 da Reg. VI, íns. 12.

ve]²²,

ou, ainda, votos de "perenidade" apresentados em uma entusiasmada saudação direcionados a Nete, no edifício da Eumachia:

Noete lumen va(le)

Va(le) usque va(le)

(CIL, IV, 1970)

[Nete, luz dos olhos, salve! Salve!

Agora e sempre, salve!].

Por meio desses grafites, é possível verificar condições diversas apresentadas ao "tempo" de duração do amor: "fugaz" ou "eterno". Fosse ele um ou outro, mais do que algo determinado, ganharia a sua devida dimensão na própria vivência estabelecida entre o casal; os grafites sinalizam ambas as possibilidades.

Além desses aspectos, as paredes da cidade testemunham outras facetas do amor. O apreço e a consideração pela mulher querida, por exemplo, foram registrados com frequência em Pompéia. Efusivas declarações podem ser encontradas, como esta deixada a Taine na parede de uma casa:

Dulcis amor, perias eta (pro ita)

Taine bene amo dulcíssima /

Mea / Dulc

(CIL, IV, 8137)

²²Entrada de uma taberna da Reg. IX, íns. 12. Sigo a transliteração proposta por Funari, 1989: 54.

[Oxalá pereça, doce amor. Amo tanto a Taine,
minha dulcíssima amada]²³,

e ainda no átrio de uma casa vê-se esta ardorosa menção, cujas lacunas no grafite não possibilitam saber o nome daquela que um dia foi tão querida:

[... a]e dulcissimae amantissimaeque

[...] que salutem, ave

(CIL, IV, 8177)

[Saudação a (...), dulcíssima e amantíssima e (...), salve!]²⁴.

Já na inscrição CIL, IV, 4858 é possível saber o valor que Valentina teve para a vida de Ametusto, registrado por ele em um dos muros:

Ametusthus nec sine sua Valentina

[Ametusto não vive sem sua Valentina]²⁵,

e Restituto, possivelmente um comerciante que se encontrava de passagem pela cidade, expressou na parede de um quarto a falta que sentiu de sua querida Urbana:

Vibius Restitutus hic solus dormiuit et

Vrbanam suam desiderabat

(CIL, IV, 2146)

[Víbio Restituto aqui dormiu sozinho e sentiu sauda-

²³ Grafite encontrado na Casa Fabii Amandionis. Conforme interpretação de Cartelle, 1981: 97

²⁴ Reg. I, ins. 7

des de sua amada Urbana]²⁶.

Paredes que também guardam os registros das muitas súplicas amorosas; homens que, em uma linguagem simples e direta, pedem o amor da mulher estimada. Desta maneira expressou-se Secundo, no átrio de uma casa:

Secundus Prim(a)e suae ubi/que isse salute(m).

Rogo, domina, ut me ames

(CIL, IV, 8364)

[Secundo a sua querida Prima, uma saudação cordial.

Peço-te, senhora, me ame!]²⁷,

o mesmo fez Élio, em uma cozinha²⁸:

Aelius Magnus Plotillae suae salutem.

Rogo, domina

(CIL, IV, 1991)

[Élio Magno saúda a sua amada Plotila].

Peço-te senhora!].

A Grata foi direcionada uma súplica registrada no interior de uma casa:

((Grat)ae nostrae feliciter (perp)etuo

rogo domna per (Venere)m Física

te rogo ni me (...)us habeto mei memoriam.

²⁵ No muro entre as portas n. 12 e 13 da Reg. VII, ins. 15.

²⁶ Casa de n. 15 da rua da Eumachia.

²⁷ Reg. I, ins. 10.

²⁸ Casa de Apollo e Corone, na Rua da Escola.

(CIL, IV, 6865)

[A minha querida Grata, felicidade eterna. Te peço, senhora minha, por Vênus Física, que não te esqueças de mim. Me tenha sempre em teus pensamentos!]²⁹.

E um anônimo, apressado, provavelmente um artista preste a exhibir o seu número, deixou esta mensagem a Sava no corredor do Teatro:

Propero. Vale, mea Sava, fac me ames

(CIL, IV, 2414)

[Tenho pressa. Tchau minha Sava. Me queira sempre!].

Ainda nos grafites encontram-se manifestações sobre a dor e a angústia de uma frustração amorosa, como indicado na inscrição CIL, IV, 1837:

Si potes et non uis cur gaudia differs spemque foues et
cras usque redire iubes? (E)rgo coge mori quem sine te uiu-
ere coges. Munus erit certe non cruciasset boni. Quod spes
eripuit spes certe redd(i)t amanti.

[Se você pode e não deseja, por que adia a felicidade e acalenta a esperança, me dizendo sempre para retornar amanhã? Assim você me convoca à morte, me obrigando a viver sem ti. Será um presente ao menos não me atormentar. Certamente a esperança devolve

²⁹ Casa de n. 11 da Reg. IX, ins. 5.

ao amante o que a própria esperança arrebatava]³⁰,

ou esta outra escrita na parede do Teatro menor, em que o poeta suplica o reconhecimento e a atenção da mulher querida:

Sei quid amor ualeat nostei sei te hominem scis

Commiseresce mei da ueniam ut ueniam

Flos Veneris mihi de ...

(CIL, IV, 4971)

[Se conheces a força do amor, e a natureza humana, tenha pena de mim, faça-me o favor de me conceder os teus favores. Flor de Vênus, para mim...]³¹.

A forte mentalidade guerreira e conquistadora realçada aos "romanos", em obras da historiografia, reflete-se sobre aqueles que estão distantes do campo de batalha, ou que foram um dia neles conquistados, por meio do relacionamento amoroso. O verso de Ovídio inspirou a escrita deste grafite:

Militat omnes amans

(CIL, IV, 3149)

[Todo enamorado é um soldado!]³².

Aqui a batalha é travada no campo sexo-afetivo, afinal, conquistar um parceiro ou parceira envolve também artimanhas e táticas. Possivelmente te-

³⁰ Esta inscrição não tem registro de procedência. Encontra-se na Tabuleta de n. 10 do Museu Arqueológico de Nápoles. Cf. indicação do editor logo abaixo da inscrição.

³¹ Varone interpreta este grafite como a súplica de um homem a outro. Cf. Varone, 2000: 105.

³² Cf. Am. I 9, 1, indicado no próprio CIL.

nham sido essas as "armas" que induziram Restituo a seduzir diversas garotas, como foi mencionado em uma sala de jantar³³:

Restitutus multas decepit sepe puellas

(CIL, IV, 5251)

[Restituto seduziu, em muitas ocasiões, a muitas garotas].

as mesmas que levaram Sucesso e Severo a disputarem o amor de Íris, em um "diálogo" que estabeleceram em um pilar:

Seccessus textor amat coponiaes ancilla(m),

Nomine Hiredem, quae quidem illum

Non curat, sed ille rogat, illa com(m)iseretur.

Scribit rivalis. Vale.

Invidiose, quia rumperes, sedare noli formosiores,

Et qui est homo pravissimus et bellus.

Dixi, scripsi. Amas Hiredem, quae te non curat.

Sev(erus?) Successo, ut su(p)ra(?)...s..... Severus.

(CIL, IV, 8258-9)

[O tecelão Severo ama a escrava taberneira Híris, a qual não quer saber dele, mas ele pede que ela tenha dó dele. Responde, rival! Saudações.

³³ Casa de n. 11 da Reg. IX, Íns. 8.

Intervéns porque és um invejoso! Não queiras bancar o engraçadinho, seu mau-caráter galanteador!

Disse e escrevi (a verdade): tu amas Híris, que não quer saber de ti. De Severo para Sucesso: o que escrevi é exatamente o que se passa. Assinado: Severo]³⁴.

Também escreveu Fotunato dando glórias pelo "combate amoroso" estabelecido com Antusa, cuja vitória lhe foi tão significativa que mereceu ser festejada com uma paráfrase à conquista de César na Gália:

Fortunatus futuet t.

hinc vine veni vide Anthusa

(CIL, IV, 1230)

[Fortunato fodeu. Aqui vim, vi e venci Antusa]³⁵.

A frase de Fortunato parece-me não indicar apenas uma de tantas outras escritas a fim de realçar a virilidade masculina, ou por uma satisfação erótica. Integradas em seu conjunto, essas inscrições podem evidenciar outras leituras além da exposição de um troféu por um solitário conquistador; como o jogo amoroso instituído na afetividade, no desejo, nos obstáculos e nos acordos estabelecidos entre os amantes.

É nesse universo que o grafite:

Amplexus teneros hac si quis quaerit in ur(be),

³⁴ Reg. I, íns. 10. Reproduzo a interpretação apresentada por Funari, 1989: 19.

³⁵ César: ueni, uini, uidi. Suetônio, *Diuus Julius*, 37. Inscrição encontrada na Casa do Cirurgião, na Via Consolare.

expect(at ceras) nulla puella viri

(CIL, IV, 1796)

[se alguém procura nesta cidade abraços amorosos],

[nenhuma garota espera carta do homem]³⁶

ganha a sua dimensão de mostrar que a atuação e iniciativa também fariam parte da ação feminina: "nenhuma garota espera carta de homem", ou seja, que ela não ficaria aguardando a iniciativa masculina; a batalha amorosa também lhe pertencia e exigia mobilização:

Suavis uinaria sitit rogo uos et ualde

Sitit Calpurnia tibi dicit. Val(e)

(CIL, IV, 1819)

[Rogo-te. Desejo teu doce vinho e desejo muito].

Calpurnia te diz. Saudações!]³⁷, e:

Virum vendere nolo meom m(...)

(CIL, IV, 3061)

[Não vendo o meu homem por preço algum!].

Outras inscrições também apontam para isso, como a menção deixada no átrio de uma casa do vínculo de Rômula a seu amado Estáfilo³⁸:

³⁶ Escrito em uma das paredes da Basílica. Segue-se a proposta de interpretação de Funari, 1991.

³⁷ Em uma das paredes da Basílica.

³⁸ Rua da Abundância.

Romula hic cum Staphylo moratur

(CIL, IV, 2060)

[Rômula, aqui, com seu querido Estáfilo, sem demora],

Restituta marcou em uma pilastra a sua ligação com Secundo, tratando-o por senhor, como é visto com certa frequência nas menções de "minha senhora", direcionadas às mulheres amadas³⁹:

Restituta cum Secundo domno suo

(CIL, IV, 1665)

[Restituta com Secundo, seu senhor].

Por vezes, a batalha exige recuo e isso fez Arione na mensagem que deixou ao seu grande amor, aquele considerado como parte de si mesma: "do seu próprio sangue". Diante da dúvida de seu amado, ela o deixa livre para decidir, por conta, o caminho a seguir:

Venus enim plagiaría est quia exsanguini meum

petit in vias tumultum pariet optet sibi ut

bene naviget quod et Ario sua rogat

(CIL, IV, 1410)

[Vênus, efetivamente, é sedutora porque deseja aquele que é do meu próprio sangue, e provocará tumulto nos caminhos; que ele opte por si mesmo para navegar com êxito, o que também deseja sua amada

³⁹ Rua do Iminente.

Arione]⁴⁰,

Nesse caso, Vênus parece personalizar a figura de uma rival e isso faz Arione prever problemas futuros, daí a sua opção em deixá-lo fazer a própria escolha. Essa liberdade de escolha também é vista no grafite CIL, IV, 1397, em uma casa da Rua do Labirinto, mas que não se sabe deixado por mulher ou homem, o que não faz muita diferença quando integrado ao conjunto analisado:

Peromnia fata (...)o ibíneus (...)e te tebadde

ame nec uis eco solus

[Em meio a todas as desventuras que a fortuna nos depare, a ti, a ti te amarei com todas as minhas forças, e se tu não queres, então eu só...]⁴¹.

Já o grafite CIL, IV, 1928 manifesta a inspiração recebida do Cupido, o deus do amor e filho da protetora da cidade, Vênus, na escrita destes versos:

Scribenti mi dictat amor monstratque cupido.

Ad peream sine te si deus esse velim

[O amor me dita quando escrevo e Cupido guia minha mão. Pereceria se desejasse ser um deus sem ti!]⁴².

Um aspecto que chama a atenção nesses últimos versos é a condição de similaridade apresentada entre os amantes: o rapaz que os escreveu põe-se em condição de igualdade à sua amada. É fato que o sentido desse verso era cor-

⁴⁰ Casa de Hércules, Rua de Mercúrio.

⁴¹ Tabuleta n. 28 do Museu Napolitano. Segue-se a interpretação de Cartelle, 1981:112.

⁴² Inscrição da Tabula de número 29 do Museu Napolitano.

rente na elegia e o próprio Zangemeister, editor do volume, menciona as suas variações em Ovídio, Plauto, Propércio e Virgílio⁴³. Mas em outros grafites, escritos em uma linguagem breve e direta, também encontram-se diversas referências de uma partilha afetiva, relacionamentos baseados na concórdia e no pacto.

Segundo registrou, ou talvez mesmo Primigênia tenha escrito, seguindo uma tradição de pôr o nome do homem no início da frase, como se repete na sequência abaixo:

Secundus cum Primigenia conveniunt

(CIL, IV, 5358)

[Segundo com Primigênia, em comum acordo]⁴⁴,

[Ba]lbus et Fortunata duo coniuges

(CIL, IV, 4933)

[Balbo e Fortunata, os dois em comum]⁴⁵,

L. Clodius Varus Pelagia coniunx

(CIL, IV, 2321)

[Lucio Clódio Varo e tua mulher Pelagia]⁴⁶,

Staphilus hic cum Quieta

(CIL, IV, 4087)

[Estáfilo aqui com Quieta]⁴⁷.

⁴³ Observação apresentada logo abaixo da inscrição, no CIL.

⁴⁴ Em uma das entradas da cidade, Reg. IX, íns. quae primae et secundae ab oriente adiacet.

⁴⁵ Casa de n. 9, Reg. VIII, íns. 5. 6.

Outra sucessão de grafites, escritos em colunas do Pórtico posterior da região ocidental, mostram o desejo dos enamorados de deixarem unidos os seus nomes e com pedidos de bom augúrio:

(H)ic sumus felices. Valiamus recte.

(CIL, IV, 8657)

[Aqui somos felizes. Prevalecemos firmes],

(H)ic (h)abitamus: felices nos dii faciant

(CIL, IV, 8670)

[Aqui habitamos. Que os deuses nos façam felizes]⁴⁶,

e, ainda, o registro de Lucílio e Lúcida, escrito duas vezes em colunas diferentes:

Lucilius

Lucilius

Lucidae suae

Ubique sal(utem)

(CIL, IV, 8627/76)

[Lucílio, Lucílio com sua querida Lúcida.

Saúdam em todo lugar].

Os votos de felicidades e boa convivência também são apresentados a dois outros casais:

⁴⁶ Em um muro da Strada STabiana.

Daphnicus cum Felicula sua hac

Bene Felicule bene Daphnico

Vtriuque bene eueniat

(CIL, IV, 4477)

[A Dáfnico com sua querida Felícula digo isto:

Bem a Dáfnico, bem a Felícula.

Que ambos tenham êxito]⁴⁹,

Methe Cominiaes Atellana amat Chrestum

Corde (si)t utreís que Venus Pompeiana

Propitia et sem(per) concordēs veivāt

(CIL, IV, 2457)

[Mete Atelana, filha de Comínio, ama Cresto. Que Vênus pompeiana seja propícia a ambos e que sempre vivam em concórdia!]⁵⁰.

Harmonia afetiva que envolvia também o aspecto sexual, como sugere essa menção deixada em um quarto:

⁴⁷ Na coluna de uma habitação, Reg. I, ins. 4.

⁴⁸ Proposta de Cartelle, 1981: 119.

⁴⁹ Entrada de n. 19, Reg. VI, ins. 13.

⁵⁰ Escrito no corredor do Teatro. Nesse grafite, não é seguro que Mete fosse filha ou escrava de Comínio, pois a interpretação possível é que esta estava sob a autoridade dele. Para isso, siga a opção de filha sugerida por Cartele, 1971: 112, diferente da de escrava apresentada por Varone, 1994: 154.

Eulale bene ualeas cum Vera tua coniuge

et bene futue eam

(CIL, IV, 1574)

[Tchau Eulalo, que você vá bem com Vera,
tua mulher, e que possas fodê-la bem]⁵¹,

ou esta outra escrita no peristilo de uma casa:

Dapnus asiaticus cum sua dApna

ionicii hic et ubique

(CIL, IV, 2393)

[Dapno asiático com sua Dápna jônica,
aqui e em todo lugar]⁵².

Relações essas que podem nos indicar a construção de outros parâmetros sexo-afetivos vivenciados por esses homens e mulheres que trocavam opiniões, interagiam em ambientes de trabalho, de lazer e, também, por meio das paredes da cidade! Experiências de vida e de valores muito distantes daqueles das aristocracias, ou idealizados por eles e para eles. Nessa perspectiva, parece-me mais apropriado interpretar o grafite:

Floronius binet ac miles leg vii hic fuit.

Neque mulieres scierunt nisi paucae et ses erunt

(CIL, IV, 8767)

[Florônio, fodeador e soldado da sétima legião esteve

⁵¹ Casa de n. 11 da Rua da Fortuna.

⁵² Pequena variação em Cartelle: Dafno asiático com sua Apra jônica (fodeu) aqui e em todo lugar. Ver Cartelle, 1981: 134.

aqui e nenhuma mulher notou o fato... Mas elas eram poucas para este garboso homem!]⁵³,

em um sentido apotropaico, como considerou Funari⁵⁴, no qual Florônio expia os maus agouros de ter sido negligenciado pelas mulheres que tentou conquistar, daí o seu comentário final de que seriam poucas para um homem distinto como ele. Sentido parecido também pode ser visto na inscrição CIL, IV, 4498, deixada em uma sala de jantar:

Thyrsa noli amare Fortunatum. Vale.

[Tirsa não ama Fortunato. Salve!]⁵⁵,

no qual um concorrente pode ter desejado a desventura de Fortunato que, para se proteger, desenhou um falo a fim de livrar-se desse mau agouro:

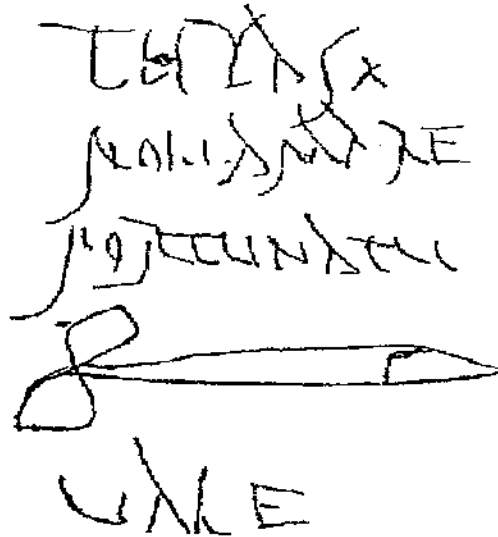


Figura 5.2: imagem do grafite CIL, IV, 4498

⁵³ Reg. II, Campus Col. CV.

⁵⁴ Cf. Funari, 1995: 13.

⁵⁵ Casa de n. 19, Reg. VI, ins. 13.

As referências *Cunnum lingere* e *rogare*, ou seja, lambe-boceta e rogar, solicitar amor, seriam atitudes conflituosas com a ação de *futuere*? Essas práticas colidiam com o perfil de masculinidade elaborado por esses populares? Segundo a historiografia mencionada, não, pois a esses "homens desclassificados", qualquer prática "infame, pervertida ou anômala" era-lhes reservada; o mesmo era dito dessas mulheres que aparecem em "liberdade de costumes" e "correndo atrás de aventuras". Mas, imperavam tais sentidos negativos nesse universo?

A idéia de liberdade de costumes seria atribuída pelo fato de essas pessoas não terem as suas relações regulamentadas? A afirmação de Cantarella de que o amor paixão vivia fora do casamento (Cantarella, 1999b: 52-40) poderia ser aplicada entre os populares, considerando-se as observações de Treggiari de que apenas uma pequena parcela da população tinha a sua união prescrita pela legislação matrimonial romana:

Most of the empire's population until the early third century A.D. were noncitizens, who married according to their own laws but could not contract Roman marriages (Treggiari, s/d: 91).

Assim, esse não é um pressuposto razoável de ser aplicado a todos nesse período da história romana.

Satisfazer o desejo e solicitar o amor feminino, da mesma maneira que disputar o coração masculino e com ele viver em "comum acordo", não poderiam ser elementos constitutivos próprios das relações entre esses homens e mulheres pompeianos? As inúmeras inscrições registradas nas paredes na cidade permitem fazer essa consideração.

Os registros sobre o amor possibilitam afirmar que a divisão proposta

por diversos autores, entre emoção e razão, não se sustenta para essas pessoas, na medida que o amor é apresentado como imanente à vida, como o seria comer, dormir e, por isso, tão presente no cotidiano popular. Amor, como o próprio vocábulo latino impossibilita distinguir, integraria a afeição e a paixão, considerando esta última, a união sexual e suas práticas de satisfação, tanto do feminino quanto do masculino. E é por meio desse conjunto de inscrições, que falam de ambos os aspectos, que foram consideradas a relação e os papéis estabelecidos entre eles.

Ainda que com todas essas reflexões, vale observar que em uma cidade de tradição osca/samnita, incorporada pelos romanos no ano 80 a. C., com uma significativa população escrava grega, com imigrantes judeus, trácios, sírios, árabes, entre diversos outros como indicam os nomes nas inscrições, seguramente a riqueza cultural entre esses populares era muito variada para considerar que todos partilhassem de tais idéias. Entretanto, aqui foi possível analisar uma série de inscrições que abundam das paredes pompeianas e teimam em fugir da camisa de força da inatividade, da apatia social, do preconceito e do obscurantismo com que ainda tem sido tratada a questão da sexualidade e da atuação social dessa parcela significativa da população romana.

Embora fragmentados e de difícil interpretação, os grafites amorosos de Pompéia, quando analisados como referências próprias da esfera social em que foram produzidos, possibilitam uma viagem pela mentalidade, ou mentalidades, do universo popular pompeiano ali representado, e outras leituras sobre a concepção de amor, de sexualidade e as bases das relações entre o feminino e o masculino. Em relação a isso, a viagem está apenas começando...

Considerações Finais

E assim chegamos ao final dessa pesquisa. Por meio dela, foi possível discutir sobre uma série de aspectos relacionados ao conhecimento e à escrita da História, em particular, do que havia sido formulado sobre o tema "sexo-afetivo", em obras da historiografia contemporânea, relativo aos grupos populares romanos. Tomo como princípio para essa análise que o discurso produzido é histórico e político, na medida em que é influenciado pelas discussões sociais e acadêmicas, ora postas, e procuro questionar as atribuições dadas às pessoas que não pertenciam às elites daquela sociedade.

Para o seu desenvolvimento, se fez necessário o aprofundamento de questões que ponderei como pré-requisitos para o estudo e que demandaram, além do tempo, uma carga adicional de leituras àquelas diretamente relacionadas com o tema. Optei por apresentar, ao longo dos capítulos iniciais, reflexões que permitissem integrar vivências amorosas a pessoas definidas, membros de uma comunidade, com uma experiência cultural, social e econômica que, em conjunto, compunham um complexo quadro em que as relações afetivas foram sendo formuladas.

Por isso, no primeiro capítulo foi explicitada a escolha teórica, tanto quanto ao conhecimento histórico, como à concepção de gênero, que norteou a escrita de todo o texto. Uma análise específica de obras da Historiografia Moderna, que trata da temática amorosa, foi desenvolvida no capítulo posteri-

or. Teve como objetivo apresentar as versões consideradas na literatura, principalmente quanto aos populares romanos, e indicar a singularidade de minha proposta. Com a concepção de que o conhecimento histórico é formulado por meio de discursos, no capítulo terceiro, indiquei de que modo a antiga cidade de Pompéia tem sido constituída como tema de pesquisa e, ainda, diferentes versões sobre a sua organização econômica. A partir dessa característica, pude articular elementos da cultura e do labor em uma definição para "popular pompeiano". Foi então que, no quarto capítulo, considerei o conceito de cultura popular e a razão pela qual os grafites são reputados como uma linguagem específica destas pessoas. Todos esses aspectos permitiram a escrita do quinto capítulo, onde é caracterizada uma particular concepção de "masculino" e "feminino", em articulação de gênero e dialogando com os modernos estudos mencionados.

Com o exame das inscrições parietais, pude confrontar as noções salientadas nos textos historiográficos com as interpretações amorosas suscitadas a partir da leitura dos grafites, comprovando-se o quanto perfis atribuídos aos populares podem ser contestados.

Foi mostrado que afirmações vinculadas aos populares como "liberalidade de costumes", "promiscuidade sexual" e "desajuste emocional e social" parecem ter partido de noções do senso comum que não deixam de ter suas acepções de classe e baseadas em juízes de valores depreciativos, tanto dos grupos populares da Roma Antiga, como desses da Atualidade. Ou, ainda, da aceitação daquilo que as elites apresentam, na documentação literária, como comportamento legítimo para os diversos grupos sociais romanos.

Também mereceu atenção e discordância a utilização geral do conceito de "romanos", bem como a divisão da sociedade em rígida estrutura jurídica;

idéias essas que ocultam as diferenças sociais e os embates discursivos postos entre os muitos grupos; as particularidades regionais e culturais, além de estabelecer uma imagem homogênea de cultura, na qual sempre prevalece o valor e o critério das classes detentoras do poder.

Com o desenvolvimento desse estudo, alguns avanços foram dados quanto ao conhecimento do comportamento amoroso de grupos populares de Pompéia, cidade que preservou importantes e consistentes documentos materiais, os quais possibilitaram a análise do tema proposto. O tema do amor, considerado em seus aspectos sentimentais e físicos, favoreceu uma articulação de gênero entre populares, através das relações entre homens e mulheres. Da análise das inscrições amorosas, pude inferir que o conceito de masculinidade, tido como uma insígnia de autoridade e poder, cede espaço para um perfil de masculino que se constrói em conformidade ao feminino. Uma concórdia estabelecida entre aqueles que compartilhavam trabalhos, sortes, infortúnios e explorações. Realidade muito distante daquela aristocrática e de seus valores e julgamentos, que não devem ser pacificamente aceitos e transpostos como legítimos aos demais grupos sociais.

Considerando essa articulação entre sociedade e sexualidade, faz-se possível, para pesquisas futuras, explorar diversos outros aspectos emergentes do âmbito sexo-afetivo, mencionados nos grafites, e aprofundar a leitura de gênero ora iniciada.

Entre outras possibilidades que podem ser buscadas estão uma reflexão de gênero que considere também os relacionamentos afetivos entre pessoas do mesmo sexo, e outras caracterizações de "feminino" e "masculino" entre populares pompeianos, contemplando traços culturais diversos, como aqueles influenciados pelo judaísmo ou cristianismo.

Para finalizar, entendo que essa Tese faz uma leitura séria, buscando originalidade em tratar questões de gênero, sexualidade e cultura popular associadas a grupos periféricos do mundo romano; porém, não tem a pretensão de ser a definitiva ou a verdadeira, mas formular outras possibilidades de interpretações e trazer novos ares para o debate aqui vivenciado.

Referências Bibliográficas:

1. Dicionários

- CARY, M. *et alli* (1953) *The Oxford classical dictionary*. 3ª ed. Oxford: Clarendon Press.
- DAREMBERG, C., SAGLIO, E. P. (1877-1918) *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris. (9 volumes)
- ERNOUT, A. (1967) *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- FERREIRA, A. G. (s/d) *Dicionário de Latim – Português*. Portugal: Porto.
- LEWIS, C.T. (1987) *Latin Dictionary*. Grã-Bretanha: Oxford University Press.

2. Documentação Antiga

2.1. Textos Antigos

- CÍCERO (1974) *De Officiis*. 1, XLII: 150. Paris: Les Belles Lettres. (Edição bilingüe: latim e francês)
- Corpus Inscriptionum Latinarum*, volumen quartum (CIL, IV):
- ZANGEMEISTER, C., SCHOENE, R. (1871) *Inscriptiones parietariae Pompeianae, Herculenses, Stabianae*. Berlim: Akademie der Wissenschaften.
- ZANGEMEISTER, C. (1898) *Suppl. Pars I: Tabulae ceratae Pompeis repertae*. Berlim.
- MAU, A., ZANGEMEISTER, C. (1909) *Inscriptionum parietariarum pompeianarum, suppl. pars II*. Berlin.

- DELLA CORTE, M. (1952, 1955, 1963 e 1970) *Inscriptiones Pompeianae parietariae et vasorum fictilium*, supp. pars III, fasc. 1-4. Berlin.
- DION CÁSSIO (1982) **Roman history**. 8, LXVI: 22-23. Translation by Earnest Cary. Cambridge, Harvard University Press. (Edição bilíngüe: grego e inglês)
- PETRÔNIO (1958) **Satiricon**. Paris: Les Belles Lettres. (Edição bilíngüe: latim e francês)
- SÊNECA (1932) **Des Controverses**, IV, 10. Paris: Librairie Garnier Frères.
- SUETÔNIO, C. T. (1998) **De vita duodecim Caesarum libri VIII**. Milano: Bur. (Edição bilíngüe: latim e italiano)
- TÁCITO, C. *Plinius Tacito suo s.*, VI, 16 e 20. In: COARELLI, F. (Coord.) (1976) **Guida Archeologica di Pompei**. Napoli: Arnoldo Mondadori. p. 74-81. (Edição bilíngüe: latim e italiano)

2.2. Textos Epigráficos

- ADAMS, J. N. (1996) **Il vocabolario del sesso a Roma**. Analisi del linguaggio sessuale nella latinità. Tradução de Maria Laetitia Riccio Coletti e Enrico Riccio. Roma: Argo.
- ALMAR, K. P. (1990) **Inscriptiones latinae**. Bonn: Odense.
- BIRLEY, R. (1990) **The Roman documents from Vindolanda**. Vindolanda.
- BODEL, J. (Ed.) (2001) **Epigraphic Evidence**. Ancient history from inscriptions. London/New York: Routledge.
- CANALI, L., CAVALLO, G. (Orgs.) (1998) **Grafitti latini**. Milano: Rizzoli.
- CAPELLI, A. (1929) **Sigle ed abbreviature epigrafiche**. Milano: Hoepli.
- CARTELLE, E. M. (1981) **Priapeos; grafitos amatorios Pompeyanos; la valada**

de la fiesta de Venus; el concúbito de Marte y Venus; centón nupcial.

Madrid: Biblioteca clásica Gredos.

CENCETTI, G. (1978) *Paleografia latina*. Roma: Jouvence.

CORBIER, P. (1998) *L'epigraphie latine*. Paris: Sedes.

DELLA CORTE, M. (1954) *Casa ed abitanti di Pompei*. Roma: L'Erma.

GALLO, A. (1989) Graffiti e iscrizioni. In: GALLO, A. *La casa dei quattro stili*. Napoli: Arte tipografica. p. 79-88.

GIGANTE, M. (1979) *Civiltà delle forme letterarie nell'antica Pompei*. Roma: Bibliopolis.

IRELAND, R. (1983) Epigraphy. In: HENIG, M. (Ed.) *A handbook of Roman Art*. Ithaca/New York: Cornell University Press. p. 220-233.

KEPPIE, L. (1991) *Understanding Roman inscriptions*. Baltimore: John Hopkins University Press.

MAGALDI, E. (1931) *Le iscrizioni parietali pompeiane*. Napoli: Achille Cimmaruta.

VÄÄNÄNEN, V. (1937) *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*. Helsinki: Annales Academiae Scientiarum Fennicae.

VARONE, A. (1994) *Erotica pompeiana*. Iscrizioni d'amore sui muri di Pompei. Roma: L'Erma di Bretschneider.

3. Textos teóricos

BARTHES, R. (1988) *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense.

BOND, G. C., GILLIAM, A. (1997) *Social construction of past*. Representation as power. London: Routledge.

- CASTORIADES, C. (1986) **A instituição imaginária da sociedade**. 2ª ed. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHARTIER, R. (1990) **A história cultural: entre prática e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel.
- CHARTIER, R. (1994) A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos históricos* (Rio de Janeiro), v. 7, n.13, p. 97-113.
- de CERTEAU, M. (1995) **A cultura no plural**. Tradução de Enid A. Dobránszky. Campinas: Papirus.
- de CERTEAU, M. (1999) **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Du BOIS, P. (1998) The subject in Antiquity after Foucault. In: LARMOUR, D. *et alli* (Eds.) **Rethinking sexuality**. Foucault and Classical Antiquity. New Jersey: Princeton. p. 85-103.
- EWALD, F. (1995) **Foucault a norma e o direito**. Tradução de Antônio F. Cascais. Lisboa: Veja.
- FOUCAULT, M. (1984) **Dits et écrits**. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1996) **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. Sampaio. São Paulo: Loyola. (Publicação francesa de 1969)
- FOWLER, D. (2000) **Roman constructions**. Readings in Post-Modern latin. New York: Oxford.
- FUNARI, P.P.A., HALL, M., JONES, S. (1999) **Historical Archaeology**. Back from the edge. London/New York: Routledge.
- HARLAN, D. A (2000) História intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, M., GIMENES, R. A. O. (Orgs.) **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas: Unicamp. p. 15-62.
- HOLLANDA, H. B. (1991) Políticas da teoria. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Pós-**

- Modernismo e Política.** Rio de Janeiro: Rocco. p. 1-14.
- HUNT, L. (1992) **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes.
- HUSKINSON, J. (2000) Looking for culture, identity and power. In: HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome.** Culture, identity and power in the Roman Empire. Oxford: Routledge. p. 3- 27.
- JOYCE, P. (1995) The end of social history? *Social history*, v. 20, n. 1, p. 73-91, Jan.
- LOZANO, J. (1987) **El discurso histórico.** Madrid: Alinza Editorial.
- POTTER, D. S. (1999) **Literary texts and the Roman historian.** London/New York: Routledge.
- RABINOWITZ, N. S. (1993) Introdução. In: RABINOWITZ, N. S., RICHLIN, A. (Eds.) **Feminist theory and the classics.** New York: Routledge. p. 1-20.
- RABINOWITZ, N. S., RICHLIN, A. (Eds.) (1993) **Feminist theory and the classics.** New York: Routledge.
- RAGO, M., GIMENES, R. A. O. (Orgs.) (2000) **Narrar o passado, repensar a História.** Campinas: Unicamp.
- SCHMITT, J.C. (1990) A História dos marginais. In: LE GOFF, J. **A História Nova.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. p. 261-284
- THOMAS, J. (1999) Place and temporality. In: THOMAS, J. **Time, culture & identity.** London/New York: Routledge. p. 83-91.
- THOMPSON, E. P. (1981) **A miséria da teoria, ou um planetário de erros.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar.
- VEYNE, P. (1982) **Como se escreve a história.** Tradução de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: UnB.
- WHITE, H. (1994) **Trópicos do discurso.** Ensaios sobre a crítica da cultura.

Tradução de Alípio C. F. Neto. São Paulo: Edusp.

4. Obras Específicas

4.1 Gênero e História das Mulheres

- ACHARD, G. (1995) **La femme a Rome**. Paris: Presses Universitaires de France.
- ALSTON, R. (1998) Arms and the man. Soldiers, masculinity and power in Republican and Imperial Rome. In: FOXHALL, L. and SALMON, J. (Eds.) **When men were men**. Masculinity, power and identity in classical antiquity. London/New York: Routledge. Cap. 11.
- BERNSTEIN, F. S. (1987) **The public role of Pompeian women**. Michigan: Ann Arbor.
- BESSA, K. A. M. (Org.) (1998) Trajetórias do gênero, masculinidades... *Cadernos Pagu*, v. 11.
- BOATWRIGHT, M. T. (1991) Pancia Magna of Perge: women's roles and status in Roman Asia Minor. In: POMEROY, S (Ed.) **Women's history and ancient history**. London: The University of North Carolina Press.
- CAMERON, A., KUHRT, A. (Eds.) (1983) **Images of women in antiquity**. Detroit: Wayne State University Press.
- CANTARELLA, E. (1998) **Passato Prossimo**. Donne romane da Tacita a Sulpicia. Milano: Feltrinelli.
- CANTARELLA, E. (1999a) Qualche considerazione sul lavoro femminile a Pompei. *Saitabi*, v. 49, p. 259-272.
- CAVALLO, G. (1995) Donne che leggono, donne che scrivono In: RAFFAELLI, R.

- (Ed.) **Vicende e figure femminili in Grecia e a Roma**. Ancona: Pari Opportunità. p. 517-536.
- CONNOLLY, J. (1998) Mastering corruption: constructions of identity in Roman oratory. In: JOSHEL, S.R., MURNAGHAN, S. (Eds.) (1998) **Women & slaves in Greco-Roman culture**. London: Routledge.
- COSTA, C. L. (1997) Situando o sujeito da Feminismo: o lugar da teoria, as margens e a teoria do lugar. *Travessia* (Florianópolis), nº 29/30, p. 123-160.
- COSTA, R. G. (1998) De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. *Cadernos Pagu* (Campinas), 11, p. 157-199.
- COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Orgs.) (1992) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- D'AVINO, M. (1964) **La donna a Pompei**. Napoli: Loffredo.
- DAUPHIN, C. et alli. (1986) Culture et pouvoir des femmes: essai d'historiographie. *AESC*, n. 6, p. 271-293, mar./avr. Paris.
- DIMOPOULOU, A. (1999) *Medica, obstetrix, nutrix*: les femmes dans les métiers médicaux et paramédicaux dans l'Antiquité grecques et romaine. *Saïtabi*, v. 49, p. 273-287.
- DUBY, G., PERROT, M. (Dir.) (1993) **História das mulheres no Ocidente**. A Antigüidade. Tradução de Coelho, M. H. C. et alli. v. 1. Porto: Afrontamento.
- FEITOSA, L. M. G. C. (1994) Homens e mulheres romanos: o corpo, o amor e a moral segundo a literatura amorosa do primeiro século (Ovídio e Petrónio). Assis. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- FEITOSA, L. M. G. C. (200_) Gênero e o "erótico" em Pompéia. In: FUNARI, P., SILVA, G., FEITOSA (200_). **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Ed. Unicamp.

- FEITOSA, L. M. G. C. (2000) Teoria da História e a questão de gênero na Antigüidade Clássica. In: RAGO, M., GIMENES, R. A. O. (Orgs.) **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas: Unicamp. p. 235-252.
- FOLEY, H. P. (Ed.) (1981) **Reflections of women in antiquity**. New York: Gordon and Breach Science Publishers.
- FRANCO, H. G. (2000) Participación de la mujer hispanorromana en la producción y comercio del aceite Bético. *Actas del Congreso Internacional ex Baetica Amphorae*. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano. v. 4, p. 1269-1278.
- FUNARI, P. P. A. (1995) Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu*, nº 5, p. 179-200.
- FUNARI, P., SILVA, G., FEITOSA (200___). **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Ed. Unicamp.
- GAMEL, M. (1998) Reading as a man: performance and gender in Roman elegy. *Helios*. v. 25, nº 1, p. 79- 95.
- HAWLEY, R., LEVICK, B. (1995) **Women in antiquity**. London: Routledge.
- HEILBORN, M. L. (1992) Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. p. 93-126.
- HEMELRIJK, E. A. (1999) **Matrona docta**. Educated women in the Roman from Cornelia to Julia Domna. London/New York: Routledge.
- JOSHEL, S. R., MURNAGHAN, S. (Eds.) (1998) **Women & slaves in Greco-Roman culture**. London: Routledge.
- KAMPEN, N. (1981) **Image and status: Roman working women in Ostia**. Berlin: Mann.

- KATZ, M. A. (1995) Ideology and 'the status of women' in ancient Greece. In: HAWLEY, R., LEVICK, B. **Women in Antiquity**. London: Routledge.
- LEFKOWITZ, M. R., FANT, M. B. (Eds.) (1982) **Women's life in Greece and Rome**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- LeGALL, J. (1970) Metiers des femmes au Corpus Inscriptionum. *REL*, v. 47 bis, p. 123-130.
- LIPOVETSKY, G. (2000) **A terceira mulher**. Permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- LÓPEZ, C. M. (1988) Reflexiones sobre la historia de la mujer en el mundo antiguo. **Actas del I Congreso Penínsular de Historia Antigua**. Santiago de Compostela. p. 205-217.
- LÓPEZ, C. M. (1994) Las mujeres en el mundo antiguo. Una nueva perspectiva para reinterpretar las sociedades antiguas. In: MAMPASO, M. J. R. *et alli* (Eds.) **Roles sexuales**. La mujer en la historia y la cultura. Madrid: Clasica.
- MACHADO, L. Z. (1992) Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. p. 24-38.
- MACHADO, L. Z. (1992) Introdução. In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. p. 9-14.
- MONTSERRAT, D. (2000) Reading gender in the Roman World. In: HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome**. Culture, identity and power in the Roman Empire. Oxford: Routledge. p. 153-182.
- MORRETTA, S. (1999) Donne imprenditrici nella produzione e nel commercio dell'olio Betico (I- III sec. d.C.). *Saitabi*, v. 49, p. 229-245.
- MOSSÉ, C. (1999) Le travail des femmes dans l'Athènes de l'époque classique.

- Saitabi*, v. 49, p. 223-227.
- PANTEL, P. S. (1993) A história das mulheres na história da Antigüidade, hoje. In: PANTEL, P.S. (Dir.) **História das mulheres. A Antigüidade**. Tradução de Coelho, M. H. C. *et alli*. v. 1. Porto: Afrontamento. p. 591-603.
- PEDRO, J. M., GROSSI, M. P. (Orgs.) (1998) **Masculino, feminino, plural. Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Das Mulheres.
- PERROT, M. (1989) Práticas da Memória Feminina. Tradução de Cláudio H. de M. Batalha e Miriam P. Grossi. *Revista Brasileira de História*, v. 9, nº 18, p. 9-18, ago./set.
- POMEROY, S. B. (1978) **Donne in Atene e Roma**. Traduzione di Laura Comoglio. Torino: Einaudi.
- POMEROY, S. B. (1995) Women's identity and the family in the classical polis. In: HAWLEY, R. & LEVICK, B. **Women in Antiquity**. London: Routledge.
- RAGO, M. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade: gênero e educação*, v. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez.
- RAGO, M. (1998) Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J., GROSSI, P. (Orgs.) **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Das Mulheres.
- RAWSON, B. (1995) From 'daily' life to 'demography'. In: HAWLEY, R. & LEVICK, B. **Women in Antiquity**. London: Routledge. p. 1-20.
- SAFFIOTI, H. J. B. (1992) Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. p. 183-215.
- SALLER, R. P. (1998) Symbols of gender and status hierarchies in the Roman household. In: JOSHEL, S. R., MURNAGHAN, S. (Eds.) **Women and slaves in Greco-Roman culture**. London/New York: Routledge. p. 85-91.

- SAVUNEN, L. (1995) Women and elections in Pompeii. In: HAWLEY, R., LEVICK, B. **Women in Antiquity**. London: Routledge.
- SCOTT, J. (1988) **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press.
- SCOTT, J. (1994) Prefácio a *Gender and Politics of History*. Tradução de Mari-za Corrêa. **Cadernos Pagu** (Campinas), v. 3, p. 11-27.
- SCOTT, J. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade: gênero e educação**, v. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez.
- SHARROCK, A. (1997) Re(ge)ndering gender(ed) studies. **Gender & History**, v. 9, nº 3, p. 603-614, nov.
- SKINNER, M. (1997) Introduction. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities**. New Jersey: Princeton.
- THOMAS, Y. (1990) A divisão dos sexos no direito romano. In: PANTEL, P. **História das Mulheres. A Antigüidade**. Porto: Afrontamento.
- TILLY, L. A. (1990) Genre, histoire des femmes et histoire sociale. **Génese**, v. 2, p. 48-166.
- TREGGIARI, S. (1975) Jobs in the Household oh Livia. **PBSR**, 43, nº 30, p. 48-77.
- TREGGIARI, S. (1976) Jobs for women. **AJAH**, 1, p. 76-104.
- TREGGIARI, S. (1981) Questions on women domestics in the Roman west. In: **Schiavitù, manumissione e classi dipendenti nel mondo antico**. Atti del Colloquio Internazionale su la Schiavitù. Roma: L' Erma. p. 185-201.
- WILL, E. L. (1979) Women in Pompeii. **Archaeology**, v. 32, nº 5, p. 34- 43.

4.2 Sexualidade, corpo e amor

- ALBERTI, B. (1999) Los cuerpos en Pre historia: más allá de la división entre sexo/gênero. In: P. P. A. Funari, E. G. Neves, I. Podgorny (Orgs.), *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul*. São Paulo, MAE-USP / IFCH-UNICAMP / FAPESP. 402 pp. (publicado em 2000). p. 57-68.
- BING, P., COHEN, R. (1991) *Games of Venus*. An Anthology of Greck and Roman erotic verse from Sappho to Ovid. London: Routledge.
- BOSWELL, J. (1990) Concepts experience and sexuality. In: STEIN, E. (Ed.) *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York/London. p. 133-73.
- CANTARELLA, E. (1991) *Según la natura*. La bisexualidad en el mundo antiguo. Tradução de María del Mar L. Garcia. Madrid: Akal.
- CANTARELLA, E. (1999b) *Pompei*. I volti dell'amore. Milano: Mondadori.
- CAPLAN, P. (Ed.) (1996) *The Cultural construction of sexuality*. 7ª ed. London: Routledge. (Primeira edição de 1987)
- CASCAJERO, J. (1991) Aidez sexual de la mujer en la fábula greco-latina. In: ALVAR, J. B., BLÁNQUEZ, C., WAGNER, C. G. (Eds.) *Sexo, muerte y religión en el Mundo Clásico*. Madrid: Ediciones Clásicas. p. 91-124.
- D'AVINO, M. (1993) *Pompei proibita*. Erotismo sacro, augurale e di costume nell'antica città sepolta. Napoli: Procacciti.
- FOUCAULT, M. (1985) *História da sexualidade*. O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. v. 3, 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. (1990) *História da sexualidade*. O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. v. 2, 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

- FUNARI, P. P. A. (1995) Apotropaic symbolism at Pompeii: a reading of the graffiti evidence. *Revista de História*, 132, p. 9-17.
- FUNARI, P. P. A. (200_) Falos e relações sexuais: representações romanas para além da "natureza". In: FUNARI, P., SILVA, G., FEITOSA (200_). **A-mor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Ed. Unicamp.
- GALÁN, J. E. (1996) **La vida amorosa en Roma**. Madrid: Temas de Hoy.
- GRANT, M. (1975) **Erotic Antique in Pompeii**. New York.
- GRIMAL, P. (1991) **O amor em Roma**. Tradução de Hildegard F. Feist. São Paulo: Martins Fontes.
- GRUBBS, J. E. (1993) "Marriage more shameful than adultery": slave-mistress relationships, "mixed marriages", and late Roman law. *Phoenix*. v. 47, nº 2, p. 125-154.
- HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) (1997) **Roman sexualities**. New Jersey: Princeton.
- JACOBELLI, L. (1995) **Le pitture erotiche delle Terme Suburbane di Pompei**. Roma: L'Erma.
- JOHNS, C. (1982) **Sex or Symbol? Erotic images of Greece and Rome**. London: British Museum.
- KAJANTO, I. (1970) On divorce among the common people of Rome. *Revue des Études Latines*. T 47 bis, p. 99-130.
- KIEFER, O. (2000) **Sexual life in Ancient Rome**. London: Kegan Paul International. (Publicação de 1934)
- LARMOUR, D. et alli (Eds.) (1998) **Rethinking sexuality**. Foucault and Classical Antiquity. New Jersey: Princeton.
- MACHADO, L. Z. (1998) Masculinidade, sexualidade e estupro. *Cadernos Pagu*,

- 11, p. 231-273.
- MAMPASO, M. J. R. *et alli* (Eds.) (1994) **Roles sexuales**. La mujer en la historia y la cultura. Madrid: Clasica.
- MONTSERRAT, D. (Ed.) (1998) **Changing bodies, changing meanings**. London/New York: Routledge.
- PARKER, H. N. (1997) The teratogenic grid. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities**. New Jersey: Princeton. p. 47-65.
- QUIGNARD, P. (1994) **Le sexe et l'effroi**. Paris: Gallimard.
- RICOTTI, E. S. P. (1992) **Amori e amanti a Roma**. Tra republica e Impero. Roma: L'Erma.
- RICHLIN, A. (1983) **The Garden of Priapus**. Sexuality and aggression in the Roman Humor. New Haven: Yale University Press.
- RICHLIN, A. (1998) Foucault's History of sexuality: a useful theory for women? In: LARMOUR, D. H. J., MILLER, P. A., PLATTER, E. (Eds.) **Rethinking sexuality**. Foucault and classical antiquity. New Jersey: Princeton. p. 138-170.
- ROBERT, J. N. (1994) **I piacere a Roma**. Milano: Rizzoli. (Ed. Francesa de 1983)
- ROBERT, J. N. (1999) **Eros romano**. Sexo y moral en la Roma Antigua. Traducción de Eduardo B. Álvarez. Madrid: Complutense. (Ed. Francesa de 1997)
- SANT'ANNA, D. B. (Org.) (1995) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade.
- SCHMIDT, R. A., VOSS, B. L. (2000) **Archaeologies of sexuality**. London: Routledge.
- SENA, J. (1992) **Amor e outros verbetes**. Rio de Janeiro: Edições 70.
- SKINNER, M. (1997) Introduction. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.)

Roman sexualities. New Jersey: Princeton. p. 3-25.

TANNAHILL, R. (1994) **Storia dei costumi sessuali.** Traduzione di Anna Sor-delli. Milano: Bur. (Publicação inglesa de 1983)

THOMAS, Y. (1990) A divisão dos sexos no direito romano. In: PANTEL, P. **História das Mulheres.** A Antigüidade. Porto: Afrontamento.

VARONE, A. (2000) **L'erotismo a Pompei.** Roma: L'Erma.

WALTERS, J. (1997) Invading the Roman body: manliness and impenetrability in Roman thought. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities.** New Jersey: Princeton.

5. Gerais

ALFÖLDY, G. (1987) **História social de Roma.** Tradução de Victor Alonso Troncoso. Madrid: Alianza.

ANDERSON, M. L. (1990) Pompeii and america. In: **Rediscovering Pompeii.** Roma: L' Erma. p. 92-102. (Edição bilingue: italiano/ inglês)

ANDREAU, J. O liberto. In: GIARDINA, A. (Dir.) (1992) **O homem romano.** Tradução de Maria J. V. Figueiredo. Lisboa: Presença. p. 149-165.

ARANTES, A. A. (1995) **O que é cultura popular.** São Paulo: Brasiliense.

BERRY, J. (1997) Household artefacts: towards a re-interpretation of Roman domestic space. In: LAURENCE, R., WALLACE-HADRILL, A. (Eds.) (1997) **Domestic space in the Roman world: Pompeii and beyond.** Portsmouth: Journal of Roman Archaeology, suppl. 22. p. 183-195.

BOLOGNA, F. (1990) The rediscovery of Herculaneum and Pompeii in the artistic culture of Europe in the eighteenth century. In: **Rediscovering Pompeii.** Roma: L' Erma. p. 78-91.

- BORGONGINO, M. (1999) Suburban agriculture. In: CIARALLO, A., De CAROLIS, E. (Eds.) **Pompeii. Life in a Roman town**. Mila: Electa. p 89-91.
- BURKE, P. (1989) **Cultura popular na idade moderna**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARRERAS, C., FUNARI, P.P.A. (1998) **Britannia y el Mediterraneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia**. Barcelona: Editorial de la Universidad de Barcelona.
- CARRERAS, C., FUNARI, P.P.A. (2000) Estado y mercado en el abastecimiento de bienes de consumo en el imperio romano: un estudio de caso de la distribución de aceite español en Britannia. *História econômica & história de empresas*. v. 3, nº 2, p. 105-121.
- COHEN, D. (s/d) The Augustan law on adultery: the social and cultural context. In: KERTZER, D.I, SALLER, R.P. (Eds) **The family in Italy**. New Haven/London: Yale University Press. p. 109-126.
- CONTICELLO, B. (1990) Rediscovering Pompeii. In: CONTICELLO, B. **Rediscovering Pompeii**. Roma: L' Erma. p. 2-25.
- CORNELL, T.J, LOMAS, C. (Orgs.) (1996) **Urban society in Roman Italy**. London: University College.
- CORNELL, T.J. (1996) War and urbanization in Roman Italy. In: CORNELL, T.J, LOMAS, C. (Orgs.) **Urban society in Roman Italy**. London: University College. p 121-134.
- CROOK, J. A. *et alli* (Ed.) (1994) The last age of the Roman Republic, 146-43 B. C. In: **The Cambridge Ancient History**. 2ª ed. New York: Cambridge University Press. V. IX.
- D'ORAZIO, L., MARTUSCELLI, E. (1999) Textiles in Pompeii: technology, industry and commerce. In: CIARALLO, A., De CAROLIS, E. (Eds.) **Pompeii. Life**

- in a Roman town. Mila: Electa. p 92-94.
- DAVIS, N. **Culturas do povo**. Sociedade e cultura no início da França moderna. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DAY, J. (1932) Agriculture in the life of Pompeii. *Yale Classical Studies*, III, p. 165-208.
- de CAROLIS, E. (1999) A city and its rediscovery. In: CIARALLO, A., DE CAROLIS, E (Eds) **Pompeii**. Life in a Roman town. Milan: Electa.
- de FRANCISCIS, A. (s.d.) **Pompei, civiltà e arte**. Museo Archeologico di Napoli. Oplontis, Ercolano, Stabiae. Napoli: Interdipress.
- de ROBERTIS, F. M. (1981) **Storia sociale di Roma. Le classi inferiori**. Roma: L' Erma.
- ÉTIENNE, R. (1971) **La vida cotidiana em Pompeya**. Tradución de Jose A. Miguel. Madrid: Aguilar. (Publicação francesa de 1967)
- FAVERSANI, F. (1999) **A pobreza no satyricon de Petrônio**. Ouro Preto/MG: Ed. UFOP.
- FINLEY, M. I. (1985) **A política no mundo antigo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- FINLEY, M. I. (1985a) **The ancient economy**. 2ª ed. London: Cambridge. (Publicado originalmente em 1973)
- FRANKLIN, Jr. J. L. (1991) Literacy and the parietal inscriptions of Pompeii. *Journal of Roman Archaeology*. Supp. Series, nº 3, p. 77- 98.
- FUNARI, P. P. A. (1987) Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia: da vertical da cidade ao horizonte do possível. *Revista Brasileira de História*, v. 7, nº. 13, p. 33-48, set/86-fev/87.
- FUNARI, P. P. A. (1989) **A cultura popular na Antigüidade Clássica**. São Paulo: Contexto.

- FUNARI, P. P. A. (1992) Caricatura gráfica e o ethos popular em Pompéia. *Clássica*, n. 1, p. 117-138.
- FUNARI, P. P. A. (1993) El carácter popular de la caricatura pompeyana. *Gerión*, n. 11, p. 153-173.
- GARDNER, J. F. (1989) The adoption of Roman freedmen. *Phoenix*. v. 43, nº 3, p. 236-257.
- GARNSEY, P., HOPKINS K., WHITTAKER, C. R. (Eds.) (1983a) **Trade in the ancient economy**. London: Duckworth.
- GARNSEY, P., SALLER, R. (Eds.) (2001) **The Roman Empire**. Economy, society and culture. 5ª ed. Great Britain: Duckworth. (Primeira publicação em 1987)
- GARNSEY, P., WHITTAKER, C. R. (Eds.) (1983b) **Trade and famine in Classical Antiquity**. Cambridge: Duckworth.
- GEORGE, M. (1997) *Servus and domus: the slave in the Roman house*. In: LAURENCE, R., WALLACE-HADRILL, A. (Eds.) **Domestic space in the Roman world: Pompeii and beyond**. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology, suppl. 22. p. 15-24.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONÇALVES, C. R. (1995) O simbolismo visual dos grafites na epigrafia latina popular pompeiana: 50-79 d.C. Assis. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- GONZÁLES, J. (Ed.) (1994) **Roma y las provincias**. Realidad administrativa e ideología imperial. Madrid: Clásicas.
- GRAHAME, M. (1995) **The houses of Pompeii: space and social interaction**.

Inglaterra: University of Southampton.

- GRANT, M. (1971) **Cities of Vesuvius**. Pompeii & Herculaneus. London: Phoenix Press.
- GUARINELLO, N. L. (1985) Análise espacial de um edifício rural de época romana – a villa da localidade de Setti Termini no ager pompeianus. *Dédalo*. nº 24, p. 207- 235.
- GUZZO, P. G. (1997) L'arte del possibile. *Rivista di Studi Pompeiani*. Associazione internazionale amici di Pompei. Roma, v. VIII, p. 7-9.
- HALL, M. (1999) Subaltern voices? Finding the spaces between things and words. In: FUNARI, P.P.A., HALL, M., JONES, S. **Historical Archaeology**. Back from the edge. London/New York: Routledge. p. 193-203.
- HARRIS, W.V. (Ed.) (1993) **The inscribed economy**. Production and distribution in the Roman empire in the light of *instrumentum domesticum*. London: Ann Arbor.
- HERVÁS, J. M. R. (s/d) **Historia de Roma**. La Republica romana. 4ª ed. Madrid: Cátedra.
- HOPE, V. (2000) Status and identity in the Roman world. In: HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome**. Culture, identity and power in the Roman Empire. Oxford: Routledge. p. 125-152.
- HORSFALL, N. (1996) **La cultura della plebs romana**. Barcelona: PPU.
- JONES, S. (1997) **The Archaeology of ethnicity**. Constructing identities in the past and present. Londres: Routledge.
- JONGMAN, W. (1991) **The economy and society of Pompeii**. 2ª ed. Amsterdam: Gieben.
- JOSHEL, R., MURNAGHAN, S. (Eds.) (1998) **Women & slaves in Greco-Roman culture**. London/ New York: Routledge.

- KAJANTO, I. (1968) The significance of non-latin cognomina. *Latomus*. Revue d'estudes latines. v. 27, nº 3, p. 517-532, jui-sept.
- KALENDO, J. (1979) Elements pour une enquete sur l' iconographie des esclaves dans l' art hellenistique et romain. *Schiavitù, manomissione e classi dipendenti nel mondo antico*. Atti del Colloquio Internazionale. Roma, L' Erma. p. 161-173.
- KEAY, S. (Ed.) (1998) The archaeology of early Roman Baetica. *Journal of Roman Archaeology*. Suppl. 29.
- LAURENCE, R. (1994) *Roman Pompeii*. Space and society. London: Routledge.
- LAZZARINI, L., CONCELLIERE, S. (1999) A note on imported marble, stone and stoneworking in Pompeii. In: CIARALLO, A., De CAROLIS, E. (Eds.) *Pompeii*. Life in a Roman town. Mila: Electa. p 97-99.
- LOS, A. (1987) Les affranchis dans la vie politique à Pompei. *Mefra*, 99, nº 2, p. 847-873.
- MAIURI, A. (1953) *La peinture romaine*. Suisse: Copyright.
- MAIURI, A. (1954) Presentazione. In: DELLA CORTE, M. *Case ed abitanti di Pompei*. Roma: L'Erma.
- MOELLER, W. O. (1966) The lanifricarius and the officinae lanifricariae at Pompeii. *Technology and culture*. v. 7, p. 493-496.
- NAPPO, S. (1997) The urban transformation at Pompeii in the late third and early second centuries B.C. In: LAURENCE, R., WALLACE-HADRILL, A. (Eds.) *Domestic space in the Roman world: Pompeii and beyond*. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology, suppl. 22. p. 91-120.
- NICOLET, C. (1992) O cidadão e o político. In: GIARDINA, A. (Dir.) *O homem romano*. Tradução de Maria Jorge V. Figueiredo. Lisboa: Presença. p. 19-48.
- PARCA, M. (2001) Local languages and native cultures. In: BODEL, J. (Ed.) *Epi-*

- graphic Evidence.** Ancient history from inscriptions. London/New York: Routledge. p. 57-72.
- PATLAGEAN, E. (1990) A história do imaginário. In: Le GOFF, J. A História Nova. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. p. 292-309.
- PESANDO, F. (1997) *Domus: edilizia privata e società pompeiana fra III e I secolo a. C.* Roma: L'Erma.
- POLANYI, K. (1957) The economy as instituted process. In: POLANYI et alii. *Trade and market in the early Empires.* New York. p. 234-269
- REMESAL R., J. (1986) *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania.* Madrid: Universidad Complutense.
- REMESAL R., J. (1998) Baetican olive and the Roman economy. In: KEAY, S. (Ed.) *The archaeology of early Roman Baetica. Journal of Roman Archaeology.* Suppl. 29, p. 183-199.
- ROSTOVITZ, M. (1972) *Historia social y económica del Imperio Romano.* Traducción de L. Ballesteros. Madrid: Espasa/Calpe.
- SALLER, R. (2001) The family and society. IN: BODEL, J. BODEL, J. (Ed.) (2001) **Epigraphic Evidence.** Ancient history from inscriptions. London/New York: Routledge.
- SALOMIES, O. (2001) Names and identities: onomastics and prosopography. In: BODEL, J. (Ed.) **Epigraphic Evidence.** Ancient history from inscriptions. London/New York: Routledge. p. 73-94.
- SCHIFFER, M. (1985) Is there a Pompeii premise? *Journal of Anthropological Research.* v. 41; p. 18-41.
- STAMBAUGH, J. E. (1992) *Roman city.* 2ª ed. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press.

- STEFANI, G. (1994) **Pompei**. Vecchi scavi sconosciuti. Roma: L' Erma.
- TANZER, H. H. (1939) **The common people of Pompei**. A study of the graffiti. Baltimore: The Johns Hopkins Press.
- THÉBERT, Y. (1992) O escravo. In: GIARDINA, A. (Dir.) **O homem romano**. Tradução de Maria J. V. Figueiredo. Lisboa: Presença. p. 119-145.
- TINHORÃO, J. R. (2001) **Cultura popular**. Temas e questões. São Paulo: Editora 34.
- TREGGIARI, S. (s/d) Ideals and practicalities in matchmaking in Ancient Rome. In: KERTZER, D.I, SALLER, R.P. (Eds) **The family in Italy**. New Haven/London: Yale University Press.
- VARONE, A. (1990) Iscrizioni. In: CONTICELLO, B. **Rediscovering Pompeii**. Roma: L' Erma. p. 148.
- VARONE, A. (1990) Le voci degli antichi: itinerario pompeiano tra pubblico e privato. In: CONTICELLO, B. **Rediscovering Pompeii**. Roma: L' Erma. p. 26-41.
- VARONE, A., MARTURANO, A. (1997) L' eruzione vesuviana del 24 agosto del 79 d. C. attraverso le lettere di Plinio il Giovane e le nuove evidenze archeologiche. **Rivista di Studi Pompeiani**. Associazine internazionale amici di Pompei. Roma: L'Erma, v. VIII, p. 57-72.
- VEYNE, P. (1961) Vie de Trimalcion. **Annales**. v. 16, nº 2, p. 213-247, mars-avr.
- VEYNE, P. (Org.) (1990) O Império Romano. In: ARIÈS, F., DUBY, G. (Dir.) **História da vida privada**. Do Império Romano ao ano mil. Tradução de Hildegard Feist. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras.
- WALLACE-HADRILL, A. (1990) The social spread of Roman luxury: sampling Pompeii and Herculaneum. **Papers of the British Scholl at Rome**. v. 43, new series 45, p. 145- 192.

- WALLACE-HADRILL, A. (1994) **Houses and society in Pompeii and Herculaneum**. Princeton: Princeton University Press.
- WALLACE-HADRILL, A. (s.d.) Public honor and private shame: the urban texture of Pompeii. In: CORNELL, T. J., LOMAS, K. (Eds.) **Urban society in Roman Italy**. London: UCL Press. p. 39-62.
- WASSERMANN, R, LUZ, S. R. (2000) Sexo à moda romana. *Veja*. Revista semanal de 17 de março, p. 70-73.
- WHITTAKER, C.R. (1985) Trade and the aristocracy in the Roman empire. *Opus*. nº4, p. 1-27.
- WHITTAKER, C.R. (1992) O pobre. In: GIARDINA, A. (Dir.) **O homem romano**. Tradução de Maria J. V. Figueiredo. Lisboa: Presença. p. 225-246.
- ZANKER, P. (1998) **Pompeii**. Public and private life. Translated for Deborah L. Schneider. Massachusetts: Harvard Press.
- ZEVI, F. (1996) Pompei dalla città sannitica alla colonia silanna: per un'interpretazione dei dati archeologici. In: Les élites municipales de l'Italie péninsulaire des Gracques à Néron. **Actes de la table ronde internationale de Clermont-Ferrand**. Naples - Rome. p. 125 -138.

Índice de Inscrições Analisadas:

Número	Página	Número	Página	Número	Página
0910	113	2176	125	4858	140
1230	145	2246	125	4933	149
1331	135	2265	125	4966	096
1397	148	2321	149	4971	100
1410	147	2393	152	5251	144
1503	126	2414	142	5296	097
1574	152	2457	151	5358	149
1578	135	2983	113	6842	101
1645	137	3061	146	6865	142
1649	137	3149	143	7086	094
1665	147	3691	101	7679	094
1796	146	3925	134	8137	139
1819	146	3935	126	8177	140
1824	101	3999	134	8258	144
1837	142	4087	149	8259	144
1898	096	4091	095	8364	141
1928	148	4196	127	8408	104
1970	139	4239	126	8627	150
1991	141	4264	135	8657	150
2038	113	4304	133	8670	150
2060	147	4477	151	8676	150
2081	133	4491	138	8698	134
2146	140	4498	153	8767	152
2175	125	4659	095	9123	138
				10150	132